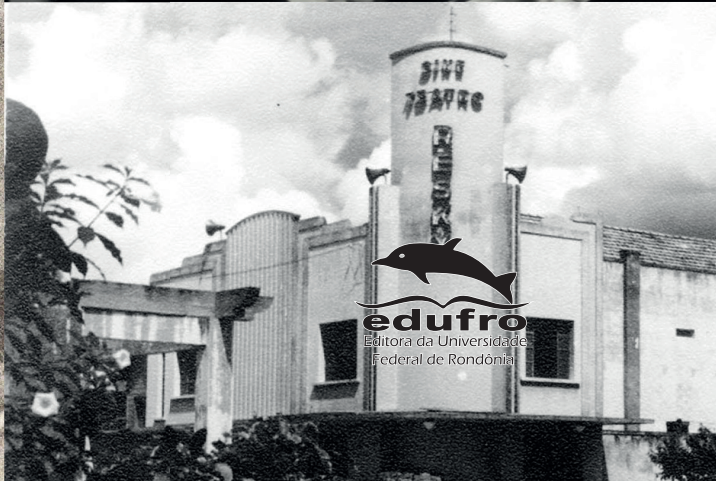


# MEMÓRIA

relatos do teatro  
de Rondônia

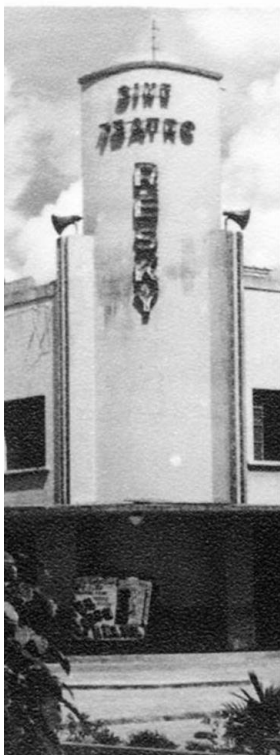
VALDETE SOUSA (Org.)



# MEMÓRIA

RELATOS DO TEATRO DE  
RONDÔNIA

---





FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

Reitora **Marcele Regina Nogueira Pereira**  
Vice-Reitor **José Juliano Cedaro**



EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

CONSELHO EDITORIAL

Presidente **Lou-Ann Kleppa**  
**Carlos Alexandre Barros Trubiliano**  
**Cristiane Marina Teixeira Girard**  
**Gean Carla Silva Sganderla**  
**Geane Valesca da Cunha Klein**  
**Heloisa Helena Siqueira Correia**  
**Júlio César Schweickardt**  
**Márcio Secco**  
**Oswaldo Copertino Duarte**  
**Pedro Ivo Silveira Andretta**  
**Xênia de Castro Barbosa**

Editora Filiada



Associação Brasileira  
das Editoras Universitárias

Edufro - Editora da Universidade Federal de Rondônia  
BR 364, Km 9,5  
Campus Unir  
76801-059 - Porto Velho - RO  
Tel.: (69) 2182-2175  
[www.edufro.unir.br](http://www.edufro.unir.br)  
[edufro@unir.br](mailto:edufro@unir.br)

# MEMÓRIA

## RELATOS DO TEATRO DE RONDÔNIA

Valdete Sousa  
(Organizadora)



Porto Velho - RO

© 2022 by Valdete Sousa (Organizadora)  
Esta obra é publicada sob a Licença Creative Commons  
Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.



**Capa:**  
**Camila Vieira Vilarim de Sá**

**Fotos:**  
**Valdete Sousa/fotos arquivo pessoal**

**Revisão:**  
**Alzimar Rodrigues Ramalho**

**Projeto gráfico:**  
**Edufro - Editora da Universidade Federal de Rondônia**

**Diagramação:**  
**Alcindo Donizeti Boffi**

**Impressão e acabamento:**  
**Seike & Monteiro Editora**

**Aprovado no Edital 2019/EDUFRO**

**Fotos:**  
**As fotos fazem parte de arquivos pessoais de artistas cedidas para as pesquisas:**  
**Foto 1 - do Teatro Resky; Foto 2 – Tainá Sousa em À Margem; Foto 3: Firminetto**  
**Mendes como Ourino Fedegoso.**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação**  
**Fundação Universidade Federal de Rondônia UNIR**  
**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UNIR**

---

F981 Fundação Universidade Federal de Rondônia.

Memória: relatos do teatro de Rondônia o rganização Valdete Sousa. Porto  
Velho, RO / Fundação Universidade Federal de Rondônia UNIR / EDUFRO 2022

104 p.; il.

ISBN: 978 65 87539 84 3 (Digital)

ISBN: 978 65 87539 86 7 Físico

DOI: 10.47209/978 65 87539 84 3

1. Arte s Cênica s . 2. Teatro . 3. Teatro na Amazônia I. Sousa , Valdete II. Titulo . III .  
Fundação Universidade Federal de Rondônia. IV. EDUFRO.

CDU 792(811.1)

*Este livro é dedicado aos artistas e técnicos em Artes Cênicas de Rondônia que constroem a história em cada cena. É dedicado a Alejandro Bedotti, que contribuiu com muitas linhas dessa história.*



*Agradecemos às pessoas que contribuíram com as pesquisas, aos orientadores e às famílias que compreenderam as muitas horas que nos mantivemos distantes pela exigência do trabalho.*





# Sumário

11	VOZES DA MEMÓRIA
13	1. A ARTE CÊNICA EM RONDÔNIA
55	2. WANKABUKI: O PALCO É A VIDA!
89	3. MEMÓRIAS DA MARGEM: O NÃO-RIO, AS LAVADEIRAS E A HISTÓRIA QUE RENASCE



# VOZES DA MEMÓRIA

Organizar as vozes que falam de boca em boca os contos do passado. Da primeira pesquisa aqui apresentada até a última, se passaram mais de dez anos. Das inquietações de uma acadêmica de Licenciatura em Letras-Português e Literatura até a visão poética da grande reportagem escrita pelo graduando de Licenciatura em Teatro. Passando pelas memórias de um personagem que narra, em primeira pessoa, sua trajetória pelo teatro em uma cidade do interior da Amazônia na linguagem de livro-reportagem.

O universo ainda inexplorado da escrita a respeito das produções teatrais em Rondônia é rico e cheio de lacunas que o tempo e o descuido com a história estão promovendo. Em mais de cem anos de ocupação, poucas são as narrativas que constam aqui e ali uma passagem sobre a presença do teatro no Estado.

O trabalho de pesquisa é, sobretudo, um ato de perseverança, um garimpo minucioso em revistas, jornais e arquivos pessoais. Ademais, é fé e desapego dos colaboradores que abrem suas vidas, emprestam suas memórias e, entre sorrisos, recontam o passado, em longas conversas. Como um quebra-cabeça, a história flutua pelos anos esperando ser montada, decifrada e reunida em páginas.

Não deciframos por completo; as linhas da história são contínuas e se movem a cada segundo. Plantamos a semente da pesquisa, esperançosos de ter provocado a curiosidade em pesquisadores e leitores.



A ARTE CÊNICA  
EM RONDÔNIA

# 1. A ARTE CÊNICA EM RONDÔNIA

Valdete Sousa

O teatro tem uma história específica, capítulo essencial da história da produção cultural da humanidade. Nesta trajetória o que mais tem sido modificado é o próprio significado da atividade teatral: sua função social.

(Fernando Peixoto)

## **Introdução**

O objeto de pesquisa discutido no presente artigo é o desenvolvimento das artes cênicas no estado de Rondônia, tema abordado na Monografia de conclusão de curso em Licenciatura em Letras-Português e Literatura, sob o título *O Desenvolvimento do Teatro em Rondônia*. Portanto, esta pesquisa delinea a trajetória que a história do teatro em Rondônia trilhou, desde suas primeiras manifestações até o ano de 2008, sob o ponto de vista histórico, artístico e social.

O tema escolhido justifica-se, pois não existem no estado, até o presente momento, pesquisas nesta área e não há registros que digam como, quando, ou mesmo se ocorrem essas manifestações. O objetivo geral desta pesquisa fixa-se na arte cênica em Rondônia tomando por base os acontecimentos nos municípios de Porto Velho, Ji-Paraná, Cacoal e Vilhena, observando qual a contribuição que o teatro proporciona a essas comunidades, bem como a trajetória que percorreu ao longo da história. Os objetivos específicos referem-se à pesquisa e a catalogação dos principais grupos, atores e técnicos em artes cênicas que estão em exercício no momento ou que tiveram relevância na história do teatro local. Fez-se, também, um levantamento de registros que comprovam a origem da arte teatral no Estado.

A fim de cumprir o propósito mencionado, foi feito um estudo de desenvolvimento, utilizando como instrumentos para coletas de informações entrevistas e formulários, além de pesquisas nos bancos de dados existentes no Estado, como o Centro de Documentação de Rondônia, NIMPI – Núcleo Informatizado de Memória e Pesquisa do IFRO, Bibliotecas municipais e órgãos ligados ao teatro: SATED – Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos e Diversões e FETER- Federação de Teatro de Rondônia. Mas, grande parte da pesquisa foi obtida através da história oral documentada nas entrevistas e em documentos de arquivos pessoais.

A pesquisa inicial, apresentada como trabalho de conclusão do Curso de Letras, passou por algumas alterações para a publicação neste livro, pois são 12 anos de distância entre a data da pesquisa inicial e a atualidade. Nesse intervalo, mais recursos foram disponibilizados, o que facilitou a atualização dos dados. Ademais, a disposição de vídeos com entrevistas e outras informações na internet e os jornais digitalizados pelo NIMPI foram cruciais para os avanços, possibilitando acesso a material de pesquisa de relevante importância que proporcionou um número elevado de informações.

## **O Porto de partida**

As manifestações culturais no município de Porto Velho, no início do séc. XX, podem ser observadas no Jornal Alto Madeira, que inicia suas atividades em abril de 1917. Notas dedicadas a tratar de assuntos de arte e entretenimento aparecem no periódico, como podemos conferir na edição do ano I, nº 26, datada de 16 de agosto de 1917, onde consta a programação do Theatro da Associação Instrutiva, Recreativa e Beneficente de Porto Velho, intitulada “Serata litteraria:”

*Como dizemos em nosso número passado realizar-se-á domingo 19 do corrente no teatro da Associação Instrutiva Recreativa e Beneficente de Porto Velho uma Serata Litteraria promovida por diversos intellectuais de nosso meio elegante que certamente será uma das lindas reuniões da semana. Va-*

*mos, a seguir o programa que assim ficou confeccionado: “Constelações” poesia de Hermes Fontes cantada ao violão pelo senhor doutor Amaro Lopes; “Os coxos” monólogo recitado pelo senhor João Soares Braga; “Canção de viagem” pelo Dr. Santos Júnior; “A romã” canção pelo senhor Antônio Lopes “O meu desejo” soneto recitado pelo senhor Nelson Silva; “Um pouco de prosa” pelo Dr Martinho Pinto “Bisbilhotices” pelo Capitão Amazonas Lobato “Meu bairro” versos recitados pelo João Monte Maria; “Iolanda” pelo senhor João Batista de Medeiros.*

Nesse período, o jornal era publicado quinzenalmente e, ao longo de 1917, há convites para eventos, sessões de cinemas e espetáculos. O *Theatro da Associação Instrutiva, Recreativa e Beneficente* (AIRB) é palco de muitas atividades artísticas que, aliado ao *Theatro Phenix*, são os locais de diversão e arte. Na mesma edição nº 26, sob o título de *Festa Artística*, há notícia de evento ocorrido na data de 13 de agosto de 1917, com participação da cantora italiana Renata Yolanda e, junto, apresentações de outros artistas e poetas, dentre eles: “O Sr. Arthur Mori, na sua estréia foi feliz, revelando-se um fino conhecedor dos segredos mímicos do palco.” (Alto Madeira: n. 26, Ano I)

Há frequentes citações no periódico do nome Irmãos Rosas, proprietários do empreendimento Rosas e Irmãos Ca. ao qual pertencia o *Theatro Phenix*. Percebe-se que Amaro Rosas preocupa-se em manter as sessões de cinema, pois em diversas notas do Alto Madeira há menções dos esforços que os Irmãos fazem para trazer novas películas para Porto Velho. Segundo Silvio Santos (2017):

*Na Rua da Palha também tinha o Cine Teatro ‘Fênix’ construído todo de madeira e coberto de zinco, com palco para encenação de peças teatrais e para o piano que acompanhava a cenas dos filmes mudos, um bar e um salão de jogo de bacará. Era o único centro de diversão do povo e o paraíso dos marlandros e desocupados.*

A primeira década do século XX em Rondônia é marcada por manifestações artísticas promovidas para atender aos anseios da alta sociedade,



festas e bailes beneficentes, saraus, noites literárias e bailes de Carnaval. Percebe-se que, mesmo distantes dos grandes centros, os moradores mantêm-se atualizados dos fatos, da moda e da arte que se produzia pelo mundo, as fitas de cinema com as estrelas do momento, a poesia da Europa ou do Rio de Janeiro. As companhias viajeras chegavam até a região trazendo artistas conhecidos no Rio de Janeiro, como a artista Hortênsia Santos, da Companhia de variedade Luso-hispano-brasileira, que estreia espetáculos, em 12 de outubro de 1917, no *Theatro* da A. I. Recreativa e Beneficente: Opereta em um ato - “Música clássica”, e *vaudeville* em um ato - “Uma para dois”, “Raiz Maravilhosa”, “Hydrophoba” e “Vizinha Ernestina”. (Alto Madeira de 14/10/1917, ano I, nº 43). O termo *veudeville ou voix de vire*, segundo Patrice Pavis (2008, p. 427), era um espetáculo que misturava canto, dança, acrobacias e monólogos, até o início do século XVIII. No século XIX, Scribe, Labiche e Feydeau alteram para uma comédia de intriga, uma comédia ligeira, sem pretensão intelectual.

O *Theatro Phenix* recebe espetáculos estrangeiros em 1º de dezembro de 1917, em alusão à data comemorativa da Restauração da independência de Portugal, assinalando o golpe revolucionário de 1º de dezembro de 1640, que acabou com o domínio da dinastia filipina sobre Portugal. Sob o título *Palcos e Telas*, o Alto Madeira (25/11/1917, ano I, nº 55) apresenta a seguinte programação: “Em fraldas de camisa ou Cartório especial de queixas e reclamações” anúncio de espetáculo de comédia a ser encenado no teatro, a citação em latim que o jornal trás: “teve em mira *Ridendo Castigat mores*” (rindo castiga os costumes), faz menção ao teatro sático.

Em 1919, Porto Velho passa pelo segundo processo eleitoral e, nesse momento, inicia-se um período muito produtivo com importantes modificações sociais, com a ascensão do Padre Doutor em Teologia, Raimundo Oliveira, à Superintendência de Porto Velho, sendo eleito pelo voto popular em 1º de dezembro de 1919 pelo Partido Republicano Conservador. Em sua gestão ocorrem importantes realizações para a igreja católica, educação e para a arte. Lança a pedra fundamental da catedral de Porto Velho, em 03 de maio de 1917, onde atualmente é a Catedral Sagrado Coração de Jesus; inaugura um curso gratuito e público de catecismo e civilidade no ano de

1921 e, posteriormente, foi fundada a Escola Particular Gratuita Tobias Barreto. Em 1922, foi fundado o Colégio Dom Bosco, sediado ao lado da Igreja matriz. No mesmo ano, é criado o “Syndicato de Artistas e Operários de Porto Velho”, como apontado por Melo (2014, p. 129):

*Não se furta, também, ao coleguismo do prefeito Raimundo Oliveira as sessões da Sociedade Beneficente de Artista e Operários, cuja sessão de 1º de maio de 1922, segundo Cantanbede (1950, p. 113) ocorrida às 16 horas fora presidida pelo Dr. Raimundo Oliveira. Dessa sessão nasce o Sindicato de Artistas e Operários.*

A posse da primeira diretoria do Sindicato foi publicada no Jornal Alto Madeira, ano VI, n. 517, datado de 04 de maio de 1922, que consta o Padre Raimundo como presidente da sessão que aconteceu no salão do Club Internacional:

*Considerou que as associações operárias constituem promessas de triunfo. Assim, a criação do “Syndicato de artistas e operários” cujos fins são úteis e vasos do humanismo é uma ideia grandiosa e que merece o amparo dos espíritos superiores. S.s terminou de baixo de estrondosa salva de palmas discursou em seguida sobre aquela festa o Rvd. Padre Dr. Raimundo de Oliveira que foi aplaudido. O senhor Manoel Bluhm agradeceu o comparecimento das autoridades, famílias, enfim de todos que tinham assistido o ato da posse. Encerrada a sessão foram servidos doces, bebidas finas aos presentes que se retiraram agradavelmente impressionados.*

A Associação Instrutiva, Recreativa e Beneficente de Porto Velho ou Club Internacional, como é denominado a partir de 1919, foi um importante local de apresentações artísticas que mantinha um corpo cênico com estrutura e organização. Consta no Jornal Alto Madeira a lista de pagamentos aos artistas participantes dos dois últimos espetáculos, despesas com figurinos, pagamento para músicos da orquestra, cabeleireiras e materiais gráficos. Ao final da nota há assinatura como “Corpo *Scenico* do Club Internacional”:

Figura 1 – Alto Madeira 1922, n.517 Ano VI

<b>INEDITORIAES</b>	
Para evitar mais exploração, damos abaixo um balanço da receita e despesa dos dois últimos espectáculos realizados no «Club Internacional», pelo seu Corpo Scenico.	
1º ESPECTACULO	
Pago a Chucre Jacob & irmão	111\$000
Pago a Elias Gorayeb	103\$000
Pago a José Antonio Filho	8\$000
Carretos	11\$500
Orchestra, pelo 1º espectáculo e 20 ensaios	110\$000
Petito de 5 calções	10\$000
Petito de 7 saias e 2 vestidos	35\$000
1 pincel	1\$500
Taxas	2\$000
Alvaide	800
2 collecções de programmas e bilhetes	35\$000
6 cadeiras	18\$000
Pago a Pedro Renda	21\$800
<b>RECEITA</b>	<b>266\$000</b>
<b>DEFICIT</b>	<b>108\$000</b>
2º ESPECTACULO	
Orchestra	40\$000
Pago a Elias Gorayeb	4\$000
Carretos	8\$000
Programmas	17\$000
Pago pela distribuição	2\$000
<b>RECEITA</b>	<b>179\$000</b>
<b>DEFICIT</b>	<b>52\$000</b>
Ahi fica, sem mais comentarios, O Corpo Scenico do «Club Internacional».	

<b>NOTAS E INFORMAÇÕES</b>	
Consta-nos que o corpo scenico do Club Internacional, está ensaiando varias comedias de grande successo para serem levadas a scena naquelle centro de diversões portovelhense na quinta-feira, 11 do corrente, em beneficio da construção do predio da Loja Maçonica União e Perseverança, que innumeris beneficios vem prestando a nossa população.	

No início do século XX, percebe-se que a Igreja Católica é um propulsor para as manifestações artísticas, tendo em vista que os espetáculos, em diversos momentos, eram produzidos com fim de arrecadar fundos para as obras da igreja. Vê-se que, nessa década, há espetáculos teatrais ensaiados ou produzidos com o fim de serem levados à cena: pequenas produções de improvisos, operetas, peças líricas, monólogos e festas populares. Há inúmeras referências ao Corpo Cênico do Club Internacional realizando espetáculos para angariar fundos em prol de construções.

Personagem importante para a história do teatro em Rondônia é Dona Labibe, que chega em Rondônia em 1912, vinda de Manaus, com seus pais, Sr. Munhanrad Aiéchea e a Sr<sup>a</sup> Maria Abraão Elias, que possuem uma casa comercial na rua da Palha. Nas publicações de Porto Velho da pri-

meira década do séc. XX, não há menções ao nome Labibe Aiché Bartholo. Somente a partir de 1925, quando se casa com Joaquim Bartholo, operário mecânico das oficinas da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, matérias que aparecem seu nome passam a figurar no periódico. Em 1938, surge a *Troupe Alex – Carola*, grupo de teatro amador composto por pessoas da comunidade, dentre elas Labibe e Joaquim (Carola), conforme destaca o Alto Madeira, Ano XXII, nº2206:

*Hoje, às 8 e ½ em ponto, no salão Theatro “União e Perseverança” a aplaudida Troupe regional Alex-Carola dedicará um espetáculo em respeito e admiração aos talentosos Drs. Moacir Silva e Jayme Távora em comissão oficial do Ministro da Viação e Obras Públicas nessa cidade. É este o programa organizado caprichosamente pelos elementos componentes da Troupe: 1ª parte – hilariante comédia em I acto denominada: “O Engano da peste”. Personagens: Lucinda (viúva), Lourdes – Carmen (sua filha), Labibe – João Boato (matuto), Tony – Manoel Rego (caixeiro viajante). 2ª parte – A engraçadíssima comédia em I acto intitulada: “Oh! Pau bom damnado”. Personagens: Esther (esposa futurista), Lourdes – Borges (marido), Alex – Teixeira (caipira), Carola. 3ª parte – Um bem-organizado acto de variedades intitulado: “Daquele Jeito...!” ornado com sketches, cortinas, sambas, valsa, ETC. É um verdadeiro sucesso.*

A Trupe Alex-Carola é citada participando de outros eventos, como a Semana da Pátria, que se compunha de uma programação cívico-militar. O Alto Madeira, Ano XXII, s/n, de 11 de setembro de 1938, apresenta a seguinte notícia:

*No Theatro Salesiano, às 20 horas, realizou-se o espetáculo popular com chistosas comédias levada a cena pela esforçada troupe Alex-Carola composta de elementos da sociedade local. O vasto âmbito do teatro achava-se repleto de espectadores que aplaudiam calorosamente artistas amadores.*

O grupo teatral permanece ativo, pois em 17 de outubro de 1943, Alto Madeira, Ano XXVII, n.2731, traz a seguinte nota com diversos elogios aos artistas que compõe a trupe:

*Embora tardiamente, somente hoje nos foi possível dizer algo sobre a rentrée da trupe de amadores teatrais de nossa cidade. Patrocinado pela Presidente do Centro Municipal da Legião Brasileira de Assistência Sr<sup>a</sup>. D. Joaquina Gomes de Araújo Lima, podemos assistir na noite de dois do corrente ao Festival que nos deu momentos deliciosos. A ressurreição do clássico Carola e do sisudo (pudera!) Alex, trazendo das cinzas do esquecimento uma das reminiscências de Porto Velho, foi segundada pela aparição de novos elementos. Labibe, esteve num dos seus dias ao interpretar Germana. Jacyra, a baby de rosto suave, jogou com os trunfos na sua estreia. Claudina, deixou patente o seu talento artístico interpretando todos os papéis que lhe confiaram. A garotinha que cantou “Meu mulato”, esteve ótima. A criadinha do barulho (Nelze) fez muita gente estontear. E Alzira, essa cabocla cor de jambo (teus lábios têm cor de morangos) foi inimitável. Todos os elementos, tantos os masculinos (entre eles Raimundo e Chiesa) como os de sex-appeal, foram felizes. Os ruidosos aplausos demonstraram o gosto do público e ficou patente que a trupe Alex-Carola viverá maiores dias. Muito bem, seu Carola, nossos parabéns, seu Alex.*

Ao longo da história do teatro em Rondônia, vê-se que o cinema e o teatro caminham lado a lado. Alguns espetáculos eram projetados para entreter o público nos intervalos de trocas das fitas dos filmes exibidos no cinema. Neste contexto, a revista da Eletronorte (2005, p. 33) afirma que:

*As primeiras salas de espetáculos de Porto Velho eram de cinemas e algumas ofereciam condições para representações teatrais, como o Cinema Caripuna, Cine Teatro Phenix, Cine Rosas, Cinema Ideal, Cine Avenida, Cinema dos Padres, Cine Rocha, Cine Catega, Cine Brasil, Cine Teatro Resky, Cine Lacerda e outras salas que não foram registradas por nossos historiadores.*

Conforme Arimar Souza de Sá *et al.* (2000, p. 60), Porto Velho possuía alguns locais demarcados: “O Danúbio Azul, o Bancrévea, o Clube da Elite, onde aportava sem pudor a fina flor da rapiocagem. A casa Saudade e O mundo Elegante, os pontos chiques da moda”. O autor aponta, ainda, os encontros culturais do antigo Porto Velho Hotel, atual Unir Centro, local onde os principais artistas do município reuniam-se. Sabe-se que entre as

décadas de 1940 e 1960, grandes Companhias de Teatro como o Conjunto Teatral Brasileiro e a Cia. Tônia Carrero passaram pela Capital.

O grande momento para a arte deste período ocorre em 1950 com a inauguração do Cine Teatro Resky. Conforme a revista da *Eletronorte* (2005, p. 76):

*Porto Velho se rendeu fascinada a majestosa beleza do Cine Teatro (...) A partir daquele momento ele passou a ser o orgulho da população do então Território Federal do Guaporé.(...) Era o grande destaque onde o luxo e o requinte naquela nova sala de espetáculos empolgava.*

O prédio imponente, que foi construído em estilo “Art Decó”, impressionava os moradores do Território. As lâmpadas incandescentes davam destaque às linhas arquitetônicas. Segundo relatos, George Chediak Resky, proprietário do local, viajava por diversos países visitando, principalmente, os teatros da Broadway, em Nova York, de onde, provavelmente, vem a influência da arquitetura. Na capital, por volta de 1960, desenvolve-se o teatro radiofônico, feito através da Rádio Caiari, que possuía um espaço destinado à produção teatral. Conforme afirma Arimar Souza de Sá, havia “na hora do almoço o Ronaldo Medeiros e seu teatrinho infantil, pela Rádio Caiari, a incitar o ânimo cultural da garotada” e, segundo Alejandro Bedotti, “havia algumas cadeiras destinadas ao público e se fazia teatro na rádio.” (informação verbal)

## **O Auge do Movimento Teatral**

A década de 1970 foi fundamental para os acontecimentos que a sucederam. Rondônia recebe nesse período cerca de 280 mil imigrantes, dentre esses, vieram as personalidades que passaram a escrever a história do teatro no estado. A migração acontecia por diversos motivos, como a busca por oportunidades de trabalho. Alguns artistas vinham do eixo Rio-São Paulo para a região Norte fugindo da perseguição, ainda resquício da ditadura militar. Assim, Rondônia ganha alguns atores, diretores e autores, o que contribui para uma nova formação no teatro local, como a

chegada de dois artistas do Rio de Janeiro contratados pelo Sesc-RO para ministrar aulas de teatro, em Porto Velho: Alejandro Bedotti e Ângela Cavalcante. Assim como, em Cacoal, com a chegada de Chicão Santos em 1976; em Ji-Paraná, Firminetto Mendes em 1979 e, em Vilhena, Bráz Divino, em 1975.

Em 1976, há registros que comprovam a atividade teatral em Porto Velho. O grupo *Terra*, ao qual pertencia o artista plástico Geraldo Cruz e o prof. Oswaldo Gomes Oliveira, atuava, conforme afirma Geraldo, “com um forte cunho político, em decorrência dos resquícios do, ainda recente, golpe de 1964”. O grupo produziu o espetáculo *Bailado dos Sonhos*, texto de construção coletiva, e o texto poético intitulado *Terra*, levando aos palcos a temática do meio ambiente.

No interior do estado, o teatro de grupo começa a se estruturar, e em Vilhena surge o primeiro grupo de teatro intitulado *Semente*, em 1976. Era coordenado por Átila Ibanez e tinha como ator Bráz Divino. O *Semente* chegou a ensaiar a peça *Barrela* de Plínio Marcos, sem, no entanto, estrear o espetáculo. O grupo permanece ativo até meados de 1980.

Em Cacoal, o movimento teatral se torna latente a partir dos anos 1970 com a chegada de Chicão Santos, que havia passado um período em Brasília, onde teve contato com técnicas do teatro de Augusto Boal. Nesse momento, se fazia teatro nas escolas, nas quadras, nas igrejas, ainda sem grupo constituído, com artistas independentes. Em 1978, Chicão funda o *Grupo Revelação* que monta, em 1980, o espetáculo *As cataratas do Iguaçu*. Os ensaios aconteciam nas escolas de Cacoal junto aos alunos. Em 1981, com a chegada de um artista circense em Cacoal, o grupo aprende algumas técnicas de circo. Em 1983, chega a Cacoal Ricardo Moreira e Ednéia Sanches, que se juntam ao *Revelação* e fundam o *Grupo Asas*, que começa com 30 pessoas fazendo eventos grandes, tais como aniversário da cidade e animação de festas. Nesse momento, os ensaios aconteciam na escola Bernardo Guimarães. Com o *Asas*, montaram *Pluft, o fantasminha*, em 1984. Nesse período, usavam um espaço de um barracão cedido. Em 1986, Ricardo Moreira e Edinéia Sanches mudam-se para Porto Velho.

No mesmo ano, Chicão cria o grupo *Essência das coisas*, que ensaiava na escadaria da escola Carlos Gomes. Após, começam a usar a escola Cora Coralina para ensaios. Montaram *A revolta dos brinquedos*, teatro popular que, em parceria com a SEMEC, chegou a apresentar para cerca de mil pessoas. Havia um projeto de iniciação teatral nos bairros chamado “Salto Teatral”, no qual Chicão era professor. O grupo tinha um espaço cedido pela prefeitura chamado “Espaço 1”, por onde passaram muitos grupos do estado: Ângela, Bedotti, entre outros. Surge, ainda, o *Grupo Sol* que trabalhava com boneco junto com Cláudio Vrena.

Existe um consenso entre os artistas em Rondônia de que a década de 1980 foi extremamente produtiva. Esse fato é atribuído a diversas razões: I – em 24 de maio de 1978, há a regulamentação da profissão de artista e técnico em espetáculos e diversões, pela lei nº 6.533, e pode ter surtido um efeito energizante para os artistas que passam a organizar-se em grupos; II – o intenso fluxo de pessoas que migravam de outros estados; e III – a criação da FETEAR – Federação de Teatro Amador de Rondônia, em 1982, que ajudou a organizar o movimento. Assim, no final da década de 1970 e em toda a década de 1980, pode-se encontrar grupos teatrais nas cidades situadas ao longo da BR 364. Sobre a produtividade de grupos no Brasil em 1980, Rodrigues (2008, p. 4), conclui que:

*Pode-se então perceber que o teatro assume um papel de “frente de resistência” buscando alternativas para driblar este problema e conseqüentemente em meio a esta turbulência acarreta significativas mudanças no panorama do Teatro Brasileiro. O surgimento deste projeto grupal torna-se “um lugar” que fará a diferença, tanto para o teatro da década de 80 quanto estabelecerá uma consolidação das poéticas e estéticas desenvolvidas especificamente em cada grupo.*

Ângela Cavalcante e Alexandro Bedotti montam um grupo no Sesc, e trazem do Rio de Janeiro o espetáculo de bonecos *Panelândia*. Em seguida, fundam o grupo *Cipó* e montam um texto com temática regional *Rio que é rio é... gente* escrito por Alejandro Bedotti, que apresenta algumas lendas do folclore amazônico. Em entrevista, Ângela Cavalcante (2008) conta que:



*Quando chegamos aqui, viemos pelo Sesc, a gente encontrou boatos, mas na verdade, não vimos nada. Sabia-se que já tinha o Grupo Terra, O filho do homem (...) Então, criamos um grupo de teatro no SESC. Anos depois, começamos a apresentar a Panelandia, que era um espetáculo do Rio de Janeiro que estava em cartaz nos parques e jardins lá, tinha bonecos, tipo formas animadas. Juntamos as pessoas: era o Jango, Amauri, o Jota e nós, depois foi chegando mais gente. Então nós criamos o Grupo Cipó para montar um espetáculo para a Secretaria de Educação. Era sobre temas amazônicos e se chamava “Rio que é rio é... gente”. Aí começou o trabalho com o Grupo Cipó. (...) tivemos que ir embora do Território. No dia que estava virando Estado, nós voltamos, então viemos pra cá (...) e nós fomos ficando, então nós montamos o Quebra-cabeça.*

O grupo se desfaz e o casal funda, em 06 de setembro de 1982, o grupo de teatro amador *Quebra-cabeça*. Durante o período em que ficou ativo, montou diversos trabalhos, tais como: *Sapo Tarô-Bequê*, *Tempo bom com poesia pasquim*, *Banda Picolé*, *Rádio nossa de cada ouvinte*, que eram apresentados em praças e auditórios.

O *Grupo Êxodo* surge a partir de um conjunto de jovens que se reunia na Igreja Nossa Senhora das Graças, em Porto Velho, e passa a funcionar como entidade jurídica em 25 de julho de 1984, com o nome de *Clube Teatro Êxodo*. Tem como sócios fundadores José Monteiro, o jornalista Zogbi e Omedino Pandoja. O primeiro texto produzido foi *O filho do homem*, atualmente, *O homem de Nazaré*. O grupo possui cerca de 20 atores permanentes e, durante a temporada de apresentações, admite pessoas da comunidade para compor o elenco. Ao final, são cerca de 300 pessoas em cena.

Na Porto Velho da década de 1980, todos os dias surgia um novo grupo, pois o movimento teatral mostrava-se vivo e promissor. Citamos alguns dos que mais obtiveram destaque no período: *O Grupo Porantim*, ao qual pertencia o ator Jango Rodrigues (João Batista Lima Rodrigues), que trabalhou com teatro de bonecos junto com Cláudio Vrena, Xuluca Dantas e Juruna. Jango mantinha, com recursos próprios, um local denominado Espaço Curumim, destinado a receber artistas de outras localidades e a ser ponto de encontros culturais. Lu Rodrigues (2020) relata:

*Passei um mês em Porto Velho, em 1986, no espaço Curumim que era do Jango, todos os artistas do estado foram convidados para fazer as oficinas lá, era o lugar onde os artistas se reuniam para aprender e depois repassar para seus grupos das cidades do interior. O espaço Curumim era onde se guardava a documentação e tudo que acontecia nessa época era lá.*

O grupo *Água de Chocalho* foi fundado em 10 de abril de 1986. Consta no programa de divulgação do espetáculo que o grupo, desde sua formação, se preocupa em desenvolver um trabalho voltado a problemas sociais. Em 1987, viajam com os espetáculos *Quem matou Zefinha* e *Chico rei* pelos Estados do Paraná, Rio Grande do Sul, Sergipe, Paraíba, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Ceará, Maranhão, Goiás e Distrito Federal, fazendo também, uma temporada de 15 dias em Montevideu, no Uruguai. O *Água* foi homenageado no Festival Nacional de Campina Grande com o espetáculo *Quem matou o Zefinha*. Realizou as seguintes montagens: *Chico Rei*, um clássico para adultos; *Quem matou o Zefinha*, teatro de rua; *Com Beira na beira do rio Madeira*, espetáculo regional, Pimpão, alegria e confusão, espetáculo infantil. O ator Xuluca Dantas era bonequeiro do *Água* de chocalho, que foi um espaço pelo qual passaram muitos outros atores que atuam no teatro local, como é o caso de Bráz Divino, Greg Silva e Lu Rodrigues. Segundo afirmam alguns atores, o *Água* foi o primeiro grupo a circular um espetáculo em âmbito nacional e a romper fronteiras. Bráz Divino (2020) fala sobre a circulação:

*Era um grupo bastante heterogêneo, muitas personalidades ímpares, dentre elas eu. O Água de Chocalho começou em Cacoal e foi para Porto Velho, morávamos juntos em forma de república, era uma família. Foram três espetáculos: Quem matou Zefinha, de Virgínia Lúcia (Aracajú), Chico Rei, de Valmir Aiala, e tinha mais um de boneco que não me recordo. Os bonecos todos feitos de isopor, esculpidos por Xuluca, que era um artista completo: cantava, tocava, sapateava, muito habilidoso, muito ágil, que infelizmente faleceu no rio Madeira, exercendo atividade na educação, ele era professor também. (...) É verdade, passamos por Pelotas, Jaguarão, Tubarão e Montevideu, tiveram outras cidades que não me recordo. Fomos apresentando daqui lá, paramos*

*em Curitiba e participamos de um festival. Foi um trabalho bonito, uma conquista bastante audaciosa.*

Posteriormente, fizeram animação de festas e alguns projetos como “Hoje tem espetáculo” que trazia a peça “Pimpão, Alegria e confusão” de Waldemar Silas, 1989, apresentados em escolas, no Teatro Municipal de Porto Velho e no auditório do SESC. Lu Rodrigues (2020) lembra que:

*O grupo Água de Chocalho havia feito uma circulação e alguns atores tinham saído do grupo e fomos chamados para compor o elenco. O Greg e eu chegamos em 1989 em Porto Velho, havia uma república só de artistas: Ricardo Moreira, a Edinéia Sanches, a Edirlene Moreira (irmã do Ricardo), eu e o Greg. No Água de Chocalho a gente monta “Pimpão, alegria e confusão”. Os espetáculos aconteciam no domingo à tarde, o público era escasso, a gente abria a cortina e ficava contando o público, observava se tinha 2 ou 3, se desse 5 a gente começava. O grupo tinha um calendário no SESC, mas além disso, a gente ia para as escolas também. Em 1990, o Ricardo recebe um convite para ir para a Angola, foram Ricardo e a Néia. A irmã dele foi para Brasília e o Greg e eu continuamos em Porto Velho.*

Em Vilhena, com o fim do *Grupo Semente*, surge o *Grupo Transarte*, formado por Bráz Divino, Sandra Pedron, Ramon Zarat entre outros, que acabou por se desfazer. Surge o *Grupo Novamente*, em 1986, cuja primeira peça é *Pé de Guerra*, de Bráz Divino, que dirigiu e atuou com Sandra Pedron. O *Novamente* participou de congressos e festivais no Estado até 1993, quando inicia um longo período de inatividade. Somente em 2004, Bráz produz o monólogo de Alexandro Bedotti intitulado *A rede*. O ator organiza periodicamente, durante o ano de 2006, em bares noturnos, o “Retreta”, uma espécie de Sarau em que qualquer pessoa poderia participar com alguma atividade artística.

Em 1979, na então Vila de Rondônia, atual Ji-Paraná, chega o artista Firminetto Mendes, nascido em Itamira, distrito de Ponto Belo, no Espírito Santo. Firminetto conta que quando chegou em Rondônia, havia muita mata e lama, as casas todas feitas em tábua. Era um local que estava tudo

por fazer. O artista, que já havia iniciado nas artes em Espírito Santo, onde fazia parte de grupos de teatro e até circulou um tempo com um circo, sentia vontade de encontrar “as gentes de teatro”, como ele define. Não encontrando, passa a frequentar a Igreja Católica e se aproxima de um grupo de jovens. Firminetto (2020) relata que:

*Chegando lá, nós, desse grupo de jovens, criamos, com o nosso amigo Celso Carelli, o Grande Artéria em 1980. Mas o grupo era comandado pelo Celso Carelli, que até então, na época, era um dos diretores da TV Rondônia aqui em Ji-Paraná. Era uma coisa assim que a gente não concordava com o que ele ditava. Era uns princípios, umas metodologias que não tinham nada a ver com a gente. Foi quando nós nos insurgimos contra isso e criamos o grupo de Teatro Arterial, atual Associação de Cultura Arterial, a primeira entidade de natureza cultural juridicamente fundada no estado de Rondônia, fundado no dia 4 de abril de 1981.*

Conforme afirma Firminetto Mendes, em 04 de abril de 1981, surge o *Grupo Arterial*, seu registro jurídico data de 03 de outubro de 1984, quando foi fundado por Firminetto Mendes e sua irmã Floraci Mendes Silva. Uma das primeiras peças criadas pelo grupo explora o improviso: os personagens Ourino Fedegoso e Caboeta saíam pelos bares da cidade encenando cumprindo um roteiro, mas sem texto escrito.

Em 1984, montam o espetáculo *O sentir de nossa gente*, de Francisco Carlos Silva, apresentado em diversos municípios de Rondônia e nos estados do Acre, Bahia, Espírito Santo e Mato Grosso. O Arterial ensaiava em lugares improvisados: o primeiro local de reunião era a rua, embaixo do único poste com iluminação na Vila de Rondônia; posteriormente, começa a utilizar o espaço da antiga Biblioteca Municipal. Em cerca de 20 anos de história, montou muitos espetáculos de autores locais, tais como: Firminetto Mendes (Ji-Paraná) com *O manchão e o travesti*, *Eu não estou louco* e *Saga da Amazônia*; Sheila Ferreira (Ji-Paraná) com *Por favor nos aposentem*, *Memórias de um pé de milho*, *Quando os astros vierem me visitar*, *No reino das borboletas*, e *Vilão? Aqui não!*; Luiz Antônio de Araújo (Porto Velho) com *Lulu e Mon' Amor*, *Joaquim Inocente*, *É crime não saber ler*, *O*

*Menino Jardineiro e a Rosa do ano inteiro*; e ainda, *Quando eu Crescer* de Francisco Carlos Silva (Ji-Paraná), *Perdidos na Floresta* de Antero de Sales (falecido), *Eu, você e eles* de Suely Rodrigues (Porto Velho) e *Casamento em Crise* de Rogério Casovik Viana (Ji-Paraná). Com todas essas montagens, o Arterial recebeu dois prêmios pela Funarte e um pela Petrobrás. O Arterial é responsável pela iniciação teatral de alguns artistas que estão em Rondônia e tantos outros que foram embora do estado: Lu Rodrigues e Valdete Sousa (Vilhena), Umberto Lima (Cuiabá), Sheila Ferreira, Claudio Natal e Lilian Almeida.

Em 1986, foi criado por Gregório Silva e Lucimar Rodrigues, em Ji-Paraná, o *Grupo de Teatro Amador Fama*, que atuou por cerca de três anos, montando os espetáculos: *Yapuna-Caá, estrela das águas* (1986 – texto adaptado) *Canteiros* (1987) texto de Romildo Moreira (DF), *Proibido ver I*, *Proibido ver II* (1988 – adaptação de textos a partir de argumentos do ator Paulo Ângelo). Também atuavam no *Fama* nessa época os artistas Carlos Reis e Cida Chagas. Em entrevista, Lu Rodrigues (2020) conta:

*Fiquei sabendo que tinha um grupo na cidade chamado Arterial. Então fiz uma oficina com eles e em 1985, entrei para o Arterial. Fiquei um tempo no grupo, mas não cheguei a estrear espetáculo. Lá conheci o Greg Silva, era muito difícil participar das reuniões no Arterial por conta da distância, nós queríamos montar um espetáculo infantil, resolvemos montar nosso próprio grupo, aí surge o Grupo Fama, em 1987 com jovens adolescentes, inclusive o Carlos Reis também foi integrante do grupo. O primeiro espetáculo que montamos foi Yapuna-Caá, Estrela das Águas, que é uma adaptação de um livro, apresentamos em um cinema de Ji-Paraná.*

A busca por conhecimento para atuação era constante, e o *Fama* está presente no movimento teatral participando dos congressos, seminários, festivais, no intuito de fazer as oficinas. Lu (2020) conta:

*Em 1987, fizemos um mês de oficinas em Porto Velho, Greg fez Direção teatral e eu fiz maquiagem e voz. O espetáculo usado na oficina de direção era do Romildo Moreira, o Greg pediu autorização e montamos com o Fama*

*o segundo espetáculo que é “Canteiros” – a estreia foi no palco da Igreja São José. Depois, recebemos um convite para ir para Porto Velho.*

Os fundadores do *Fama* mudam-se para Porto Velho, em 1989, em função da força do movimento teatral na Capital, e começam a participar do *Grupo Água de Chocalho*. Destacamos ainda deste período o *Grupo Shallon*, que atuou em Ji-Paraná montando textos de cunho religioso, e o *Grupo Raízes*, com registros de participação no movimento junto ao *Arterial* e ao *Fama*.

Nos anos 1980, muitos grupos surgiram e outros tantos desapareceram em poucos anos: no Cone Sul, havia o *Grupo Senzala*, em Colorado do Oeste; em Porto Velho, observam-se alguns grupos de teatro de bonecos como é o caso do *Grupo Porantim*, *Encenação*, *Teara*, *É do mela volta ou do mela continua?* E o *Cuniã*; em Jaru, *Grupo de Teatro Aquarius*. Além desses, havia atividade teatral em escolas e igrejas em diversas cidades, onde iniciava-se grande parte dos grupos do Estado.

### **Federação de Teatro Amador de Rondônia – Fetear**

A Federação de Teatro Amador de Rondônia – Fetear foi uma associação civil sem fins lucrativos que congregava grupos com sede e foro jurídico na capital do Estado, com a finalidade de representar a atividade de teatro amador de Rondônia.

A Fetear tinha por objetivo amparar e defender os interesses gerais dos grupos de teatro amadores, bem como representar os seus filiados perante a sociedade civil, os poderes públicos, estaduais e municipais, colaborando no estudo e na solução de todos os assuntos que direta ou indiretamente possam, de qualquer forma, fomentar o fortalecimento do teatro amador; pleitear e adotar medidas de interesse do teatro amador, assim como estudar e propor soluções para as questões e problemas relativos aos seus filiados. Promover, de acordo com as possibilidades, eventos que visem beneficiar e aperfeiçoar a atividade teatral amadora.

A Federação era composta por grupos amadores de teatro do estado de Rondônia, que se filiavam de maneira permanente ou provisória. Para filiação permanente, deveriam possuir personalidade jurídica legalizada, através de documentação hábil registrada em cartório, como também, à época, Cadastro Geral de Contribuintes – CGC, no Ministério da Fazenda. Para filiação provisória, era necessário um requerimento do grupo, com validade de um ano, podendo ser prorrogado por mais um ano, desde que apresentasse um relatório de suas atividades. Para se manterem filiados à Federação, os grupos deveriam estreitar um espetáculo por ano, e caso o grupo não obedecesse a regra, seria desvinculado, voltando a participar das atividades assim que estreasse novo espetáculo.

O jornal *Alto Madeira* de 16 de setembro 1982 publica a matéria intitulada *Criada a Federação de Teatro do Estado*, na qual diz que os grupos de teatro de Rondônia se reuniram no final de semana anterior, em Ouro Preto do Oeste, para a realização do I Congresso de Teatro Amador. No texto, a instituição ainda se chama Feter – Federação de Teatro de Rondônia, contudo, no estatuto, consta que houve mais três congressos para construção da Federação, que teve seu estatuto finalizado e aprovado em 1986. No texto do *Alto Madeira*, consta a primeira diretoria da Federação, a saber: Presidente – Fernando Benicasa, Vice – João José Lobo Gaston, Secretária – Silvia Regina Fernandes das Neves, Tesoureiro – João Batista Lima Rodrigues (Jango) e Assessoria Cultural – Ângela Maria Coelho Bedotti.

Lídio Sohn relata no Jornal *O povo e a verdade*, de Ariquemes, em 12 de abril de 1985, a realização do 8º Conselho de Grupos de Teatro Amador. O jornalista conta que foi uma viagem difícil feita em ônibus coletivo até a cidade de Cacoal, onde o evento aconteceria. Nesse Conselho, a Federação se reuniu com os representantes dos grupos de teatro amador, nos dias 05, 06 e 07 de abril, para discutir as pautas importantes da categoria. O povo e a verdade (1985, p. 4) apresenta no trecho a seguir as pautas da reunião:

*Os temas eram: Escola de Teatro; Seminário Nacional; os municípios e os grupos; Jornal “Batuque da FETEAR” (que deverá estar acontecendo ainda*

*este mês numa edição informativa bimestral); circuito Estadual de Teatro Amador Guaporé; “Conselho de Cultura”; Pró-ato Pé na Estrada (participação no Acre, Rondônia, Amazonas e Roraima); Concurso Calango (de textos teatrais a nível Estadual); intercâmbios municipais e estaduais.*

O Circuito estadual de Teatro Amador Guaporé, citado por Sohn, provavelmente, é a semente que germina o Festival Madeira Mamoré de Teatro Amador, posto que os grupos dos municípios passaram a circular os espetáculos pelo estado, em uma parceria inimaginável para a época, pelas dificuldades de transporte, financeiras e de circulação pelas estradas de Rondônia. O povo e a verdade (1985, p. 4), escreve:

*E atenção! Gente! O circuito Estadual de Teatro Amador Guaporé está aí: do dia 13 ao dia 25 deste mês em todo o estado, começando com o grupo Arterial de Ji-Paraná, no Centro Cultural Ruy Barbosa, em Ariquemes, dia 13. O Transarte de Vilhena, em Porto Velho; Grupo Quebra-cabeça de Porto Velho, em Cacoal; Grupo Asas de Cacoal, em Rolim de Moura; e Grupo Porantim de Porto Velho, em Ji-Paraná.*

Consta no Estatuto da Federação que este foi construído ao longo dos encontros no I Congresso Estadual de Teatro, em Ouro Preto do Oeste; II Congresso Estadual de Teatro Amador, em Cacoal; III Congresso, em Ariquemes e no IV Congresso Estadual de Teatro Amador, em Colorado do Oeste. O Estatuto passa a vigorar quando aprovado no Congresso em Colorado do Oeste, em 30 de novembro de 1986.

O V Congresso de Teatro Amador de Rondônia acontece nos dias 10 e 11 de dezembro de 1989, na cidade de Ouro Preto do Oeste, assim como o Seminário Permanente, com a presença do diretor de divulgação da Confenata<sup>1</sup>, Romildo Moreira CONFENATA (1989, p. 3) que fez a seguinte observação:

---

<sup>1</sup> Em 1975, a FENATA - Federação Nacional de Teatro Amador, criada em 1974, passou a se chamar Confederação Nacional de Teatro Amador (Confenata), que foi responsável, entre outras coisas, pela promoção do Festival Brasileiro de Teatro Amador (FBTA), do Festival Brasileiro de Teatro Amador Infantil (FBTAI) e de mostras regionais de teatro.



*Dada essas informações, norteou-se as discussões no Congresso de Teatro Amador de Rondônia nos dias 10 e 11 do mesmo mês, onde ficou priorizada como ação política para nova diretoria eleita e empossada, no referido Congresso, a formação e informação.*

Nesse encontro, foram eleitos e empossados os membros da nova diretoria 1990/1991, composta por: Presidente – Ricardo Moreira, Vice – Olinto Ferreira Júnior, Secretária – Edinéia Sanches, Tesoureira – Rosa Maria Assunção, Diretoria de programação – Lu Rodrigues e Diretoria de divulgação – Chicão Santos. Sobre a Fetear, Lu Rodrigues (2020) afirma que “em 1985 já existia, mas não me recordo quando surgiu, me lembro a partir de 1987, que o Jango era o Presidente”.

O VI Congresso de Teatro Amador acontece nos dias 14, 15 e 16 de setembro/1990, em Guajará Mirim. Os grupos se reuniram na cidade de Cacoal no Conselho de grupos da Fetear, nos dias 14 e 15 de abril/1990, para decidir a pauta do Congresso e seu local de realização. Conforme matéria do jornal *Tribuna Popular* (23 de agosto de 1990, Ano X, nº 517, p. 11):

*(...) com a seguinte proposta de pauta: modificação dos estatutos, eleição da nova diretoria, planos de ação para os anos 91 e 92, congresso Brasileiro de teatro (em janeiro de 91), regional Norte, festival brasileiro de teatro e outros pontos e assuntos de interesse do Conselho de grupos. Cada grupo filiado levará três representantes a Guajará-mirim que sediará o Congresso.*

A diretoria eleita para o biênio 1991-1992 era composta por: Presidente – Chicão Santos (Cacoal), Secretário Geral - Cláudio Vrena (Porto Velho) e Tesoureiro – Rodolfo Araújo (Ariquemes). Observa-se em um texto redigido pelo Presidente que, nesse encontro, foram realizadas mudanças no estatuto da Fetear:

*(...) Essa intenção foi reafirmada no VI Congresso Estadual deste ano, na cidade de Guajará-Mirim houve a necessidade de fazer uma reformulação do pensamento e da filosofia de trabalho da federação e os congressistas foram*

*unânicos e optaram pelo “novo”. O novo já tinha chegado e batido em nossa porta e estávamos esperando “cair do céu”. A nova estrutura vai permitir que a FETEAR ande com as suas próprias pernas rumo a um teatro independente e insurgente. Estou certo do nosso crescimento e do fortalecimento é hora de descer do muro e “representar verdadeiramente” o que somos e para onde vamos.*

O VII Congresso Estadual de Teatro de Rondônia ocorre junto com o 3º Conselho de Grupos em 1993, em Guajará-Mirim de 12 a 14 de março. Na divulgação consta que os eventos são organizados pelos grupos de teatro: *Cachoeira dos Astros produções Artísticas*, grupo *Herrar Hé Wmanno* e grupo *Éramos Três* de Guajará Mirim e o grupo *Arte Visual* de Nova Mamoré. Na convocatória consta como pauta do Congresso: eleição e posse da diretoria para biênio 1993-1994, Plano de ação para o biênio, Congresso Brasileiro de teatro, Festival Nacional de Teatro e o SATED-RO.

Sobre a Fetear, Firmineto Mendes conta que os encontros para criar a Federação, a partir de 1982, representaram o início da movimentação artística organizada no estado: “Foi o primeiro encontro de natureza cultural de movimentos populares acontecido em Rondônia”. O artista afirma que a presença do interior do estado no movimento era latente e que durante a década de 1980, os artistas estavam muito envolvidos com o teatro. Firmineto (2020) destaca:

*Aqui em Rondônia, naquela época, da década de 80 até a década de 90, os maiores movimentos culturais aconteceram em Ji-Paraná, Ouro Preto e raros aconteceram em Porto Velho, mais era no interior: Cacoal, Colorado do Oeste, Espigão do Oeste, Pimenta Bueno.*

A Fetear, em parceria com a Secet – Secretaria de Estado de Cultura de Esporte e Turismo, organizava a partir de 1985, anualmente, o Festival Madeira Mamoré de Teatro Amador com os grupos filiados e convidados. Cada edição acontecia em uma cidade de Rondônia. O Festival Madeira Mamoré de Teatro Amador teve seis edições consecutivas. O I Festival

Madeira Mamoré de Teatro Amador acontece na cidade de Ouro Preto do Oeste; o II Festival Madeira Mamoré de Teatro Amador acontece em 1986, na cidade de Cacoal; a III edição acontece de 05 a 13 de dezembro de 1987, em Ariquemes. A IV Edição acontece na cidade de Ouro Preto do Oeste, de 03 a 11 de dezembro de 1988. Nesse período, Jango Rodrigues era Presidente da Fetear e Firminetto Mendes, tesoureiro. Segundo afirma Lu Rodrigues (2020):

*O festival acontecia anualmente, todas as cidades que tinham grupos de teatro amador levavam seus espetáculos, não lembro quantos municípios, mas me recordo que Vilhena sempre estava, Porto Velho e Ji-Paraná. Havia espetáculo, roda de conversa e oficinas, geralmente era de direção teatral, voz, maquiagem (...) Depois, às altas horas da noite as pessoas começavam a criar, havia as sessões malditas, em que criavam-se performances na hora. E sempre tinha o movimento da rua, a gente saía pelas ruas das cidades com bonecos grandes, performances, na época tinha o Xuluca, o Juruna e o Jango que trabalhavam com bonecos e sempre levavam os bonecos gigantes para a rua.*

A V edição também se realiza em Ouro Preto do Oeste, em dezembro de 1989. Sobre o Festival, o diretor de divulgação da Confenata, Romildo Moreira, (1989, p. 3) observa:

*Ficou evidente com a realização do V Festival Madeira Mamoré de Teatro Amador que a FETEAR precisa investir na formação e informação dos artistas de teatro de todo o estado, tendo em vista as apresentações de espetáculos fracos e de propostas confusas.*

A Federação de Teatro Amador de Rondônia ajudou a construir a história do teatro rondoniense, pois foi nesse momento que os artistas daqui se conectaram com outros fazedores de arte dentro do estado, no Brasil e nas Américas. O contato que a Fetear mantinha com a Confenata e com diferentes artistas fortaleceu o movimento e possibilitou a continuidade das ações que seguiram reverberando no teatro de Rondônia nos anos seguintes.

## O Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões

Ao final dos anos 1980, o movimento teatral estava fluindo em Rondônia, que se interligava aos Festivais, Congressos, Conselhos e Seminários Nacionais organizados pela Confenata. As ações caminhavam para o crescimento dos artistas amadores organizados via Fetear, que se preocupava em manter eventos e ações formativas, mas ainda sem cobranças em relação à profissionalização.

A criação da Lei 6533, de 24 de maio de 1978, que dispõe sobre a regulamentação das profissões de artistas e técnicos em espetáculos de diversões, desenvolve um outro caminho para a arte no Brasil. Conforme consta na apresentação da Lei, foram quase 50 anos de lutas e a conquista foi fruto da organização e mobilização da classe. O projeto foi apresentado pelo Presidente da República ao Congresso Nacional e a Lei fez valer as necessidades e peculiaridades do exercício de cada função. Iniciada na década de 1920, a luta pela regulamentação uniu a categoria e contemplou, também, a questão dos direitos autorais e conexos. Muitos artistas estavam firmemente envolvidos na regulamentação e participaram de momentos decisivos nesta trajetória. Foi um período de muitas reuniões e assembleias que discutiam os rumos da profissão e as garantias trabalhistas.

A partir desse marco, muitos estados começam os processos de criação de sindicatos, na década de 1980, surgem inúmeros Sated. Em Rondônia, a primeira banca de avaliação profissional de artistas acontece em 1991. Em entrevista, Lu Rodrigues (2020) conta que:

*Em 1991, aconteceu a primeira banca, em Ji-Paraná, um pessoal que veio de Brasília. Para participar tinha que ter 10 anos de atuação, com recortes de jornais e materiais que comprovasse. Quem já estava no movimento na época foi convidado a participar. Não havia o SATED ainda, mas a gente podia se sindicalizar com o pessoal de Brasília. Mas logo depois, surge o SATED.*

O Sindicato dos artistas e técnicos em espetáculos de diversões de Brasília (DF) realiza a primeira banca de avaliação do estado de Rondônia, em Ji-Paraná, no período de 23 a 30 de setembro de 1991. Segundo o jornal

*Correio Popular*, de 21 de setembro de 1991, a banca foi iniciativa do *Grupo de Teatro Arterial*. Em entrevista ao *Correio Popular* (Ano II, n. 35 p. 5), Firmineto Mendes chama a atenção para a necessidade de profissionalização dos artistas do estado:

*(...) segundo ator Firmineto Mendes, representante do Sated, existem apenas dois artistas profissionais no Estado, sendo uma oportunidade única para obter o registro no Sindicato para os profissionais. Para a profissionalização, os interessados deverão se dirigir a sala do grupo Arterial na Fundação Cultural, com idade mínima de 14 anos, portando carteira de identidade e trabalho, levando o currículo das atividades desenvolvidas. Os currículos serão examinados por uma junta do Sindicato para aprovação. As atividades de atores, sonoplastas, iluminadores, coreógrafos, figurinistas, diretores, bailarinas, artistas circenses, modelos, manequins, contrarregras terão o registro profissional reconhecido em todo o país.*

No ano seguinte, o Sated-RO realiza a segunda banca de capacitação. Os membros da banca realizam, em maio de 1992, atividades de avaliação em três cidades de Rondônia: em Ji-Paraná, de 17 a 19; Ariquemes, de 20 a 24 e Porto Velho, de 25 a 30. Nesse momento, o Sindicato possuía personalidade jurídica datada de 03 de abril de 1992. Desde sua fundação, o Sated atende na sala 03, no Ginásio de esporte Gerivaldão, em Ji-Paraná.

Nos anos seguintes, o Sindicato realiza ações formativas ao longo do estado. Há registros de oficinas e cursos de capacitação, como o 1º curso integrado de teatro, oficinas de teatro, dança, iluminação, em 1994; Curso de roteiro para novelas com aulas práticas e teóricas com a escritora Leila Mícollis, em 1995. Em 1998, há a informação de que três artistas de Rondônia foram para a cidade de Havana em Cuba, para participar de curso de Dramaturgia ministrado no Instituto Superior de Artes de Havana, por Raquel Carrió<sup>2</sup>, através do Ministério da Cultura, pelo Fundo Nacional

---

<sup>2</sup> Nascida em Havana, 1951 . Professora de Dramaturgia e Metodologia da pesquisa teatral, dramaturga e ensaísta, formada em Filologia pela Universidade de Havana , orientadora do Teatro Buendía desde sua fundação. Fundadora da Faculdade de Artes Cênicas da Universidade de Artes de Havana e da Escola Internacional de Teatro da América Latina e Caribe (EITALC). Professora de Dramaturgia e Metodologia da pesquisa teatral.

de Cultura em parceria com Sated-RO. Os artistas Firmineto Mendes, Clécio Kohnlein e Marluce Moura permaneceram durante os meses de dezembro de 1997 e janeiro de 1998, em Havana, participando do curso.

Além das capacitações, o Sindicato organizava, anualmente, o *Baile dos Artistas*; as informações apontam a realização de, pelo menos, duas edições: 1993 e 1994. A segunda edição data de 29 de janeiro de 1994, no clube Botafogo, em Porto Velho. O evento tinha por finalidade principal reunir a categoria de profissionais e a sociedade rondoniense. Na noite do *Baile dos Artistas* aconteciam diversas apresentações surpresas com performances de artistas de todo o estado.

O Sated teve participação fundamental nas discussões sobre a construção e nomeação do Teatro Dominginhos. Há notas que apontam movimento popular de coleta de assinaturas para revogar a Lei nº 472/92 que nomina o Teatro Municipal como Antônio Raul Iglesias Moreira (Raul espanhol). O Sindicato posiciona-se contrário à escolha do nome por julgar que o homenageado nunca contribuiu para o movimento artístico e cultural de Ji-Paraná. Isso resultou na nomeação como Teatro Marco Zero que, posteriormente, recebeu o nome de Teatro Dominginhos.

Além da matriz em Ji-Paraná, o Sated possuía representação em outras cidades do estado, com delegacias em Porto Velho, Cacoal, Ouro Preto do Oeste, Ariquemes e Guajará-Mirim. Conforme noticiado na imprensa do estado, o Sindicato ofertava cursos e oficinas nessas localidades ao longo da década de 1990. Em 2007, artistas de Porto Velho fundam o Sated-Porto Velho. A empresa Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões de Porto Velho tem data de criação em 18 de setembro de 2007.

## **O Teatro Estudantil**

A década de 1990 inicia-se com mudanças no cenário teatral, a maioria dos grupos criados anteriormente se dissolve. O teatro amador, tão pungente nos anos 1980, perde o protagonismo quando o Sated se estabelece no estado. Iniciam-se campanhas para a profissionalização dos artistas

na imprensa de Rondônia. O teatro amador é inserido num lugar de marginalização, o que contribui para o enfraquecimento do movimento, tão forte anteriormente. A Fetear continua realizando o trabalho de organizar os grupos por alguns anos. Contudo, o movimento modifica-se e muitos grupos desaparecem. O movimento de teatro estudantil se fortalece e novos grupos se formam.

Surgem alguns grupos novos como o *Raízes do Porto* em 1992, fundado por Suely Rodrigues, que conquista grande espaço no estado e na região, pois participa de festivais no Acre e em Manaus. O primeiro texto montado pelo grupo é de autoria de Suely Rodrigues, intitula-se *Eu, vocês e eles*. Desde sua criação, esteve ativo mantendo sempre um espetáculo diferente em cartaz, sendo 17 textos produzidos de 1992 a 2007. Grande parte são obras de artistas locais, porém também produziram clássicos infantis. Destacam-se: Suely Rodrigues com *Eu, Vocês e Eles*, *Minhoca na Cabeça*, *Histórias do Sítio*, *Mateus e Zulmira* e *Porções e Magias* (adaptação das poesias de Nilza Menezes); *Tira a canga do boi* de Marcos Freitas; *Confissões de um espermatozoide careca* de Carlos Eduardo Novaes; *A formiga Fofoqueira* de Carlos Nobre; *Flicts, a cor* de Aderbal Júnior e *Os saltimbancos* de Chico Buarque de Holanda.

Contudo, a década de 1990 é marcada por outro tipo de manifestação teatral: o teatro estudantil. Registram-se, ao longo da década, diversos grupos e festivais que partem da iniciativa de alunos e professores de escolas particulares e municipais em todo o estado. Em Porto Velho, há a criação do *Grupo de Teatro Oficina da Unir*, dirigido por Ângela Cavalcante, que neste período era integrante da DIAC/UNIR e ministrou três cursos para os alunos. O Oficina produziu *Revolução da América do Sul* (1990) de Augusto Boal, *Os sonhos de Tom e Théo* (1991) de Arnaldo Miranda e *Hep e H-g - Os moleques* (1992) de Arnaldo Miranda.

Fato importante também foi a criação do *Gruta - Grupo Regional Unidos Trabalhando pelo Teatro Amador*, em 1991, por iniciativa da professora Léia Leandro da Escola Risoleta Neves. Em 1994, o Grutta possuía cerca de 50 integrantes, e mantinha apresentações no espaço do Teatro I do SESC, além de uma oficina permanente semanal que desenvolvia ati-

vidades de teatro. O espaço conquistado por esse grupo é relevante e, a partir dessa iniciativa, outras escolas também envolveram o teatro em suas atividades. Como ocorre na Escola Kepler, onde se desenvolvia o *Grupo Art Kepler*, que se destacava entre os grupos de escolas particulares. Ocorria, em Porto Velho, em 1993, diversos festivais de teatro estudantil, congressos e encontros de teatro amador. Além disso, o grupo organizou um Festival de Teatro entre as escolas particulares de Porto Velho.

Alguns fatores podem ter impulsionado o teatro estudantil em Porto Velho, dentre esses, a nomeação do artista Cláudio Vrena para a Divisão de Cultura Escolar da Secretaria Municipal de Educação, em 1991. Nessa divisão, Vrena cria o Femut – Festival Municipal de Teatro que aconteceu anualmente de 1991 até 2000, e a última edição realizada em 2003. Vrena, entrevistado por Frasão (2013, p. 23), afirma que:

*(...) a gente começou a perceber que tinha frutos. A garotada vinha, a comunidade participava, vinham pesquisadores, vinha gente chegando de outros Estados com ideias interessantes de teatro, chegando se instalando no estado e participava com a gente. Os produtores culturais vinham, dentro desse festival de teatro, buscar elementos e pessoas que tinham certa aptidão para o teatro, para trabalharem com oficinas e colocarem em seus espetáculos de teatro.*

O Femut revigorou a cena portovelhense trazendo para o palco os atores que se destacariam na década seguinte. São frutos do Femut alguns artistas importantes para a cena do estado nos anos posteriores, como: Ruymar Pereira, Francis Madson, Nery Rodrigues, Jailton Vianna e Elcias Villar. Em entrevista a Frasão (2013, p. 76), Elcias afirma:

*O Femut ele foi fundamental no meu desenvolvimento profissional, porque foi graças ao FEMUT que eu consegui surgir como diretor dentro do movimento, apesar de ter começado a fazer teatro em 91, somente mais ou menos em 94 que eu comecei a participar do movimento.*

Surge, com base nas experiências do Femut, realizado pela Prefeitura Municipal de Porto Velho através da Secretaria de Educação, o Festival



Estudantil de Teatro. O Governo do Estado reconhece que o Femut contribuiu para experiências da linguagem cênica, intercâmbio entre artistas e escolas, e aprimorou e contribuiu para o crescimento do teatro em Porto Velho. Nos nove anos de Festival, vários artistas foram revelados e passam a atuar no mercado de trabalho, inclusive fora do Estado. O Femut foi responsável por melhorar o nível intelectual e emocional dos alunos. O Festival Estudantil de Teatro é um projeto promovido pelo Governo do Estado de Rondônia realizado pela Secretaria de Estado da Educação, Secretaria Municipal de Educação de Porto Velho e Serviço Social do Comércio em Rondônia.

Em 1999, o Festival é ampliado para mais cinco municípios: Ariquemes, Ji-Paraná, Cacoal, Rolim de Moura e Vilhena, onde funcionam as Delegacias Regionais de Ensino. Nesse primeiro ano, o Festival homenageia o artista Jango Rodrigues, que havia falecido vítima de acidente. As atividades para a realização do próximo Festival Estudantil iniciam-se em agosto de 1999, conforme matéria publicada pelo *Correio Popular de Rondônia* (Ano IX, n. 905, p.4), que trata sobre oficinas oferecidas aos professores da rede estadual de ensino em Vilhena e Rolim de Moura, visando preparar os educadores que atuam em sala com a disciplina de arte. As oficinas foram oferecidas por Chicão Santos, que atuava junto ao DEF – Departamento de Educação Física, Cultura e Desporto Escolar do estado de Rondônia. No ano seguinte, realiza-se o 2º Festival Estudantil de Teatro, com registro da ação em Ji-Paraná nos dias 09 e 10 de novembro de 2000 realizada no Teatro Dominginhos, com alunos de cinco escolas públicas.

### **Anos 2000: tempo de pesquisa**

Ao longo da história, o teatro produzido em Rondônia acumulou experiências e desenvolveu-se em diversos sentidos. Os profissionais que atuam após a década de 1990 buscam uma atividade teatral mais concisa, e muitos têm o teatro como profissão ou relacionam, de alguma maneira, sua atividade profissional ao teatro. As atuações de artistas como Alejandro

Bedotti, Ângela Cavalcante, Claudio Vrena, Chicão Santos e Firminetto Mendes, durante mais de duas décadas, trouxeram para o teatro local grande desenvolvimento para a formação de atores, diretores e outros profissionais da área. O resultado dos cursos e oficinas ministrados por esses profissionais irão aparecer nesse momento. Os grupos que surgem demonstram maior preocupação estética, mais responsabilidade com a pesquisa e com o público.

No início do ano 2000, um projeto ganha espaço na arte do Estado e projeta Rondônia para o Brasil. *Bizarrus* é o título do espetáculo que dá nome também ao grupo, formado por detentos do Presídio Ênio Pinheiro, que participam do projeto de ressocialização com aulas oferecidas pelo diretor Marcelo Felice. Em entrevista ao G1RO (2012), o diretor conta que o espetáculo nasce por acaso:

*O surgimento da peça Bizarrus foi meio por acaso, segundo o diretor Marcelo Felice. Em um dia de 1998 ele foi ao Presídio Ênio Pinheiro, em Porto Velho, conhecer a escola que havia na unidade. “A ideia era apenas trabalhar a expressão corporal. Um dia pedi para que cada um redigisse as histórias mais marcantes da vida deles e me trouxeram um arsenal. Nasceu o roteiro”.*

O Grupo *Bizarrus* ganhou alcance social e cultural que rompeu fronteiras, participando da *Conferência Nacional Mudança de Cena II – o Teatro Construindo Cidadania*, realizado em setembro de 2001, na cidade de Recife (PE) como convidado do Conselho Britânico e Universidade de Londres. Realizou apresentação no Teatro do Sesc Pompéia, em novembro de 2002, com exibição ao vivo pela TV aberta local para toda a cidade de São Paulo. Se apresentou também, no Fórum Cultural da Amazônia em Belém (PA), em 2003, que foi transmitido pela internet para mais de 50 países em 15 idiomas. Ademais, o projeto *Bizarrus* tornou-se tema da pesquisa de Doutorado da Dra. Maria Hercília Junqueira, professora titular da Universidade Federal de Rondônia, que defendeu a tese em agosto de 2005, pela Universidade de São Paulo (USP). Maria Hercília foi psicóloga/terapeuta do Grupo desde o surgimento. As ações do grupo e do espetáculo

foram, ainda, temas para matérias especiais em muitos canais de televisão em âmbito nacional.

Em 2001, dirigida pelo dramaturgo Fabiano Barros e pelo encenador e artista de dança Francis Madson, surge a Cia de Teatro Fiasco, que se dedica à pesquisa teatral se apoiando nas mais diversas experimentações. A Companhia inicia suas atividades com adaptações de: *O Rapto da Cebolinha* de Maria Clara Machado e *O Pequeno Príncipe* de Saint Exupéry. Posteriormente, a *Cia Fiasco* inicia os processos de pesquisa e criação com *O Segredo da Patroa*, *Já Passa das Oito*, *Memória da Carne* e *O Dragão de Macaparana*, textos do dramaturgo Fabiano Barros.

O *Grupo teatral Diz-farsa*, fundado em 2005 por Ruymar Pereira, atua em Porto Velho, desenvolvendo atividades em teatro, dança, circo e festas populares. O grupo define suas ações como uma entidade voltada para a arte-cultura, educação pedagógica e direitos humanos.

Assim, temos artistas antigos como Chicão Santos, formando grupos novos como a *Associação Cultural O Imaginário*. Surgido em 2005, o grupo se preocupa com a formação de seus atores e da plateia, viaja o estado promovendo oficinas e divulgando seus espetáculos, e participa de festivais em outros estados. Em 2006, o grupo é contemplado com o primeiro edital público, para montagem de *O Mistério do Fundo do Pote*, de Ilo Krugli e direção de Narciso Telles. Com o espetáculo, circula por todo o estado de Rondônia e a região Norte. Junto com o *Raízes do Porto* são, nesse período, os dois grupos mais conhecidos e ativos de Porto Velho.

Encontra-se também, em Cacoal, atividade teatral com o *Grupo Risoterapia*, formado em 2003 pelo ator Edimar Oliveira, que trabalha com textos de comédia, todos escritos pelos próprios atores. Desde sua criação, manteve-se ativo, montando espetáculos periodicamente. São cerca de 20 peças, dentre elas citamos as seguintes: *Penosa do sul vai às urnas*, *Quem matou Tenório?*, *O pecado da Carne*, *Homem por um fio*, *O Madrasto*, *O escritor*, *Programa de Quinta*, *Pequenos cérebros*, *grandes bobagens* e *Dolores da Madrugada*. Assim como a *Cia de Teatro atores do nada*, da atriz Tainah Musa Lobato - formada em Artes Cênicas.

O Cone Sul do Estado ainda possui uma produção voltada às igrejas e escolas. Apesar de existirem grupos atuantes em Vilhena, no início dos anos 2000, a produção é pequena e em sua maioria de cunho religioso. Um exemplo é o *Grupo The Crasy* formado em meados de 2000 por jovens da Igreja Católica. Assim como o *Grupo Manab*, desenvolvido por pessoas da Igreja Comunidade Cristã, que além da atividade teatral engloba a música gospel. Também de cunho religioso é o *grupo Tempus*, criado por atores oriundos do *Manab*. O *Canaã*, de criação de Josemar Fernandes, surgiu de atividades estudantis, dentro da Escola Zilda da Frota Uchôa.

Em 2003, surge o grupo de teatro *Wankabuki*, por iniciativa do professor Oswaldo Gomes Oliveira e das acadêmicas da Universidade Federal de Rondônia Valdete Sousa, Diomar Soares e Núbia Rodrigues. Desde sua fundação, o grupo atua no estado de Rondônia com espetáculos, ações formativas, festivais e mostras. A trajetória completa do *Wankabuki* é relatada por Núbia Rodrigues no texto *Wankabuki: o palco é a vida*, que pode ser conferido na íntegra na segunda parte desta obra.

## **Espaços físicos: sonho e realidade**

O ponto de partida da arte teatral em Rondônia liga-se à necessidade que o ser humano sente em manifestar-se e em comunicar-se. No início do século XX, no centro da floresta amazônica, surgem manifestações artísticas que se desenvolvem paralelamente a um turbilhão de acontecimentos: o estado novo, migrações, grandes construções e desbravamento.

Em torno de toda essa agitação há pessoas preocupadas com o fazer artístico e desenvolvem meios para que ele aconteça. Na primeira parte do texto, vimos que em 1917 havia espaços destinados a apresentações teatrais e exibição de filmes, o *Theatro da Associação Instrutiva, Recreativa e Beneficente* de Porto Velho foi palco das primeiras peças de teatro encenadas em terras rondonienses. Esse espaço da *A.I.R e Beneficente*, a partir de 1919, se torna um dos espaços mais reconhecidos como ponto de encontro artístico local: o *Club Internacional*. Não se pode afirmar sobre as características desses locais, mas pelas descrições havia palco e plateia.

O *Club Internacional* impressiona pela sua organização, mantendo por algum tempo um corpo cênico com artistas e uma orquestra. Há registro de tabela de pagamentos de cachês para ensaios e apresentações. Nessa tabela, observa-se, ainda que havia contratação de cabeleireira, alfaiates e lojas que forneciam roupas na época.

O *Theatro Phenix*, segundo o jornal da época, foi construído em madeira, coberto de zinco e possuía um palco que era usado para encenação de peças teatrais e para dispor o piano que acompanhava as cenas dos filmes mudos, além disso havia um bar e um salão de jogos. O Phenix é o primeiro de muitas salas de cinema que caminharão junto com a arte teatral ao longo da história de Rondônia, dentre eles destacamos: o *Cinema Caripuna*, *Cine Rosas*, *Cinema Ideal*, *Cine Avenida*, *Cinema dos Padres*, *Cine Rocha*, *Cine Cateja*, *Cine Brasil*, *Cine Lacerda*. Em diversas citações, há afirmação de que os cinemas da época tinham palcos junto com as telas.

O mais famoso foi o *Cine Teatro Resky*, inaugurado em 1950. Com arquitetura suntuosa, acredita-se que George Resky, ao pensar o projeto, se inspirou na arquitetura da *Broadway dos anos 1920*, pelas características de *Art déco*. No entanto, a arquitetura do *Resky* aproxima-se muito de outro símbolo da *art déco* brasileira: o *Cine-Teatro Goiânia*, inaugurado em 1942. O *Resky* se transformou no principal ponto de diversão em Porto Velho. As apresentações para o público dos cinemas portovelhenses da década de 1950, ocorridas nos intervalos das trocas de fitas, servem como marca de um período e do comportamento de um povo.

Em 1920, encontra-se referências ao salão do *Theatro União e Perseverança*, ao *Theatro Salesiano* e outros espaços ligados à Igreja Católica que, desde sua chegada às terras amazônicas, se conectou com as atividades educativas e artísticas, sendo responsável por diversas ações benéficas para a arte do período. Essa ligação da igreja com a arte perdura por toda a trajetória do teatro em Rondônia. Inúmeros artistas entrevistados afirmam ter iniciado suas atividades teatrais em igrejas católicas ou evangélicas.

O teatro está em todos os lugares e, segundo Alexandro Betotti, na década de 1970, fazia-se teatro na rádio Caiari, onde havia algumas cadeiras

destinadas ao público infantil. Nesse momento, se fazia teatro nas escolas, nas quadras, nas igrejas, nas ruas.

A preocupação com salas de espetáculos modernos que possuíssem palco adequado, iluminação e outros recursos da caixa cênica é um pensamento contemporâneo. Com a organização dos artistas em grupos de teatros, ofertas de oficinas de formação, contato com artistas de outros estados, há o pensamento de “caixa e rua”, espaços elencados como ideais para a encenação. Vão se edificando prédios como o auditório do Sesc, espaços de grupos de teatro, tais como o espaço Curumim (Porto Velho), o teatro Municipal de Porto Velho, o Espaço 1 (Cacoal), a Biblioteca Municipal de Ji-Paraná, o Centro Cultural Ruy Barbosa (Ariquemes) e a Casa Cultural (Jaru).

O Centro Cultural Ruy Barbosa consta na imprensa local como único centro cultural construído exclusivamente para a área, tendo sido inaugurado em agosto de 1983. A reportagem de 1985 alerta que, naquele momento, o prédio encontrava-se totalmente defasado para atender os apreciadores de teatro. Na época em que foi levantado, a obra recebeu um investimento de quase 19 milhões de cruzeiros. *O povo e a verdade* (Ano I, nº 0006, pag. 5) informa que:

*(...) segundo informações o centro Cultural deverá passar por algumas reformas, elas são essenciais para um bom desenvolvimento da arte no município. Serão feitas duas cabines de som e luz, duas portarias com guichês, colocação de banco sobre as armações de concreto, que hoje servem de assento. Haverá, também, o trabalho de forrar todo o prédio, pois quando chove não dá para realizar nada em seu interior. Ainda segundo informações, a reforma mais essencial vai ser feita no atual Pátio, pois ele vai ser totalmente fechado com vidro cujo espaço será destinado a exposição.*

O Centro Cultural de Jaru atua no mesmo período do Centro Ruy Barbosa sobre a direção de Marlene Carminatti, em 1985, e mantém intensa programação para o público infantil. Atua nesse espaço o *Grupo de Teatro Aquarius Mirim*. O *Espaço Curumim* é muito citado por artistas dos anos 1980. Era mantido por Jango Rodrigues e recebia artistas de

vários municípios em Porto Velho, ofertava oficinas e outras atividades artísticas.

A Biblioteca Municipal de Ji-Paraná, nos anos de 1980, foi o ponto de encontro do *Grupo Arterial* que, durante 12 anos, reunia-se naquele local para ensaiar e, em contrapartida, os componentes eram responsáveis pela manutenção da biblioteca com limpeza, pintura e conservação. Também em Ji-Paraná, o espaço do CSU – Centro Social Urbano também servia de local de ensaio para o *Grupo Fama*.

Há ainda teatros que ficaram somente no imaginário dos artistas como o *Teatro Flutuante* de Ji-Paraná, que prometia ser o maior centro cultural do estado. A Aja – Associação Ji-Paranaense de Artistas junto com a Gac – grupo de Apoio à Cultura realizaram um evento para marcar o início das obras do teatro. Consta no *Correio Popular* (Ano II, n. 8, p. 5) que os artistas improvisaram um palco “na rua Tenente Brasil esquina com a rua Júlio Guerra, portal de entrada para o futuro Teatro Flutuante onde puderam se exhibir vários talentos locais.” Sobre esse sonho, Firminetto Mendes conta que:

*Era uma ideia maravilhosa, um projeto lindo, lindo, lindo. Eu cheguei até ir à Funarte chamar arquitetos, engenheiros nós trouxemos... era o luxo o espaço do teatro. Ele serviria também para despertar o turismo na cidade. Seria feito para interligar a ilha O Coração de Rondônia com o primeiro e segundo distrito da cidade. Era um projeto muito bonito, que até hoje ninguém entende porque não foi colocado em prática. Chegou a se colocar algumas estruturas dentro da água, mas a ideia foi por água abaixo.*

No entanto, Ji-Paraná é contemplada com a construção de um teatro no final dos anos noventa. Logo após a construção do equipamento cultural, os artistas tiveram fortes embates com a administração pública por conta do nome que seria dado ao teatro. Por fim, em 1998, é inaugurado como Teatro Marco Zero. Posteriormente, em 2000, o Teatro recebe o nome do músico Domingos da Silva Lima - Teatro Dominginhos, importante artista da cena musical da década de 1980 que participou de muitos festivais no estado e fora dele representando Rondônia.

A cidade cenográfica Jerusalém da Amazônia onde o grupo Êxodo encena a *Paixão de Cristo* durante a Semana Santa, é a segunda maior do Brasil, perdendo somente para Recife. O local é o maior teatro a céu aberto da região amazônica. A construção é rústica com amplo espaço, localiza-se a cerca de 20 km do centro de Porto Velho. No período da encenação, o grupo leva para a cena entre 200 e 300 atores.

Há muitos espaços sonhados pelos artistas de Rondônia, como o Teatro Guarantã ou Auditório da Unir, em Vilhena. Esse espaço foi construído no final dos anos noventa, graças à perseverança do Prof. Oswaldo Gomes de Oliveira, que sonhava em manter um grupo de teatro ativo na Universidade. A sala possui um pequeno palco e plateia com 90 lugares. É a casa onde nasce, primeiro o grupo de teatro da Unir, que, futuramente, se transformaria no grupo Wankabuki.

Cacoal, entre os municípios do interior, é o que possui mais casas de espetáculos: o *Teatro Cacilda Becker*, inaugurado em dezembro de 2002, possui 150 lugares e o *Teatro Municipal de Cacoal*, inaugurado em 2008, tem capacidade para 600 pessoas. Nesse período, é construído também o *Teatro Municipal Francisca Verônica de Carvalho* em Rolim de Moura, inaugurado em 2002, com capacidade para 400 pessoas.

Os espaços do teatro em Rondônia vão além dos nomeados ou constituídos por personalidade jurídica. São salas, casas, jardins, praças, ruas... Pontos de encontros e lugares onde se constroem afetos e arte. Do teatro dos grupos do Madeira-Mamoré, o corpo cênico do Club Internacional, a trupe Alex-Carola de Dona Labibe e Carola, poucos dados restaram, mas sabemos que existiram, exercendo o poder da criatividade e do jogo numa terra ainda em construção.

O público é sempre novo: de atores e de espectadores. Cada década é uma reviravolta. O período promissor do teatro de Rondônia firma-se nas formações de grupos, prevalece a busca pela coletividade. Assim, as décadas de 1970, 1980 e 1990 são repletas de formações e desaparecimentos de grupos. Esse movimento serviu para que os profissionais se aprimorassem, gerando oficinas, cursos, discussões, festivais, seminários e todo tipo de atividades que, sem a coletividade, ficaria mais difícil ocorrer.



Cada grupo aqui apresentado é um universo ainda inexplorado. A busca por compreender o processo de formação da arte teatral em Rondônia é contínua. Há de se vasculhar os baús da memória, mergulhar em pilhas de jornais, programas de espetáculos, documentos e diálogos que estão por aí, nas pastas e gavetas. Cada artista que ajudou a construir essa história é um universo, há de se dialogar, reviver as memórias de cada um, instigando aqui e ali uma lembrança perdida.

## Referências

- ARTOUD, Antonin. **O teatro e seu duplo**. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- BERRETTINI, Célia. **O teatro ontem e hoje**. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- BORIE, Monique; ROUGEMONT; Martinie de; SCHARER, Jacques. **Estética teatral: textos de Platão a Brecht**. 2.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.
- BRECHT, Bertold. **Diário de trabalho**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002. v.1
- BORZAKOV, Ary Pinheiro; DIAS, Antônio Gonçalves (org.). **Compêndio da história e cultura de Rondônia**. Porto Velho: FUNCER, 1995. v.III.
- BORZAKOV, Yêdda Pinheiro. **Rondônia Cabocla**. Porto Velho: Instituto histórico e geográfico de Rondônia. Academia de Letras de Rondônia, 2002.
- BRANDÃO, J. De Souza. **O teatro grego: tragédia e comédia**. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 1985.
- CADEMARTORI, Lígia. **Períodos Literários**. 7.ed. São Paulo: Ática, 1995. 36p.
- CAMARGO, Roberto Gill. **A sonoplastia do teatro**. Rio de Janeiro: Instituto nacional de artes cênicas, 1986.
- CONFEDERAÇÃO NACIONAL DE TEATRO AMADOR. Entre em Cena – **CONFENATA**, n. 5, p.3, dez/jan.1989.
- DESLANDES, Suely F.; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2007.
- ELETRONORTE. **Memória da energia elétrica de Rondônia**. Porto Velho, RO: Eletronorte, 2005.

FRAZÃO, Kenny. **Festival estudantil municipal de teatro – Femut: o teatro da década de 90!** 2013. 113f. Monografia (Licenciatura em Teatro) Universidade de Brasília. Programa Pró-Licenciatura de Teatro da Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: <[https://bdm.unb.br/bitstream/10483/6374/1/2013\\_KennyFrazao.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/6374/1/2013_KennyFrazao.pdf)>. Acesso em: 26out.2020.

GUINSBURG, J. **Stanislávski e o teatro de arte de Moscou**. São Paulo: Perspectiva, 1985.

MAGALDI, Sábato. **Iniciação ao teatro**. 7.ed. São Paulo: Ática, 2000.

MELO, Josué Passos de. Caldeira em chamas: a igreja pentecostal na formação de Porto Velho – 1922. **Revista Veredas Amazônicas**, v.3, n.1, p.2237-4043, jan./jun. 2014.

MELO, Elderson Melo de.; ANDRAUS, Mariana Baruco Machado. Amador e profissional no teatro brasileiro: motivações ideológicas e aspectos econômicos na identidade de grupos teatrais do início do século XXI. **Conceição/Conception**, Campinas, SP, v.4, n. 1, p.95-110, jan./jun. 2015.

MOISÉS, M. **A análise literária**. 15.ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de teatro**. Tradução de J. Guinsburg e Maria Lúcia Pereira. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

PEIXOTO, Fernando. **O que é teatro**. 14.ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

RODRIGUES, Eder Sumariva. Teatro anos 80: uma década vazia? **ABRACE – Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas**, v.9, n.1, p. 1-5, 2008. Disponível em: <<https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/article/view/1364/1475>>. Acesso em: 05 out.2020.

SÁ, A.S *et al*. **Porto velho de ontem e hoje**: Escritos de Rondônia. Porto Velho: Secretaria de Esporte, Cultura e Lazer, 2000. p.59-61.

ROSENFELD, Anatol. **Texto/Contexto**. 5.ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.

\_\_\_\_\_. **O Teatro épico**. São Paulo: Perspectiva, 1997.

SOUZA, Roberto Acízelo de. **Teoria da literatura**. 4.ed. São Paulo: Ática, 1991.

STANISLÁVSKI, Constantin. **A preparação do ator**. 11.ed. Rio de Janeiro: s.ed.,1994.

## Periódicos

AGENDA: Novelas. **Correio Popular**, Ji-Paraná, ano V, n. 305, 17ago1995. p. 5. Disponível em: <http://nimpi.ifro.edu.br>. Acesso em: 09out.2020.

A MARGEM do rio produz cultura. **Correio Popular**, Ji-Paraná, ano II, n.19, 8jun.1991. p. 11. Disponível em: <http://nimpi.ifro.edu.br>. Acesso em: 10out.2020.

ARTERIAL realiza tournêe. **Correio Popular**, Ji-Paraná, ano II, n.19, 8jun.1991. p. 8. Disponível em: <http://nimpi.ifro.edu.br>. Acesso em: 07out.2020.

ARTISTAS cênicos de Rondônia serão sindicalizados. **Correio Popular**. Ji-Paraná, ano II, n. 35, 21 set.1991. p. 5. Disponível em: <http://nimpi.ifro.edu.br>. Acesso em: 07out.2020.

ARTISTAS de Ji-Paraná repudiam nome dado ao teatro municipal. **Correio Popular**. Ji-Paraná, ano III, n.123, 24dez1992. p. 5. Disponível em: <http://nimpi.ifro.edu.br>. Acesso em: 10out.2020.

A SEMANA da pátria. **Alto Madeira**, Estado do Amazonas-Porto Velho, ano XXII, s.n, p.1, 11 set. 1938. Disponível em: <http://nimpi.ifro.edu.br>. Acesso em: 01out.2020.

ATOR cacoalense é eleito presidente da Federação de Teatro. **Tribuna Popular**, Cacoal, ano X, n. 526, p.5, 22 set.1990. Disponível em: <http://nimpi.ifro.edu.br>. Acesso em: 07out.2020.

BELLA iniciativa. **Alto Madeira**, Estado do Amazonas-Porto Velho, ano II, n.109, p.2, 06jun.1918. Disponível em: <http://nimpi.ifro.edu.br>. Acesso em: 05out.2020.

CASA Cultural: uma boa opção. **O povo e a Verdade**, Ariquemes, ano I, n. 0006, 24maio1985. p. 10. Disponível em: <http://nimpi.ifro.edu.br>. Acesso em: 10out.2020.

CENTRO Cultural deverá ser reformado ainda esse ano. **O povo e a Verdade**, Ariquemes, ano I, n. 0006, p.5, 24maio 1985. Disponível em: <http://nimpi.ifro.edu.br>. Acesso em: 07out.2020.

VI Congresso de teatro da FETEAR: Cacoal participa em Guajará-mirim. **Tribuna Popular**, Cacoal, ano X, n. 517, p.11, 23ago. 1990. Disponível em: <http://nimpi.ifro.edu.br>. Acesso em: 10out.2020.

CRIADA a federação de teatro do estado. **Alto Madeira**, Território federal do Guaporé-Porto Velho-RO, n.14.126, p.3, 16set.1982. Arquivo da Biblioteca Municipal Francisco Meireles de Porto Velho-RO

INEDICTORIAES. **Alto Madeira**, Estado do Amazonas-Porto Velho, ano V, n.501, p.3, 09 mar. 1922. Disponível em: <http://nimpi.ifro.edu.br>. Acesso em: 05out.2020.

Ji-PARANAENSE vai ao Acre ajudar a fundar o SATED-AC. **Correio Popular**. Ji-Paraná, ano IV, n.206, p.3, 23out1993. Disponível em: <http://nimpi.ifro.edu.br>. Acesso em: 10out.2020.

MASTIGANDO Teatro. **O povo e a Verdade**, Ariquemes, ano I, n. 0003, p.4, 12 abr. 1985. Disponível em: <http://nimpi.ifro.edu.br>. Acesso em: 10out.2020.

PALCOS e Telas. **Alto Madeira**, Estado do Amazonas-Porto Velho, ano I, n.52, p.3, 15nov.1917. Disponível em: <http://nimpi.ifro.edu.br>. Acesso em: 05out.2020.

PALCOS e Telas. **Alto Madeira**, Estado do Amazonas-Porto Velho, anoI, n.55, p.2, 25nov.1917. Disponível em: <http://nimpi.ifro.edu.br>. Acesso em:07out.2020.

SATED-RO realiza cursos gratuitos no Estado. **Correio Popular**. Ji-Paraná, ano VIII, n. 510, p.5, 03 dez.1997. Disponível em: <http://nimpi.ifro.edu.br>. Acesso em: 07out.2020.

SATED realiza baile dos artistas. **Correio Popular**. Ji-Paraná, ano IV, n. 226, p.1, 22 jan.1994. Disponível em: <http://nimpi.ifro.edu.br>. Acesso em: 07out.2020

SATED recolhe assinaturas para mudar nome de teatro. **Correio Popular**, Ji-Paraná, ano IV, n.191, p.5, 01se.t1993. Disponível em: <http://nimpi.ifro.edu.br>. Acesso em: 10out.2020.

SERATA litteraria. **Alto Madeira**, Estado do Amazonas-Porto Velho, ano I, n.26, 16.ago.1917. Disponível em: <http://nimpi.ifro.edu.br>. Acesso em: 01out.2020.

SINDICATO dos artistas realiza cursos em Ji-paraná. **Correio Popular**. Ji-Paraná, ano IV, n. 257, p.5, 30 jul.1994. Disponível em: <http://nimpi.ifro.edu.br>. Acesso em: 07out.2020.

SYNDICATO de artistas e operários. **Alto Madeira**, Estado do Amazonas-Porto Velho, ano VI, n.517, p.1, 04maio1922. Disponível em: <http://nimpi.ifro.edu.br>. Acesso em: 01out.2020.

TEATRO flutuante já tem atividades. **Correio Popular**, Ji-Paraná, ano II, n.08, p.5, 9mar.1991. Disponível em: <http://nimpi.ifro.edu.br> Acesso em: 10out.2020.

TELAS e palcos. **Alto Madeira**, Estado do Amazonas-Porto Velho, ano V, n.512, p. 3, 15abr.1922. Disponível em:<http://nimpi.ifro.edu.br>. Acesso em: 07out.2020.

TELAS e palcos. **Alto Madeira**, Estado do Amazonas-Porto Velho, ano VI, n.529, p. s.n, 15.jun.1922. Disponível em: <http://nimpi.ifro.edu.br>. Acesso em: 10out.2020.

TROUPE Alex-Carola. **Alto Madeira**, Território do Guaporé-Porto Velho, ano XXVII, n.2731, p.4, 17 out. 1943. Disponível em: <http://nimpi.ifro.edu.br>. Acesso em: 07out.2020.

TROUPE Alex-Carola. **Alto Madeira**, Território do Guaporé-Porto Velho, Ano XXII, n.2206, 24.jul.1938. Disponível em: <http://nimpi.ifro.edu.br>. Acesso em: 07out.2020.

## Sites e blogs acessados

AZAMBUJA, F.; XIMENES, M. **Em cena há 13 anos, peça é usada na recuperação de presos, em RO.** G1, Rondônia, 02, dezembro 2012. Disponível em: [http://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2012/12/em-cena-ha-13-anos-peca-e-usada-na-recuperacao-de-presos-em-ro.html?utm\\_source=twitterfeed&utm\\_medium=twit](http://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2012/12/em-cena-ha-13-anos-peca-e-usada-na-recuperacao-de-presos-em-ro.html?utm_source=twitterfeed&utm_medium=twit). Acesso em: 18set.2020.

ENCICLOPÉDIA Cubana. **Raquel Carrió.** Disponível em: [https://www.ecured.cu/Raquel\\_Carri%C3%B3](https://www.ecured.cu/Raquel_Carri%C3%B3). Acesso em: 10out.2020.

**HISTÓRIA da Cia.** Cia de artes fiasco, Porto Velho/RO. Disponível em: <http://ciadeartesfiasco.blogspot.com/p/historia-do-grupo.html>. Acesso em: 10 out. 2020.

**JERUSALÉM da Amazônia:** O Maior Teatro a céu aberto do país. Rondônia web. Disponível em: <https://rondoniaweb.jimdofree.com/turismo-e-cultura/jerusal%C3%A9m-da-amaz%C3%B4nia/>. Acesso em: 18set.2020.

OLIVEIRA, L.L.; LOPES, E. da R. **Especial: Resky empolga Porto Velho - por Luiz Leite de Oliveira e Evandro da Rocha Lopes.** Rondônia ao Vivo, Rondônia, 17, janeiro 2015. Disponível em: <https://www.rondoniaovivo.com/geral/noticia/2015/01/17/especial-resky-empolga-porto-velho-por-luiz-leite-de-oliveira-e-evandro-da-rocha-lobes.html>. Acesso em: 01 out. 2020.

**PEÇA teatral encenada por presidiários, Bizarrus retorna aos palcos. Tudorondônia.** Disponível em: <https://tudorondonia.com/noticias/peca-teatral-encenada-por-presidiarios-bizarrus-retorna-aos-palcos-com-nova-roupagem-,4597.shtml>. Acesso em: 18 set. 2020.

SANTOS, S. **O alambrado da rua divisória.** Diário da Amazônia, Porto Velho/RO, 24, janeiro. Disponível em: <https://www.diariodaamazonia.com.br/o-alambrado-da-rua-divisoria/>. Acesso em: 01out.2020.

SANTOS, S. **Festa para os 102 anos de instalação de Porto Velho. Gente de Opinião.** Disponível em: <https://www.gentedeopinioao.com.br/colunista/silvio-santos/festa-para-os-102-nos-de-instalacao-de-porto-velho>. Acesso em: 01out.2020.

TEIXEIRA, A.A. Chicão Santos: quatro décadas de teatro. Teatro em Porto Velho, Porto Velho/RO, 8, dezembro. Disponível em: <https://teatroempvh.blogspot.com/2017/>. Acesso em: 01 out. 2020.

## Entrevistas

BEDOTTI, Alejandro. **Alejandro Bedotti:** depoimento [maio 2008]. Entrevistadora: Valdete Sousa Silva. Porto Velho: UNIR-RO, 2008. Mp3 Player. Entrevista concedida à Pesquisa monográfica Desenvolvimento da história do teatro em Rondônia da UNIR-RO.

CAVALCANTE, Angela. **Angela Maria Cavalcante Coelho**: depoimento [maio 2008]. Entrevistadora: Valdete Sousa Silva. Porto Velho: UNIR-RO, 2008. Mp3 Player. Entrevista concedida à Pesquisa monográfica Desenvolvimento da história do teatro em Rondônia da UNIR-RO.

CRUZ, Geraldo. **Geraldo Cruz**: depoimento [maio 2008]. Entrevistadora: Valdete Sousa Silva. Porto Velho: UNIR-RO, 2008. Mp3 Player. Entrevista concedida à Pesquisa monográfica Desenvolvimento da história do teatro em Rondônia da UNIR-RO.

DIVINO, Braz. **Braz Divino Ferreira da Silva**: depoimento [out. 2020]. Entrevistadora: Valdete Sousa Silva. Vilhena: UNIR-RO, 2020. Smartphone Redmi 7. Entrevista concedida à Pesquisa para a obra Memória: relatos do teatro de Rondônia.

MENDES, Firminetto. **Firminetto Mendes**: depoimento [out. 2020]. Entrevistadora: Valdete Sousa Silva. Vilhena: UNIR-RO, 2020. Smartphone Redmi 7. Entrevista concedida à Pesquisa para a obra Memória: relatos do teatro de Rondônia.

RODRIGUES, Lu. **Lucimar Ribeiro Rodrigues**: depoimento [out. 2020]. Entrevistadora: Valdete Sousa Silva. Vilhena: UNIR-RO, 2020. Smartphone Redmi 7. Entrevista concedida à Pesquisa para a obra Memória: relatos do teatro de Rondônia.

SANTOS, Chicão. **Francisco Santos Lima**: depoimento [dez. 2017]. Entrevistador: Adailton Alves. Entrevista concedida ao projeto Conversas de quinta: arte e cultura em debate. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tE4k1rZZv6g>. Acesso em: 20 out. 2020.



WANKABUKI:  
O PALCO É A  
VIDA!

## 2. WANKABUKI: O PALCO É A VIDA!

Núbia Rodrigues

### **Apresentação**

A proposta deste livro-reportagem surgiu quando estava decidindo o que faria como trabalho de conclusão do curso de Comunicação Social/Jornalismo, na Universidade Federal de Rondônia – *Campus* Vilhena. Como uma das fundadoras do Grupo de Teatro Wankabuki, e por reconhecer a sua participação ativa na movimentação cultural da cidade de Vilhena, resolvi registrar a sua trajetória. O Grupo realiza um importante trabalho no que se refere ao fomento das artes teatrais em Vilhena. Oferece oficinas de formação de atores, realiza peças, democratiza espaços de apresentações e promove eventos culturais, sendo que, atualmente, é o único grupo de teatro legalmente instituído no Cone Sul de Rondônia. O Teatro é ainda uma arte em fase de nascimento nessa região do estado. São raros os espaços específicos, bem como é grande a carência de grupos teatrais. Há que se destacar a presença de alguns grupos mais restritos aos ambientes religiosos. Também, há que se destacar o trabalho do SESC, com oferecimento de oficinas e o projeto Leitura Dramatizada, bem como promoção de apresentações teatrais com grupos de outros estados e locais. Ter participado da fundação do grupo, nos idos de 2003, juntamente com mais três pessoas que se conheceram na universidade: Diomar Soares, Valdete Sousa e o Osvaldo Gomes Oliveira, me faz ser feliz e agradecida por ser parte dessa história e, mais ainda, por poder relatá-la em um livro.

Este livro se apresenta em uma sequência cronológica, desde o surgimento do Grupo até os dias atuais, passando por momentos importantes como a institucionalização e a promoção de festivais. A primeira parte resgata o surgimento do grupo e seus fundadores, trazendo os primeiros integrantes, as primeiras peças montadas e como se trabalhava com recursos



financeiros mínimos até a fase em que o grupo fica sem produzir. Na segunda parte encontra-se o ressurgimento do grupo e uma evolução estética em sua produção. É quando o Wankabuki descobre novos espaços de apresentação a serem explorados e seus integrantes entram para uma fase de mais estudos. Na terceira e última parte, tem-se o momento atual do grupo, a produção de eventos grandes, as peças montadas atualmente, a incerteza do futuro e breves depoimentos de integrantes e ex-integrantes do Wankabuki.

## **Parte I – ãh....Kabuki?**

### **Primeiras Cenas**

Uma mulher chora. Suas lágrimas transformam-se em um grande lodaçal onde ela lava velhos retalhos com os quais veste os filhos e a si mesma. No bucho, mais um menino. Nem a moleza das lágrimas consegue abrandar seu olhar duro. Uma criança chora ao lado com a fome que a atravessa, a fome atravessa a vida e os corpos de muitos meninos. Um retirante caminha e vai longe, deixando sua tapera e sua família à procura de um sonho que alguém lhe plantou, porque retirante mesmo nunca sonhou. Chão batido pela intensidade do sol, braços magros suados de cavar pedras. Na falta d'água, a terra árida faz brotar uma gente seca. A vida arde, mas é sempre vida. A morte é quem lhe complementa.

Este cenário inóspito ambientaliza a primeira peça apresentada pelo Grupo de Teatro Wankabuki. *Morte e Vida Severina*, adaptação do poema homônimo de João Cabral de Melo Neto feita pelo diretor rondoniense Luiz Antônio de Araújo. Trata da seca nordestina, protagonizada por um retirante que sai de sua terra em busca do litoral. Mas... O que tudo isso significava para um grupo de jovens que desafiava a imaturidade estética em busca de um novo sonho: fazer Teatro?

Diomar Soares, Valdete Sousa, Ledson Vanini, Donizete Duarte, Poliana Mendes, Flávio Inácio, Oswaldo Gomes Oliveira, Núbia Rodrigues, Naiara Duarte são alguns dos primeiros personagens do grande espetáculo Wankabuki. Frio na barriga, crises de risos, mãos geladas e coração palpitando acelerado. Sintomas de quem está prestes a pisar no palco pela primeira vez.

“Morte e Vida Severina” estreou em junho 2004, durante as programações culturais que encerraram o IX Seminário de Estudos Linguísticos e Literários (SELL)<sup>1</sup>, evento da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), campus de Vilhena. Uma montagem como essa significava uma verdadeira empreitada, primeiro porque não tinha recursos financeiros, segundo porque a inexperiência da maioria era evidente. Porém, a energia e a vontade de fazer o diferente eram os grandes motrizes dessa turma, ainda inominada.

Ensaaios todos os sábados e às vezes durante a semana, para dar conta. Decorar textos embaixo do chuveiro, enquanto o som da água se misturava aos sons das falas, os familiares imaginavam que estivéssemos ficando malucos, e ainda teriam de ouvir-nos recitando versos durante o café da manhã. Madrugadas de longas risadas, duas ou três horas da manhã pintando painéis ou confeccionando figurinos representavam mais uma aventura do que trabalho. As inquietações também não faltavam, pois os ensaios eram árduos. Depois dessa apresentação, viriam outras... E tantas outras nos dezoito anos de história, mas todas trariam em si os mesmos sintomas de nervosismo e a mesma emoção de pisar em um palco, seja um tablado, uma calçada, um chão de cerâmica, a grama, a terra. Com o tempo, o grupo recém-criado compreenderia que o espaço do teatro é o mundo e o palco pode ser qualquer lugar.

## **Um Retirante e um Mapinguari**

*Onde viveu um peito mais ardente? Onde viveu um peito mais valente?  
Onde mais livre um coração?*

*(Do texto “Morte e Vida Severina”)*

As cortinas foram abertas em 2003. Era uma manhã quente em Ji-Paraná (Rondônia) quando Valdete Sousa, arrumando as malas, colocava mais do que seus pertences na bagagem, guardava também seus ideais. Por motivo de ter sido aprovada no vestibular para o curso de Letras, na Universidade Federal de Rondônia (UNIR), campus de Vilhena, teve que

---

<sup>1</sup> O Seminário de Estudos Linguísticos e Literários (SELL) é um evento acadêmico-científico, realizado pela Universidade Federal de Rondônia em 2021-26ª edição.

realizar a mudança de cidade. Na cabeça da jovem de 19 anos pairavam ideias ainda incipientes, que falavam de um sonho que cultivaria naquela cidade que, para ela, era nova. Como primeira personagem a entrar em cena, Valdete convida os outros a também subirem ao palco. Eu, com 18 anos, menina calada, Diomar Soares, com 28 anos, mais tagarela, as três aproximaram-se através dos grupos de trabalho da faculdade. Nasceu, então, uma amizade, e, mais que isso, nasceu um grupo de teatro de futuro incerto, mas das incertezas foram brotando ideias, que ramificaram.

Valdete começou a atuar no *Grupo de Teatro Arterial*, de Ji-Paraná, aos 15 anos de idade, mas a paixão pelos palcos já a acompanhava desde a infância, quando participava de pequenas peças nas escolas onde estudara. Na fase adulta, entre tantas dúvidas sobre o futuro, guardava em si uma certeza: jamais deixaria de fazer teatro, embora sua visão sobre as artes cênicas fosse ainda prematura. O amadurecimento viria com o tempo e com a caminhada, entre oficina, seminários, leituras e produções. Diomar Soares morava em Vilhena desde a infância. Entrou para cursar a faculdade no período da manhã, pois durante a tarde e à noite trabalhava como secretária em uma escola do Estado. Falava muito, embora ouvisse pouco, pois uma leve surdez a acometia no ouvido direito, o que fazia com que perdesse parte de nossos fuxicos. Mas, esse fator não a tornava distraída, pelo contrário, sempre atenta. Eu nasci em Vilhena, sempre mantive uma postura mais introspectiva. Ao concluir o ensino médio, na Escola Estadual Marechal Rondon, fui cursar Letras, na Unir. De alguma forma estávamos todas alinhadas a algum tipo de arte, Valdete já trazia na veia o Teatro, Diomar estudava música quando criança e no início da adolescência, eu era encantada pelos textos poéticos que comecei a conhecer muito cedo. A respeito de como um grupo de teatro transformaria nossas vidas, ainda pouco sabíamos.

Fosse primavera, como é poético narrar em romances clichês, mas poderia ser qualquer estação e na verdade não me recordo ao certo qual era. O Wankabuki nasceu (sem esse nome ainda) meio sem forma e de futuro incerto. “Vamos montar um grupo de teatro?” Foram palavras que saíram de boca de Valdete e soaram estranhas aos meus ouvidos e aos de Diomar, mas ao mesmo tempo soaram como uma oportunidade de construir algo ainda

impensado pela maioria. O que seria teatro? Como se faz teatro? Eram dúvidas que passeavam pelos nossos pensamentos inseguros. Mas a vontade e a expectativa nos levaram a dizer “sim”. E fomos as três começar do zero. Com que dinheiro faríamos? Em que espaço iniciariamos os ensaios? Quem dirigiria? A essa altura ficamos sabendo que trabalhava um professor na Unir que já tinha dirigido grupos de teatro, fomos até ele. Oswaldo Gomes Oliveira, professor do curso de Letras, aceitou.

Nesse período, Oswaldo ministrava um curso de teatro, como projeto de extensão universitária, cujo objetivo final era consolidar um grupo de teatro na UNIR. Quando soube de nosso interesse, trouxe com ele algumas de suas alunas, com as quais ensaiava a peça *A Lenda da Ecologia*, texto de sua autoria; porém, por algumas diferenças ideológicas, essas pessoas acabaram saindo, ficando os quatro sós. Decidimos que montaríamos *Morte e Vida Severina*, pois já tínhamos todo o figurino que Valdete havia ganhado do *Grupo de Teatro Arterial*. Precisávamos era de atores, pois a peça requeria uma quantidade mínima de dez, e eramos apenas três para encenar, mais um para dirigir. Convidamos então os alunos da Unir para participarem do grupo, que até então era conhecido no espaço acadêmico como *Grupo da Unir*, e, embora tivesse o apoio da instituição em relação ao espaço para ensaios e apresentações, nunca o tenha sido oficialmente. Juntaram-se aos quatro Janete Kozak e Douglas Filipe, que estudavam no curso de Jornalismo, Marcos Adriel do curso de Letras, e Luciano Gomes que não estudava na Universidade, mas soube do grupo através de amigos e se aproximou.

Os ensaios começaram para a montagem de *Morte e Vida Severina*, para tanto necessitava de mais atores. O grupo realizou a primeira oficina aberta para a comunidade. Chegaram os novos integrantes: Flávio Inácio da Silva, Ledson Vanini e Nayara Duarte, e a aventura wankabukiana ganhava novo enredo. Os personagens foram distribuídos, Ledson interpretava o retirante, protagonista da peça. Eu, que era menina tímida, de pouco falar, via-me transformando-me dia após dia, encarnando a personagem Vêia, que representava uma alma penada, e a Lavadeira que chorava no palco devido à fome e suas condições de vida precária. Estavam ainda Diomar, Valdete, Douglas, Janete e Flávio Inácio. Alguns desses integrantes passaram apenas um curto

período, como Janete, Marcos, Luciano e Douglas; os outros participaram da história do grupo por um longo período e ajudaram a estruturar as suas bases.

Alguns dos novos integrantes eram estudantes do ensino médio em escolas estaduais, como Flávio Inácio e Poliana Vilela Mendes (16 anos, na época). Ledson, com 21 anos, era calouro do curso de Jornalismo da Unir e soube da oficina oferecida através de amigos, dentro da universidade. O que esses jovens procuravam no teatro? Para a maioria, o grupo representava um lugar seguro para extravasar a juventude, longe dos perigos que essa fase costumava oferecer. Uma das principais características nesse período era a amizade desenvolvida pela trupe. Víamo-nos todos os dias. Tínhamos um vínculo forte, o que fez com que o trabalho desse certo por um bom período. Para alguns, o grupo era um lugar de diversão, encontrar amigos, ter uma turma para andar junto. Para outros, um trabalho sério, uma profissão. Embora nenhum dos integrantes tenha, hoje em dia, o teatro como única fonte de sustento, alguns o tem como uma atividade de importância e responsabilidade.

Para estrear, o grupo precisava de um nome. Numa tarde, enquanto subíamos a pé a rua que nos levava até a Unir, alguns empurrando as bicicletas, como em tantas manhãs e tardes fazíamos, Valdete, Diomar, Poliana e eu conversávamos sobre um tipo específico de teatro japonês, em que os atores utilizam refinada maquiagem e atuam com gestos exagerados. Além de atores, vê-se também no palco músicos e coro: o Kabuki era o assunto do momento, em meio dele a constante busca por um nome para o grupo. Uma de nós que estava um pouco mais distante e distraída disse “ãh... kabuki?” outra ouviu e repetiu “uãn kabuki” e todas gostaram do novo som que ouviram. “Esse dá um nome bacana”, “diferente”, “original”, e logo estava definido e surgia, então, o Grupo de Teatro Wankabuki. De uma distração, tínhamos agora um nome que representava uma verdadeira identidade. Com ele passamos a aparecer nas páginas dos jornais locais, e o grupo começava a ficar conhecido.

Iniciaram os ensaios de *A lenda da Ecologia*, de Oswaldo Gomes, em 2005. Os figurinos das atrizes que interpretavam as personagens indígenas eram feitos de sacos de juta reaproveitados, os quais conseguíamos como doação de uma instituição que armazenava grãos. Costurados à mão

e amarrados em partes ao gosto de nossas imaginações, provocavam leve coceira na pele, que era ignorada pelas atrizes. Assim eram todos os outros figurinos, feitos de reaproveitamento de materiais que exigiam criatividade e dedicação para a confecção. Um vestido antigo recortado se tornava uma peça do figurino da personagem Terra, assim como meias-calças incorporaram-se e se tornaram a pele do Mapinguari. Um mosquiteiro amarelo velho emprestou sua pele de tule ao Sol, e as personagens foram se vestindo de elementos inutilizados que agora ganhavam novos significados em uma peça teatral. Alguns figurinos e painéis eram feitos de tecido TNT e outros materiais de baixo custo.

Wankabuki era um grupo totalmente artesanal no início. Com a falta de recursos financeiros para produzir material de divulgação, os cartazes eram feitos à mão, desenhados, fotocopiados, ampliados e dispostos pelos corredores da Unir e em diversos locais da cidade. Já os ingressos eram feitos no computador, sempre em preto e branco, impressos em sulfite. Também os figurinos e painéis eram costurados, pintados e desenhados à mão, em longas tardes e madrugadas. Isso não impedia que o público estivesse presente nas apresentações, pois as 90 cadeiras do Anfiteatro Guarantã estavam sempre lotadas.

### **Brincadeira ou Coisa Séria?**

*Se amamos a ecologia, vamos gritar com a arma da poesia tudo o que foi  
Curupira e Mapinguari.*

*(trecho de A Lenda da Ecologia de Oswaldo Gomes Oliveira)*

O espetáculo “A Lenda da Ecologia” aborda de maneira, às vezes cômicas, às vezes trágicas, a ocupação não-indígena da Floresta Amazônica, a destituição de terras dos índios, o aniquilamento da fauna, da flora e da riqueza cultural e folclórica da região e a questionável atuação de organizações não governamentais estrangeiras sobre a floresta brasileira. Como uma “voz que chama para o palco os artistas da resistência”<sup>2</sup>, o texto

---

<sup>2</sup> Trecho do texto A Lenda da Ecologia, de Oswaldo Gomes

clama pela arte e suas diversas manifestações, criticando o estrelismo e propondo um “reflorestamento cultural”.

No sábado, 30 de julho de 2005, o grupo subiu ao palco do Teatro Municipal Dominginhos, na cidade de Ji-Paraná (RO). Pela primeira vez em um teatro “de verdade”. O Festival de Teatro Coração de Rondônia, promovido pelo Sindicato de Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões de Rondônia (SATED/RO) congregava grupos de diversas cidades dos estados de Rondônia, Acre, Mato Grosso e Goiás. Foi nosso primeiro contato com outras pessoas que também faziam teatro, pois, com exceção de Valdete e Oswaldo, éramos todos iniciantes. Corações afitos, muito nervosismo e, ao mesmo tempo, alegria. O Teatro Dominginhos possui 200 cadeiras; para nós, era enorme em comparação com o reduzido espaço ao qual estávamos mais afinados. O coração quase saía pela boca.

As dificuldades enfrentadas durante a participação no primeiro festival fizeram crescer no grupo a necessidade de estudar técnicas teatrais mais profundamente para melhorar a qualidade das peças. Depois da temporada de *A Lenda da Ecologia*, Oswaldo foi cada vez mais se afastando a fim de realizar tratamentos médicos para recuperação de sua saúde, mantendo por um período como um orientador do grupo, até desligar-se totalmente, ficando Valdete à frente dos trabalhos.

Oswaldo começou no teatro ainda na adolescência, na década de 1970, em Porto Velho, quando tinha 16 anos. Participava ao mesmo tempo de dois grupos, um deles era na Igreja Católica, onde atuava com os adolescentes do *Grupo de Jovens*; o outro, um trabalho mais intenso, cujas criações eram mais críticas: o *Grupo Terra* composto por mais cinco atores, além de Oswaldo, e um diretor. Uma das principais peças que montaram foi *Bailado dos Sonhos*, de autoria colaborativa entre os integrantes do grupo.

Os primeiros componentes do *Terra* realizaram uma espécie de pacto, através de um ritual, em que se comprometiam em trabalhar, com as armas que tivessem, em prol da manutenção da ecologia e pela sustentabilidade do planeta Terra. Oswaldo sempre teve como arma a Língua Portuguesa, na sua forma de poesia, e o teatro. Do compromisso firmado com o *Terra*, nasceu o texto *A Lenda da Ecologia*, que foi montado algumas vezes por

diferentes atores, sob sua direção. Em Vilhena, desde 1997, quando ingressou como professor do curso de Letras Unir/Vilhena, Oswaldo sempre trabalhou com teatro tanto nas disciplinas em que ministrava nos cursos de Letras, Pedagogia e Jornalismo, quanto nos cursos de extensão universitária.

## Tempos de poesia

*“As palavras não nascem amarradas, elas saltam se beijam, se dissolvem, no céu livre, por vezes um desenho, são puras, largas, autênticas, indevassáveis.”*  
(Carlos Drummond de Andrade)

No *blackout*, uma atriz recita fragmento do poema “A procura da poesia” ... As luzes acendem-se e sobre o palco, ou espalhados pelo espaço, veem-se atores amarrados ou sobre redes, tortos, retesados, submersos nos profundos emaranhamentos do eu. Com versos da poesia de Carlos Drummond de Andrade representávamos o sujeito *gauche*, alheio ao mundo e imerso no niilismo irremediável da segunda fase da poesia drummondiana. Anjos tortos, vivendo nas sombras, assim estreava *Vai Carlos! ser gauche na vida*, recital dirigido por Valdete Sousa que estreou no dia 07 de abril de 2006, no anfiteatro Guarantã. Casa cheia, as noventa cadeiras estavam todas ocupadas.

De todos os integrantes, um deles tinha mesmo a sina de ser o mais *gauche*. A participação de Flávio Júlio no *Wankabuki* durou quatro anos. Em seu personagem na peça *Vai Carlos! Ser Gauche na vida*, recitava o trecho do *Poema de Sete Faces*: “Quando nasci um anjo torto desses que vivem nas sombras disse: vai Carlos, ser gauche na vida”. E foi Flávio, ser *gauche* na vida. Após seu afastamento do grupo, o encontramos algumas vezes, soubemos que trabalhou em restaurantes de Vilhena, depois, sucedeu-se um longo período sem notícias. Apenas quando foi veiculada pelos sites da cidade a tragédia que o jovem ator protagonizou, é que soubemos que Flávio fora assassinado aos 25 anos, em junho de 2015. Nas investigações policiais descobriu-se que era usuário de entorpecentes e estava, possivelmente, envolvido com tráfico de drogas.

*Vai Carlos! Ser gauche na vida* foi um marco na trajetória do grupo. A partir daí, passamos a estudar mais a teoria teatral e experimentar. Mais



tarde, o espetáculo se transformou em *José & Cia*, mantendo seu caráter experimental, pois através dela testamos teorias e nossos limites e o jogo que existe entre ator e público.

A poesia era a marca registrada do grupo em seus anos iniciais. Até hoje, se faz presente em nosso fazer artístico, ou mesmo de seus integrantes, em ações individuais. Parte disso se deve ao curso de Letras e ao vínculo com a Universidade. Dessa paixão, nasce *Tragédia no Lar*, com Diomar, Poliana, Valdete (que também dirigiu o espetáculo) e eu. Usávamos lanternas para fazer a iluminação e poemas de Castro Alves. A peça retrata a condição do negro no período de escravidão no Brasil. Os anos iniciais também foram marcados por uma influência das correntes mais mórbidas da Literatura, como Romantismo e Simbolismo, talvez pela nossa juventude, pois é inerente aos jovens trazer arraigado ao ser, certo niilismo. Mesmo em trabalhos mais recentes, percebem-se pitadas desse gosto. Muitas vezes, reuníamos-nos à noite na casa da Valdete, em pequenos saraus, onde líamos poemas de Carlos Drummond de Andrade, Arthur Rimbaud, Charles Baudelaire, Álvares de Azevedo, Castro Alves, Bocage, Lord Byron, entre outros poetas que marcaram nosso gosto pela Literatura.

O Teatro e a Literatura nos aproximaram da Música. Gravar em um estúdio profissional foi uma experiência e tanto. Para mim, chamavam-me a atenção para que cantasse mais alto, na timidez de menina, embora já principiasse a idade adulta, falar alto era uma das ações mais desafiadoras. Cantamos, e *Negrolô*, música composta por Ledson, virou clipe para concorrer à Mostra Cultural da 5ª Bienal da União Nacional dos Estudantes, em 2006. O clipe foi gravado no estúdio do músico Mário Miléo e produzido pelo Studio Multimídia, do jornalista Dejanir Haverroth, com a direção de Valdete Sousa.

As cenas foram em parte gravadas no espaço da Casa de Rondon (antigo Museu de Vilhena), na época já fechada para visitação, localizada em uma região de cerrado, com uma árvore Jatobá ao fundo. Dançávamos, em coreografia, e cantávamos ao som do atabaque e berimbau tocados por Donizete Dutra e Rômulo Azevedo. O clipe teve a participação do ativista cultural e professor de Capoeira Odair Belarmindo (Ki-suco). Algumas

cejas foram feitas no Terreiro de Umbanda, durante uma festa de santo destinada à orixá Oxum. Nesta época, passaram pelo grupo Rômulo Azevedo e Gleice Machado, que eram estudantes de Jornalismo na UNIR. O clipe está disponível na internet e possui diversas visualizações.

### **Era Uma Vez...Um grupo**

*Não consigo entender as leis da floresta: nos sacrificamos pelos outros e ninguém faz nada para nos ajudar. (Fala da Cobra, em Perdidos na Floresta de Antero de Sales)*

Um casal de crianças se perde em uma floresta e começa a viver muitas aventuras ao encontrar personagens fantásticos do folclore brasileiro: o Saci, e animais encantados, como a Cobra e a Arara. Além disso, uma das crianças é enganada por um Bruxo perverso e salva por uma Fada, que ganha os poderes do lendário Pai da Mata para salvar a vida na floresta. Em cena: Valdete, Shelly, Lu e eu. Durante os ensaios, aproxima-se do grupo Laysson Hickmann, que participa conosco durante um tempo e passa a fazer a sonoplastia do espetáculo. Também Elizane (Zane), que estava sempre no apoio técnico. Embora Zane tenha se aproximado do grupo lá nos anos iniciais, teve uma trajetória de idas e vindas, participando com mais frequência nessa época.

Lucimar mudou-se de Porto Velho para Vilhena junto com o marido e o casal de filhos. Tinha a intenção de criar um grupo de teatro, porém, soube que na cidade já existia um. Começou a fazer teatro na adolescência, nos idos da década de 1980. Por coincidência, havia iniciado as atividades teatrais no *Grupo de Teatro Arterial*, em Ji-Paraná, o mesmo por onde passou Valdete, porém as duas não chegaram a se conhecer. Depois, participou da formação do *Grupo Fama* e, já em Porto Velho, participou do *Grupo de Teatro Água de Chocalho*. Com o casamento e o nascimento dos filhos, Lucimar Rodrigues passou quase doze anos sem participar de grupo, embora mantivesse contato com teatro nas escolas onde lecionava. Em Vilhena, resolveu que voltaria para os palcos. Então, soube do grupo e foi se aproximando aos poucos, sempre acompanhada da filha Shelly.

A chegada de Lucimar e Shelly (na época com oito anos) coincidiu com um período em que o grupo estava com as atividades em baixa, pois seus integrantes começam a se dispersar. A partir de 2007, alguns de nós já havíamos saído da universidade. Fomos, aos poucos, nos afastando. Poliana e Donizete mudaram de cidade. Ledson Vanini resolveu sair do grupo, Diomar se afastou por razões familiares e de trabalho. Eu também me afastei. Valdete, que sempre foi uma espécie de carro chefe, também precisou sair por questões profissionais. Parecia então que o Wankabuki estava terminando. Seria mesmo um grupo universitário de final precoce? Valdete, embora não pudesse fazê-lo, desejava que o grupo continuasse suas atividades, então pegou um portfólio onde constavam todos os trabalhos e entregou à Lucimar, pedindo que ela mantivesse o Wankabuki na ativa. Até essa época existia informalmente, era um grupo que trabalhava, mas ainda não existia como personalidade jurídica. Em 2007, as atividades foram encerradas. Aquele fogo da juventude havia cessado e cada um agora procurava seu próprio caminho.

Teatro é algo que gruda na pele. E viver sem ele é algo impossível para Valdete. Daquele fogo que parecera cessar em 2007, ainda restava uma brasa que queimava por dentro dos corações wankabukianos. No final de 2008, Valdete retomou as atividades juntamente com Lucimar e Shelly. Como uma fênix, o grupo ressurgia para novos dramas e comédias, para novos atos. As três resolvem montar um espetáculo infantil *Perdidos na Floresta*, texto do dramaturgo e diretor ji-paranaense Antero de Sales. Nesta época, também retornei ao grupo e aos poucos o Wankabuki foi reunindo sua trupe e retomando sua caminhada artística. Agora em uma nova fase, não mais marcada pelos deslumbramentos juvenis, e sim por ideais mais centrados.

Trabalhar com um espetáculo infantil era uma novidade para o grupo tão acostumado a espetáculos voltados para um público adulto e marcados por textos poéticos. Inicia-se a montagem de *Perdidos na Floresta*. Os integrantes já estão mais adultos e mais bem preparados no que se refere à técnica. Assim, nasce um espetáculo mais elaborado, embora ainda carecendo de conceitos mais profundos que, ao longo dos anos, foi se desenvolvendo e faz com que, hoje, esse mesmo espetáculo tenha nova roupagem.

*Perdidos na Floresta* estreou no dia 18 de julho de 2009, no Espaço Cultural. As cenas arrancaram risos do público. Presentes na plateia estavam Rafael Reis e Cledeimar Jeferson Batista. Quem olhasse para os dois sentados e contemplativos não poderia compreender o que a presença de ambos significaria para o *Wankabuki*. Nasceu nesse dia uma parceria entre o grupo e *O Ponto de Cultura Cone Sul Plural*, do qual Jéferson era presidente na época. Essa parceria foi fundamental para que o *Wankabuki* realizasse muitas de suas ações e responsável por manter o grupo ativo no cenário cultural vilhenense. Rafael também começa a se aproximar, pois se encanta com a apresentação e sente vontade de também se tornar um ator. Porém, apesar de sua vontade, isso só se consumaria futuramente.

O *Ponto de Cultura Cone Sul Plural* atua na região Cone Sul do estado de Rondônia com a finalidade de incentivar os produtores de cultura dessa região. Cledeimar Jéferson era presidente da Organização Não Governamental *Grupo Beija Flor*, que trabalhava na linha de prevenção de DST/AIDS, e surgiu quando resolveu escrever um projeto para participar do edital aberto pelo Ministério da Cultura (MINC) para formação de Pontos de Cultura. Foi selecionado para trabalhar um triênio que iniciou em 2009. Enquanto escrevia o projeto, Jéferson refletia sobre algumas questões: “Que tipo de cultura existe em Rondônia? Que tipo de ação cultural gostaria de promover?”. Surgiu a ideia de trabalhar com a pluralidade de culturas no Cone Sul de Rondônia, daí a justificativa do nome.

Na relação de ações do projeto para concorrer ao Ponto de Cultura estavam o resgate da memória cultural da região e o incentivo, através de suporte financeiro em forma de cachês, para quem produz manifestações culturais no Cone Sul. Com isso, o Ponto conheceu o *Wankabuki* e estabeleceu-se uma parceria que foi para além dos financiamentos de cachês. Como o ponto adquiriu uma série de equipamentos com luzes, mesa de som, microfones e outros, tornou possível uma série de ações do *Wankabuki*, sendo a principal delas o projeto *Invadindo a Praça*. Outro fator marcante dessa parceria é a amizade formada entre os componentes dos dois grupos, que possibilitou a presença mais ativa de Jeferson como um incentivador do grupo e de sua manutenção. Ele esteve presente também em momentos que

o grupo estudava melhor a ideia de se institucionalizar. O Ponto continuou a sua ação no Cone Sul, porém a terceira parcela dos recursos que deveria ser enviada pelo MINC, em 2011, nunca foi depositada.

## **Um Pé na Caixa Outro na Rua**

*Não queremos mais lirismo, que não seja libertação.*

*(Manoel Bandeira)*

A vontade de ir para a rua, conhecer lugares mais amplos, tirar os pés do tablado, pois o grupo se reconheceu fazendo um teatro de caixa em uma cidade que não tem caixa. Uma forte necessidade de conhecer a cidade, explorar os espaços que ela oferece, fosse uma rua, uma praça, uma construção abandonada, uma feira livre, descobre-se que onde é possível estar o público é possível estar o ator. Foi quando 42 pessoas se reuniram em uma oficina de iniciação teatral, e começou a experimentação de espaços fora do palco. Ministrada por Valdete, os estudos seguiram numa linha do teórico teatral Jerzy Grotowski. Foi uma das maiores oficinas realizadas pelo Wankabuki em relação ao número de participantes, aconteceu no Espaço Cultural, local cedido pela Prefeitura de Vilhena. Dessa oficina nasce *José & Cia* e através dela chegam ao grupo Isabela Tabalipa, cuja participação foi marcante, e Alan Sousa. Na apresentação de encerramento da oficina, no dia 22 de maio de 2010, o Wankabuki deu mais um passo para seu crescimento estético. O palco se mistura com a plateia e os atores se dispersam pelo público, não havendo mais limites entre um e outro. Da experiência resultou a peça que acompanha a trajetória do grupo e é, para nós, um símbolo de experiência, uma porta por onde deixamos entrar muitas experimentações.

Outro fator que ampliou os horizontes dos componentes foi a participação de alguns integrantes no Festival de Teatro Amazônia Encena na Rua, evento que acontecia todos os anos em Porto Velho, com organização do produtor cultural Chicão Santos. Foi considerado o maior festival de teatro de rua da Amazônia, oferecendo oficinas, rodas de conversas e apresentação de espetáculos, com participação de artistas de todo o Brasil. Essa

troca sempre foi importante, pois o grupo entra em contato com o que está acontecendo no restante do país.

Valdete então pensa: “Porque fazer teatro de caixa, se Vilhena não tem Teatro? Vamos para a rua!”. Levou essa ideia ao restante do grupo que aceitou a proposta. Dessa forma, inicia os preparativos da peça *Severina*, que foi ensaiada para ser espetáculo de rua. No entanto, com a carência de atores, acabamos mais uma vez com um espetáculo de caixa. O vai e vem de atores é uma constância no Wankabuki. Em *Severina*, atuávamos Valdete, Lu, Zane, Layson, Shelly e eu. Todos faziam a iluminação e sonoplastia em uma forma de revezamento, enquanto um ator estava no palco, o outro que estava atrás da coxia comandava a luz e o som, como uma forma de suprir a falta de pessoal, aprendendo, também, a adaptar as obras ao número reduzido de atores. Estreamos em 05 de junho de 2010, no Centro Cultural.

Até o início de 2010, Wankabuki era uma criança sem registro de nascimento. A necessidade de institucionalização já havia sido pensada desde o início de sua constituição, em 2003 - fato este registrado nas primeiras atas. A ideia inicial era a criação de uma organização não governamental (ONG) que, inclusive, teve aprovada em assembleia do grupo a sua fundação, estatuto e diretoria. A ideia da ONG foi mantida até 2007. Porém, devido à dispersão das pessoas que começa a ocorrer a partir de então, o assunto acabou ficando de lado, sendo retomado, futuramente, por Lucimar e Rafael em todas as reuniões, além de ser destacada por Jéferson, do Ponto Cultura, em rodas de conversas. No final de 2009, isso se torna mais incisivo, como uma necessidade para a participação em editais de patrocínio e outras formas de captação de recursos.

Em 2010, após diversas reuniões, Valdete foi eleita Presidente e, já no início de 2011, o grupo ganhou o edital de patrocínio do Banco da Amazônia para realizar o Projeto *Invadindo a Praça*. Nessa época foi criado também o blog, como um espaço para registrar os eventos que permeiam a existência do Wankabuki. A ATEW – Associação de Teatro e Educação Wankabuki traz em seu estatuto o objetivo de contribuir com o desenvolvimento cultural da sociedade, através da montagem de espetáculos, promoção de palestras, cursos, oficinas, debates e intercâmbios e troca de informações com outros estados e/ou países.

## Parte II - A Rua é do Povo

### A Rua entra em Cena

*A praça? A praça é do povo, como o céu é do condor. A rua? A rua é do povo, como o céu é do avião. A partir deste momento, o Grupo de Teatro Wankabuki está invadindo esta praça! (Abertura do Projeto Invadindo a Praça)*

Pessoas se aproximam de uma lona estendida sobre o paralelepípedo. Crianças e adultos. Aos poucos vai se formando uma pequena multidão. Risos... Gargalhadas, um pequeno grupo de artistas toma a cena na praça. Era a primeira edição do *Projeto Invadindo a Praça*, resultado da oficina Cena Aberta. A primeira, de dez edições do projeto, foi ainda tímida, realizada na Praça Nossa Senhora Aparecida, em frente à Biblioteca Municipal Monteiro Lobato. Seguiram-se diversas apresentações constituídas de cenas breves, esquetes, performances criadas pelos alunos da oficina. O Projeto foi uma experiência do Wankabuki, que começa a ganhar as praças de Vilhena a partir de pensamentos amadurecidos de um teatro que extrapola as fronteiras das paredes dos espaços fechados e vai, passo a passo, invadindo praças, ruas, calçadas, construções abandonadas e aos poucos cada canto da cidade.

O *Projeto Invadindo a Praça* foi rascunhado dentro do ônibus, enquanto Valdete e Lucimar retornavam a Vilhena, de uma viagem que fizeram a Porto Velho para participar do Amazônia Encena na Rua. A praça virou palco e levou a população de Vilhena para rua com o objetivo de assistir teatro, cena pouco comum para as características da cidade. A base para o projeto foram as Oficinas Cena Aberta, inspiradas nas propostas escritas nos artigos do ator e professor Adailton Alves, que na época estava no grupo *Buraco d'Oráculo*, de São Paulo, e atualmente é professor do Departamento de Artes da Universidade Federal de Rondônia, em Porto Velho e ator e diretor no *Grupo Teatro Ruante*. Em seus artigos, Adailton fala a respeito da exploração de novos espaços, em uma proposta de um teatro mais democrático e político. Uma iniciativa atrevida para o Wankabuki, considerando as peculiaridades da cidade de Vilhena, ainda pouco adepta ao teatro local.

O Wankabuki levou para dez praças e ruas de Vilhena o *Invadindo a Praça*, projeto contemplado pelo Edital de Patrocínio do Banco da Amazônia para ser executado no ano de 2011, com um valor de 15 mil reais. Certamente, a história do teatro local não será mais a mesma após essa experiência. O evento, que enchia os olhos das crianças e adultos de encantos, era motivo de orgulho aos integrantes do Wankabuki que participaram do trabalho. Desse projeto, surgiram as palhaças Paçoquinha (Lucimar) e Jujubinha (Valdete), além da personagem contadora de histórias Velhinha Maluquete, interpretada por Lucimar. Também, produziu-se uma série de performances e esquetes que permearam o trabalho do grupo em diferentes programações. Foi um ano de trabalho intenso, porque em praticamente todos os meses era preciso organizar uma apresentação em um bairro. O projeto teve o apoio do Ponto de Cultura Cone Sul Plural, que cedeu diversos recursos materiais necessários às apresentações.

As oficinas Cena Aberta aconteceram, em sua maioria, no espaço do CRAS e no antigo espaço da Secretaria Estadual de Educação (SEDUC). Foram seis edições, e suas produções fizeram parte das apresentações do *Invadindo a Praça*. Durante essas oficinas, participaram Dennis Weberton Vendruscolo Gonçalves (Dennis Webber), Rutileia Barbosa, Daniela Bezerra, Daniela Oliveira e Rafael Reis, que se integraram ao grupo; alguns desses, resistem ainda hoje. Ao total, foram 180 alunos qualificados pelo projeto, enquanto o *Invadindo a Praça* alcançou uma população média de 20 mil pessoas, em todas as suas edições, quando Vilhena abrigava pouco mais de 75 mil habitantes.

“*A Praça é do povo, como o céu é do condor*”, esses versos retomam a poesia do romântico escritor brasileiro Castro Alves. A praça é o espaço da liberdade, como aponta o poeta. O lugar de tudo e todos. Um espaço repleto de significações. Enveredando-se por essas descobertas, dois palhaços anunciam a invasão de mais uma praça ou rua da cidade, éramos o Rafael e eu que anunciávamos a série de apresentações que se seguiam com a apresentação da palhaça Jujubinha.

Já no início da tarde, os integrantes do Wankabuki e do Ponto de Cultura iniciam a montagem do som, das luzes e a armação da tenda. Outros se



espalham pelas ruas do bairro entregando panfletos para reforçar e lembrar a população que mais tarde uma trupe estaria na praça para fazer a alegria de adultos e crianças. Estava programada a invasão, fosse na Praça do 5º BEC ou na Praça Padre Ângelo Espadari, ou mesmo em uma avenida. O ritual era o mesmo. Durante a semana, era feita uma divulgação mais intensa com carro de som e matérias veiculadas em imprensa local. Às 19h30 estavam todos prontos: atores maquiados, figurino alinhado, lona estendida sobre os paralelepípedos, tapetes espalhados pelo gramado ou pela calçada. A música alta atraía o interesse das pessoas para ver o que de fato aconteceria ali.

A grande novidade que fazia as edições se tornarem únicas era o público e sua reação, embora, com o tempo, o evento fosse adquirindo alguns expectadores fiéis que estavam presentes em todas as ruas e praças onde acontecesse o *Invadindo a Praça*. A cada novo local “invadido”, uma nova aventura vivida. Em 24 de junho, invadimos a Praça dos Mensageiros, no Bairro Jardim Eldorado, na quarta edição do projeto. A edição da Avenida Melvin Jones, no Bairro Cristo Rei, foi a quinta, aconteceu no dia 30 de julho e foi a mais peculiar de todas. Além de um público expressivo em relação a todas as outras edições, foi a que teve mais acolhida e interação dos presentes. A cada edição era possível ver os rostos das crianças rindo das peripécias de Jujubinha e Paçoquinha, ou mesmo os olhares de pena ao desprezo sofrido por Pierrô, em *O Amor de Colombina*. Complacentes com a introspecção do artista que, em todas as edições, pintava, como a uma tela, alguém da plateia. A sexta edição aconteceu em uma noite de frio intenso, na calçada da esquina da Rua Jamari com a Avenida José do Patrocínio, no Bairro São José, em 20 de agosto. Ainda que sob o frio inquietante, o bairro todo pode se divertir ouvindo as histórias da Velhinha Maluquete ou vibrando aos voos dos malabares jogados por Isabela, Shelly e Daniela. Dennis e Rutileia ficavam mais no apoio, entre tantos preparativos.

O *Invadindo a Praça* não seria o mesmo sem a presença de uma participante ilustre, que não passou despercebida em nenhuma de suas aparições. Como membro ativo do Wankabuki, Laura está sempre de sorriso aberto, a passos molejados, o braço balouçante leva graça e irreverência onde chega e encanta os olhos de adultos e crianças. A boneca gigante foi

idealizada por Lucimar, inspirada no poema da poetisa brasileira Cecília Meireles *O vestido de Laura* e esteve em todas as edições do *Invadindo*, normalmente encerrando a programação.

Ainda ocorreram outras quatro edições do projeto, a sétima na Praça dos Mensageiros, na Av. Paraná, que teve a participação de alunos do Instituto Federal de Rondônia (IFRO), com uma mostra resultante da oficina ofertada por Valdete Sousa naquele instituto, em 01 de outubro. Mais uma edição na Praça do 5º BEC, em 26 de novembro, e a nona, na Praça Padre Ângelo Espadari. Encerrando o projeto e as atividades de 2011, na Praça Nossa Senhora Aparecida com uma grande roda de ciranda coordenada por Laura, Pierrot e Colombina.

### **Poesia da Boca Pra Fora**

*- Diga-nos qual é o papel. Depois pode ir embora.*

*(Bertolt Brecht)*

Mulheres sensuais sobre andaimes de construção, banquetas, balcão, ou mesmo no chão, e um soldado, tecem um diálogo lírico. Declamam textos irônicos e profundos que buscam explorar as emoções mais intrínsecas do ser humano. São versos da poesia de Carlos Drummond de Andrade, remetendo aos primórdios do Wankabuki, quando exploramos a parte mais niilista das fases drummondianas. Agora, temos a sensualidade, a irreverência e a ironia poética a nosso favor, abrindo, no público, o baú dos sentimentos voltados para a dor, o sofrimento, a solidão, o medo, a alegria entre outras emoções que permeiam a existência humana.

*Vai Carlos! Ser gauche na vida*, ganha uma nova roupagem, a presença de um soldado e de personagens caracterizadas como *pin-ups* representando a força da guerra e suas facetas e com elas as contradições humanas, agora é o espetáculo *José & Cia*. Participávamos desse trabalho Dennis, Rutiléia, Isabela, Valdete, Rafael, Daniela e eu, com direção de Valdete. Os ensaios aconteciam no Espaço Cultural JK, aos finais de semana durante às tardes, ou mesmo, durante a semana à noite, em dias em que a casa não era aberta ao público. Preparativos intensos, já que a montagem de *José &*

*Cia* acontecia paralelamente às atividades do *Inovando a Praça*. Em 2011, inicia-se uma temporada de três dias de apresentações no JK, um bar que congregava pessoas que se interessavam por arte e cultura em Vilhena.

A proposta desse espetáculo sempre foi a de experimentação. Tanto que, em cada temporada, (posteriormente a essa aconteceram mais duas) testamos elementos novos. É também um teatro político e enfático, que estabelece com o público um jogo que busca fincar uma comunicação com o homem deste tempo, sem deixar de resgatar o homem de todos os tempos. A montagem dessa peça, talvez, seja a mais instigante para mim. Nos três dias de apresentação, o público foi pequeno, mas expressivo no sentido da participação.

Cada um dos integrantes trazia de si algo que contribuísse com a criação do personagem, ou com o conjunto da montagem da peça. Dennis Weber traz a perspicácia narrativa e uma visão semiótica do mundo, enxergando os significados implícitos em cada detalhe, transformando em elemento literário as cenas do dia a dia. Revezava com Rafael o personagem “Soldado”. Rafael, por sua vez, imprimia a graça, uma língua ácida que se mistura com uma inocência de menino, quando nos fazia rir cantando erradas as letras das músicas nos momentos de descontração. Rutileia era responsável por algumas de nossas melhores piadas internas, ágil e pouco paciente, transforma-se ao subir no balcão, onde representava na peça *José & Cia*.

O espaço JK era onde estávamos constantemente. Ali falávamos de poesia, ouvíamos as músicas que nos agradavam, conhecíamos pessoas partidárias às mesmas manifestações. Esse também foi um espaço que abriu as portas para o Wankabuki, cuja trajetória é marcada pela itinerância em locais de ensaios. Lá aconteceram algumas oficinas e o *I Sarau Poesia da Boca pra Fora* que coincidiu com o dia do encerramento do Seminário de Estudos Linguísticos e Literários, da Unir. O Sarau contou com a presença de nomes consagrados da poesia como os poetas Vinícius Bovo (Vilhena), Samuel Melo (Vilhena) e Frederico Barbosa (Casa das Rosas - São Paulo - SP).

A ideia do *Sarau Poesia da Boca pra Fora* surgiu em uma das várias gravações de vídeo-poesia que produzíamos, às vezes, até como uma brincadeira, ou mesmo com uma necessidade de ler textos poéticos, recitando-os.

Após a primeira edição, em 2012 fizemos outra edição, nesta resolvemos conciliar com a segunda temporada de *José & Cia* espetáculo de jardim. As programações se deram no jardim do espaço Armazém das Flores, entre os dias 26, 27 e 28 de outubro de 2012. O *II Sarau Poesia da Boca pra Fora* teve a participação de poetas e dos cantores de Vilhena Sandro Melo, Adriana Silveira e Wiliam Lázaro. E esse também é um dos objetivos do sarau, apresentar os artistas da região e suas produções.

Nesta temporada de *José e Cia*, participava do Grupo, também, Daniela Bezerra que ficou por volta de dois anos. Pelo grupo, também, sempre passaram pessoas que se mostraram mais como colaboradores do que como atores, como Mayko Estefano que teve uma participação durante um período, deixando suas marcas em desenhos das personagens de *José & Cia*, Herbert Weil e suas fotografias emblemáticas, e muitos outros que necessitaria de um trabalho intenso de memória para lembrar todos os nomes de pessoas que por algum momento integrou o Wankabuki. Nesta época, eu estava residindo em Comodoro (MT) e vinha participar dos ensaios aos finais de semana. Estes aconteciam no mesmo espaço onde ocorreram as apresentações. No final do ano de 2012, Daniela Sousa se muda de Vilhena para Cacoal, afastam-se também Mayko e Herbert. O ano de 2012, também foi um ano de reconhecimento, pois o grupo ganhou o prêmio Mérito Cultural, do Instituto Rondoniense de Pesquisa e Estatística (IRPE), que premia os destaques no ano em diversas áreas, eleitos através de pesquisas específicas com a população e especialistas.

Os ensaios e oficinas do Wankabuki sempre foram muito divertidos, espaço de libertação onde podíamos fantasiar, brincar, expressar as manifestações mais tresloucadas da mente, sem julgamento alheio. A interação maior sempre se dá pelo contato principalmente físico, permitido pelos diversos exercícios de corpo que possibilitam uma visão diferenciada do que é o corpo, visto como um instrumento de expressão. Entre os anos de 2011 e 2012 os integrantes do Wankabuki estavam em profunda interação, e o Grupo ganha o codinome de Wanka, trazido, carinhosamente, por Dennis. Wanka é apenas mais uma personagem em cena, representando cada um de seus integrantes que ao mesmo tempo é o próprio Grupo. Continuam

as ofertas de oficinas periódicas e, com elas, novos integrantes chegam em 2013: Evelyns Sousa Destro, Maycon Moura, Fernando Júnior e Gabriele Moraes, participam, também, da terceira temporada de *José & Cia* que aconteceu em 2013, no jardim do Espaço do Ponto de Cultura Cone Sul Plural.

A partir de 2014, afastei-me do Grupo, em meados desse mesmo ano, mudei-me para a cidade de Pontes e Lacerda (MT) o que acabou por contribuir com esse afastamento, embora mantenha participações esporádicas em oficinas e alguns eventos. Neste ano, muda-se de cidade também Isabela, para morar em Barra do Bugres (MT). Em 2014, também, iniciou uma nova fase para o Wanka, com o projeto *Leitura Dramatizada*, promovido pelo Serviço Social do Comércio (SESC), cuja proposta trazia montagens de leituras dramatizadas de textos abertas ao público. Para isso, a instituição trouxe para a cidade alguns professores que ministraram oficinas, das quais os integrantes do Wankabuki participaram. Das oficinas oferecidas pelo SESC, chegaram ao Grupo mais dois integrantes: Francieli Amanda Conci e Dholimam Balestrin.

Em 2014, o grupo foi contemplado com o edital o projeto *Mais Cultura nas Escolas* uma parceria MINC/MEC, com duração de seis meses, trabalhando oficinas teatrais na escola Alvares de Azevedo. O foco foram os alunos do Ensino Médio. Foi um projeto voltado ao incentivo aos jovens, ao final do projeto os alunos apresentaram o espetáculo montado em conjunto com provocação de Valdete Sousa, *Atores: há vagas!* Neste ano, chega ao Grupo Tainá Sousa, sobrinha de Valdete, que compõe o elenco de *Já passa das oito* e *Perdidos na Floresta*, além de outras produções. O texto *Já Passa das oito* do dramaturgo Fabiano Barros, além de Tainá traz no elenco Elieldo Paes, Valdete, Lucimar e Dholiman. Nesse ano, se aproxima do Grupo Liliane Souza, amiga de alguns dos integrantes, Liliane participa do projeto *Circo* da escola Ângelo Mariano Donadon, além de montagem da performance *Reflexo* em parceria com Isabela, apresentada na Teia Estadual/2014 no teatro Banzeiros em Porto Velho.

Em 2012, a praça ainda é do povo, e o Wankabuki continua sua empreitada de “invadir” praças e ruas e Vilhena, levando arte. Em 26 de agosto desse ano, aconteceu a *I Mostra de Performances Urbanas*, na Praça

Padre Ângelo Spadari, centro da cidade. Foram 14 apresentações fixas e circulantes, que abordaram (com senso crítico) temas como agricultura, jornalismo, meio ambiente, amor, vida e morte. Essa mostra foi resultado de dois anos de estudos e da ânsia dos participantes de experimentarem novos fazeres estéticos. Treze atores compartilharam suas criações – individuais ou coletivas. O Wankabuki sempre traz como uma marca registrada a crítica dos fatos atuais, e mesmo históricos, lembrando o porquê estamos aqui e fazemos arte. E se estamos aqui, por que nos calaríamos diante do que é necessário falar (às vezes gritar) e mostrar? Isso tudo em tons provocativos, incitando o público a também participarem das cenas. Nessa mesma toada, aconteceu a *II Mostra de Performances Urbanas*, iniciando em fevereiro de 2014. Resultado da Oficina de Performances, oferecida pelo grupo, durante o mês de janeiro do mesmo ano. Dessa vez, as apresentações aconteceram durante três dias e em lugares diversos da cidade de Vilhena, como a Feira Municipal, o Park Shopping Vilhena, a Fama – Faculdade da Amazônia e a Unir, com entradas gratuitas e contribuição ao chapéu.

### **Parte III - Um Grupo de Teatro na Amazônia**

#### **A Era Dos Festivais**

*O sonho do teatro não é se eternizar, mas falar com clareza, emoção, beleza, poesia e compreensão para o cidadão do seu tempo.*

*(Amir Haddad)*

Um menino caminha pela avenida mais movimentada da cidade. Seu corpo, através de suas vestes, vai se transformando pouco a pouco. Essas cenas chamaram a atenção dos transeuntes da Avenida Major Amarante, de Vilhena, no cortejo de abertura da II Edição do Festival Amazônico de Monólogos e Breves Cenas. Era Rafael Barros, ator portovelhense, atuando em sua performance “(In)visibilidade”. Essa performance termina na Praça Padre Ângelo Espadari, onde tiveram continuidade as programações do primeiro dia (04 de agosto de 2016), dos três dias de atividades. Apresentaram na Praça, à noite, os grupos: O Imaginário (breve cena *O boxe e Os três de sempre*) de Porto Velho e

*Suflé de Bodó Company* (com *Curumizado*) de Manaus (AM), mas as atividades já haviam iniciado pela manhã, com Bruno Selleri apresentando contação de histórias na Escola Municipal Ângelo Mariano.

Para chegar a esse ponto da história, Valdete retira de seu baú de sonhos, um que talvez fosse o maior que já pudera sonhar: a produção de um festival de teatro que agregasse apresentações, rodas de conversas e oficinas em um só evento. Um sonho cuja semente já tinha sido plantada há muitos anos. Mas, foi só em 2015 que a semente teve a ousadia de germinar. Principiaram, ainda em 2014, algumas conversas com Jeferson, do Ponto de Cultura Cone Sul Plural. Porém, na fase em que se encontrava, o Ponto já não dispunha de recursos para bancar um evento de grande porte. Então, Valdete desenhou um projeto para participar do Edital de Patrocínio do Banco da Amazônia. Ganhou, e o grupo abraçou a causa: nasce o *Festival Amazônico de Monólogos e Breves Cenas*, o primeiro festival de teatro produzido em Vilhena desde a década de 1980, sem vínculo escolar.

Com o recurso de 15 mil reais, o Wankabuki se pôs a produzir o Festival, com o apoio do sempre presente Ponto de Cultura Cone Sul Plural. A primeira edição aconteceu entre os dias 6 e 8 de agosto de 2015, e todas as atividades ocorreram no espaço da Unir. O evento contou com a apresentação de dez peças de grupos e artistas de Rondônia e Mato Grosso, com programação inteiramente gratuita. Nasceu tímido, sem chamar muito a atenção de artistas de outros estados, até por ser um evento iniciante, ainda sem referências. Mas, a ideia ganhou a confiança de alguns professores do curso de Licenciatura em Teatro da UNIR, em Porto Velho, como o professor Adailton Alves, que trouxe uma turma de alunos do Curso de Teatro para apresentações de performances, e do professor Luiz Daniel Lerro, que ministrou para 20 alunos uma das duas oficinas oferecidas nessa edição: “Dramaturgia do Ator”. A outra oficina “Confecção e manipulação de formas animadas” foi ministrada por Lucimar, do grupo, e teve a participação de 30 professores da rede pública de ensino.

O Festival promoveu o I Seminário de Cena Amazônica (SECA), uma iniciativa para debater o fazer teatral da Amazônia Legal, que teve a participação de professores e acadêmicos para discutir o “Teatro na edu-

cação básica”, além de rodas de conversas sobre os rumos do teatro na Amazônia. As apresentações ficaram a cargo de grupos de Rondônia (Porto Velho, Cacoal e Vilhena) e de Mato Grosso (Primavera do Leste). O encerramento do Festival ficou por conta dos donos da casa, o Wankabuki, que apresentou o espetáculo *Já passa das oito*. O festival teve uma cara singela e uma característica mais intimista, também por conta dos recursos que ainda foram pequenos nesse primeiro ano. No entanto, tudo deu tão certo que ficou um sabor de quero mais na boca de cada participante.

Todos já estavam esperançosos e motivados com a expectativa de produzir mais uma edição do evento em 2016. E foi o que ocorreu. O grupo se inscreveu para concorrer na seleção de patrocínio do “Programa CAIXA de Apoio a Festivais de Teatro e Dança 2016”, oferecido pela Caixa Econômica Federal. Foi contemplado com o valor de R\$ 65 mil para produzir o Festival. Sem dúvidas, foi um grande salto, que se refletiu na ampliação do evento. Desta vez, o evento foi maior e congregou mais grupos - foram 37 inscrições de grupos de teatro de diferentes estados. Além disso, as atividades ganharam espaço e se estenderam para outros setores da cidade como ruas, praças e bares.

Os dias 05 e 06 seguiram com atividades pela manhã; desta vez, foram oferecidas quatro oficinas, ministradas pelos professores do curso de Licenciatura em Teatro da Unir, Luiz Daniel Lerro e Júnior Lopes, ambos com doutorado em teatro, e pelos atores do *Grupo de Teatro Aqueles 2*, de Cuiabá (MT), Thaísa Soares, Umberto Lima e Péricles Anarkos. As tardes foram marcadas pelo *II Seminário de Cena Amazônica (SECA)* e as noites pelas apresentações de espetáculos que lotaram o anfiteatro Guarantã, o saguão, as áreas verdes e outros espaços da UNIR utilizados durante as apresentações, além de praças e ruas de Vilhena. A cidade se viu mergulhada em um universo simbólico e teatral.

Cenas fortes e emocionantes ocuparam Vilhena durante os três dias de Festival. Seja por conta da mãe de *Mãe-in loco*, representada pela atriz Carol Santa’Ana do *Grupo Soufflé de Bodó Company*, de Manaus (AM); ou na discussão de gênero levantada por uma personagem transgênero interpretado pelo ator Rafael Barros, do *Núcleo de Atores Ativos*, de Porto Velho



(RO), no espetáculo *TRANSformação*. E, ainda, pela ironia elegante dos *Três de Sempre*, levando para a rua temas como política e religião, pelo *Grupo O Imaginário*, de Porto Velho (RO), e, por conta da comoção causada por uma alma penada de uma mulher assassinada em um crime passionai e um homem para sempre preso à culpa, ao ciúme e humilhação, presentes na cena breve do *Grupo Aqueles 2*, de Cuiabá (MT), em um trecho do espetáculo *Confissões de um Amor Caboclo*, que impressionou a plateia que estava na Praça Padre Ângelo Espadari. Impressionaram, também, a candura de *Maiêutica*, que levou para a Avenida Melvin Jones, do Bairro Cristo Rei, uma linguagem poética que encantou os transeuntes com um convite à reflexão e introspecção que o nome sugere, na apresentação da atriz Raquel Mützenberg, de Cuiabá (MT), entre outros espetáculos que marcaram o festival. Ao todo, foram 18 apresentações, entre monólogos, performances e trechos de peças ou cenas breves.

Em 2017, não foi possível a realização do Festival, uma vez que o grupo não conseguiu levantar os recursos financeiros necessários para patrocinar o evento. As atividades, durante o ano, ficaram mais a cargo das apresentações dos espetáculos já montados, em especial *Perdidos na Floresta* e *Já Passa das Oito*, além das ações das palhaças Jujubinha e Paçoquinha. Embora tenha sido um ano movimentado, houve poucas produções novas, porém, foi um dos anos que o grupo mais comercializou espetáculos e fez apresentações, tanto em Vilhena como em outros municípios de Rondônia. Outra importante realização foi a oficina *A Cena Além dos Muros*, baseada no processo de criação de cenas, em que o ator vai construindo seu personagem através de um trabalho de corpo e de pesquisas externas e as cenas, que vão se encontrando com personagens e cenas criadas por outros atores em uma simbiose entre informações e performances individuais. Ainda em 2017, o Wankabuki se torna Ponto de Cultura, um projeto do Governo Federal, através do Ministério da Cultura (MINC).

## **Novos Atos**

Uma xamã atravessa a cidade de Vilhena, olhando nos olhos de cada um que dela se aproxime e enxergando sua alma e conhecendo-lhe a essên-

cia. Para cada um, entrega o remédio que mais lhe serve: uma erva, um óleo, um perfume. É a velha que compõe a performance *Epifânia* (*Grupo Spectrolab*, de Cuiabá/MT) uma das atrações da 3ª Edição do Festival Amazônico de Monólogos e Cenas Breves, que aconteceu entre os dias 13 e 15 de dezembro de 2018. Essa edição foi possível com o Prêmio de Teatro Jango Rodrigues – Edital/2017 – Superintendência de Esporte, Juventude, Cultura e Lazer do Estado de Rondônia, do qual o Wankabuki foi contemplado. Durante o evento, pudemos apreciar a docilidade do espetáculo *História de Amor* do grupo *Barulho do Acre*, de Rio Branco/AC; a ironia da *Trupe dos Conspiradores*, grupo de Porto Velho, com o uma cena do espetáculo *Inimigos do Povo*, abrindo para o diálogo de temas inquietantes e relevantes para o momento atual da sociedade brasileira. E ainda pudemos chorar de amor, de tristeza e de um misto de sentimentos sem definições com a peça *Agreste*, interpretação de Matheus Figueira, com sonoplastia de Écio Rogério e Sandra Buh, do grupo *O Barulho do Acre* (Rio Branco/AC), dentre outros que fizeram a 3ª edição do Festival acontecer.

Nessa época eu já residia na cidade de Comodoro/MT, e acompanhava o grupo apenas de longe, sem uma participação efetiva. Tempo esse, que se aproxima do grupo Débora Veiga. Ela chega ao Wankabuki através da participação na oficina oferecida pelo SESC-RO em Vilhena, e foram fazendo amizade, até que quando se deram conta, Débora já era uma integrante do Wankabuki. Aos poucos foi ocupando seu lugar, na assessoria de comunicação da ATEW e sonoplastia nos diversos espetáculos apresentados. Vilhenense de nascença, alguns anos antes Débora se mudou para Curitiba (PR) a fim de estudar a faculdade de Administração. Naquela cidade, conheceu as artes cênicas participando de cursos e assistindo espetáculos em festivais. Entre o retorno para sua cidade de origem, após a conclusão dos estudos, e o encontro com o Wankabuki, foram apenas alguns passos. Hoje é graduada em Teatro com ênfase em Sonoplastia, pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e continua integrando o grupo.

No início do ano de 2016, o Wankabuki havia começado o projeto de pesquisa acerca dos fluxos migratórios pelos quais passaram o Estado de Rondônia, através das histórias de famílias das próprias integrantes,

objetivando transformar os fatos em ficção. Uma cena breve desse espetáculo foi apresentada no *II Festival de Monólogos e Cenas Breves*, em 2016, intitulada *Contos do não Rio*. Em 2018, o grupo é contemplado com o Prêmio de incentivo às Artes Cênicas do SESC-RO, retoma a pesquisa e nasce o espetáculo *À Margem*, que resgata a ocupação do interior do Estado de Rondônia e a imagem de um rio (Pires de Sá, em Vilhena/RO) que durante muito tempo serviu para que as mães de família lavassem roupa, ou mesmo levassem água para casa para beber e, com o tempo e o crescimento progressivo da cidade, foi sendo poluído, até quase se perder – cena comum em muitos rios que atravessam cidades brasileiras. O espetáculo retrata também nuances da natureza da região amazônica e suas peculiaridades desenvolvidas através da mistura de povos e culturas.

Em movimentos lúdicos, que às vezes lembram os passos de um balé, Tainá entra em cena com um caminhão de madeira, desenhando no chão e em seu próprio corpo as trajetórias-estradas que fizeram milhares de famílias, vindas de várias partes do Brasil, para conquistar seu pedaço de chão em terras rondoniense. Assim inicia *À Margem*. Quanto tempo viajaram? Quantos sonhos traziam na bagagem? O que os motivaram a trocar suas terras por aventuras migratórias de futuro tão incerto? Perguntas que permeiam nossos pensamentos, enquanto assistimos às cenas. Com dramaturgia e direção de Valdete Sousa, as atrizes, por meio de diálogos e silêncios, luzes e *blackouts*, cantos de passarinhos, contam a história de nossa região pelas bocas de personagens nem sempre lembradas: duas lavadeiras (interpretadas por Tainá e Valdete), um cacaeiro (Tainá) e duas crianças (representadas por bonecos de pano, manipulados por Valdete e Tainá), aos sons de águas e bichos que criam um ambiente de floresta pela sonoplasta Débora, e o resgate das músicas da cultura popular, os cantos de trabalhos que tanto foram cantados por mulheres, à beira dos rios, por gerações. *À Margem* encerra as apresentações do *3º Festival de Monólogos e Breves Cenas*, em 2018.

Com o Prêmio de incentivo às Artes Cênicas do SESC-RO, *À Margem* estreia na XXI edição do Festival Palco Giratório como espetáculo convidado e circula pelas cidades de Ariquemes, Porto Velho e Nova Mamoré, perfazendo um total de 10 apresentações. Com o espetáculo *À Margem*, o

Wankabuki participou, ainda, do *1º Madeira – Festival de Teatro de Rondônia*, que aconteceu de 05 a 09 de junho de 2019, no Teatro Guaporé, na cidade de Porto Velho/RO. Mais informações sobre todas as etapas de produção do espetáculo *À Margem* podem ser lidas na terceira parte deste livro.

## **Os Wankas**

Narrar a trajetória do Grupo de Teatro Wankabuki é rememorar um longo período da minha vida. Foram muitas experiências compartilhadas que se confundiram com muitos dos passos que dei em minha trajetória. Entre distanciamentos e aproximações, o Wanka foi o pai das horas mais carentes, em que teatro se fazia para não pirar. Revelou os amigos quando precisei. Transformou-me em atriz e mudou os rumos da história daquela menina calada, principiando o curso de Letras, na UNIR. E em cada participante, ficou um traço de Wankabuki registrado na existência, seja quem estava no grupo quando da sua fundação, seja quem ficou apenas por um curto período, seja aqueles que fizeram uma oficina e depois foram embora. Todos levam na testa a estrela Wanka a brilhar quando veem uma notícia de uma nova apresentação em um jornal, ou quando se deparam com um cartaz na rua; ou, quem sabe, quando distraídos, relembrem trechos de uma peça na qual atuaram.

Um projeto que nasceu pequeno, da vontade de uma menina e que passou a ser a vontade de mais duas e que logo passou a ser a vontade de um grupo. E, após 18 anos, se mantém na cena, como se o espetáculo não pudesse mais acabar, ainda que marcado por *blackouts*. A complexidade de se produzir qualquer expressão de arte em uma cidade com características tão peculiares como é Vilhena, leva o Wankabuki a enfrentar um desafio diário, um desafio de sobrevivência, de lançar uma data para a estreia de um espetáculo e não confiar na presença do público, mesmo atuando há tantos anos na cidade, tendo como parceira inseparável a imprensa local, para a divulgação dos eventos.

No futuro o Wanka abrirá as cortinas para novos espetáculos? Nas palavras de Valdete, o futuro é sempre uma incógnita. “Esse ano eu sei que estamos aí, já ano que vem não sei o que vai acontecer”, diz, fazendo

menção aos projetos inscritos nos editais de patrocínio para o ano seguinte, dos quais, na maioria das vezes, os grupos do Estado necessitam para realizar suas ações.

As incertezas também estão presentes no que se refere ao número de integrantes. Nas palavras de Shelly, “as pessoas fazem oficina, passam pelo grupo, mas não ficam”. Nesses anos de trajetória é isso o que acontece - muitos passam, poucos ficam. E, dos que ficam, muitos precisam seguir novos rumos para construir novas histórias, deixando o grupo de uma forma ou de outra. E são muitos os Wankas, nas mais de trinta oficinas oferecidas nesses anos, não é possível contar a quantidade de pessoas que passaram. Mesmo aqueles que participaram efetivamente por um tempo, é difícil elencar todos, apesar de haver diversos registros, conta-se muito com a memória para lembrar todos os integrantes, que nem sempre se mostra fiel aos fatos vividos.

Talvez a palavra que melhor defina o Wankabuki é resistência. Porque de resistência vivem as manifestações culturais em Vilhena ou em outras partes de Rondônia. De resistência se constrói, dia a dia, a história do teatro no Norte do Brasil e quiçá no país inteiro. Da falta de pessoal até a falta de recursos financeiros. Para Jéferson, do Ponto de Cultura Cone Sul Plural, o Wankabuki representa “resistência”, marcado especialmente pela “dificuldade de formar um grupo coeso. É um foco de resistência puxado especialmente pela Valdete. A principal dificuldade é a composição de um corpo para manter o grupo. É um desafio”.

Para a maioria, essa defasagem é uma questão de espaço que sirva como uma referência. “No início tínhamos o espaço da Unir, então era uma referência, de lá pra cá fomos só mudando de local”, lembra Valdete. Apesar dos anos de trajetória, o grupo ainda não pode consolidar um espaço para ensaios, oficinas e apresentações. Também, a oferta e espaços públicos que proporcionem essas possibilidades são raros em Vilhena. Então, resta a residência de alguém, o espaço da UNIR que abre as portas para a oferta de oficinas e apresentações, as praças da cidade, uma área verde qualquer, uma escola. Isso faz, na opinião dos integrantes, com que o grupo não tenha uma referência.

Referência essa que mudou de conceito no ano de 2020, em que o advento da pandemia e o isolamento social a que ficamos sujeitos, em decorrência do novo coronavírus, fez com que muitos artistas migrassem para o universo digital, através da internet, principalmente pelas redes sociais. Isso, sem dúvidas, ampliou os espaços e o acesso ao teatro em Rondônia. O Wankabuki fez parte dessa migração, com a participação de festivais *online* e de seus integrantes em *lives* de discussões sobre temáticas culturais e oferecendo oficinas virtuais.

Mesmo em meio a tantas contradições, as marcas do Wankabuki estão em cada integrante que passou por ele. Como em Poliana, que mesmo estando longe do grupo há mais de dez anos, ainda guarda suas lembranças. “Foi uma das melhores épocas da minha vida. O que sou hoje, meu olhar para vida hoje, com certeza devo a essa época de Wankabuki”. Poliana, hoje com 30 anos, é professora de história e mora em Dourados (MS). Flávio Inácio, 33 anos, Técnico Judiciário em Comodoro (MT), ainda guarda em suas caixas de recordações os diários que escrevia na época de Wanka, com as datas registradas e detalhes dos eventos: “Wankabuki era um pão que nutria a alma”. Visualizava o grupo como de grande importância para a cena teatral de Vilhena, que, em 2004, era muito mais incipiente que hoje. “Me ajudou na questão de comunicação, dentro e fora dos palcos”, conta Flávio.

Na visão de Dennis, 31 anos, jornalista em Porto Velho (RO), “no Wanka posso dizer que me reconheci como gente, como pessoa que pode colaborar criativamente no fazer cultural, produzindo diferentes interpretações de uma terra que ainda está por descobrir-se”. Nas palavras de Rafael, 34 anos, assistente social que viu sua vida ser transformada a cada oficina do grupo, “o Wankabuki fez bem, ajudou-me em um processo importante de me conhecer mais, conhecer meu corpo, conhecer um lado que eu não conhecia de falar em público. Faz parte do meu desenvolvimento”. Para Ledson, 35 anos, editor de vídeos em Porto Velho (RO), o Wankabuki “contribuiu para o meu desenvolvimento, perdi um pouco a timidez”. Ou ainda, na definição simples de Maycon, “O grupo é maravilhoso”.

Para Lucimar, o Wankabuki tem uma linguagem que quer comunicar algo para o público. Considera que o trabalho não está aquém dos

grupos de fora. “É um grupo que permanece na ativa, apesar de todas as dificuldades. Tem uma linguagem e quer comunicar alguma coisa. Possui qualidade. Transmite uma mensagem interessante para a sociedade”. Essa linguagem é o que faz com que seus integrantes sintam o diferencial que o grupo faz em suas vidas. “O meu maior desejo é que cheguem pessoas novas que queiram dar continuidade”.

Entre a fase inicial e a atualidade, é possível observar um grande salto estético, tanto da produção, quanto da técnica de atuação dos atores. No decorrer dessa trajetória, o Grupo de Teatro Wankabuki se coloca no lugar de ser uma voz que questiona o significado de fazer cultura em uma cidade com as características de Vilhena.

## Referências

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.

BERTHOLD, Margot. **História Mundial do Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

CAPUTO, Estela Guedes. **Sobre Entrevistas: Teoria, prática e experiências**. Petrópolis: Vozes, 2010.

COIMBRA, Oswaldo. **O Texto da Reportagem Impressa – Um curso sobre sua estrutura**. São Paulo: Ática, 2004.

ESTATUTO DA ASSOCIAÇÃO TEATRO E EDUCAÇÃO WANKABUKI. Vilhena: s. ed, 2010.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. LAGE, Nilson. **A Reportagem: teoria e técnica de entrevistas e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

\_\_\_\_\_. Linguagem Jornalística. São Paulo: Ática, 1985. In: BRASIL. **Lei n. 6.533, de 1978**. Disponível em: <[www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L6533.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6533.htm)>. Acesso em: 19 set. 2017.

LEITE, Lígia Chiappini Moraes. **O Foco Narrativo**. 5.ed. São Paulo: Ática, 1991.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: O livro - reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Campinas: Editora Unicamp, 1993.

\_\_\_\_\_. **O que é Livro-reportagem**. São Paulo: Brasilienses, 1993.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 1986.

PEIXOTO, Fernando. **O que é Teatro?** São Paulo: Brasilienses, 1998.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2011.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. São Paulo: Contexto, 2003.

ROCHA, Paula Melani; XAVIER, Cintia. O Livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalismo. **Revista Rumores**, v.7, n. 14, 2013.

SANTOS, Chicão. **História do Teatro em Rondônia - Fragmentos**. Rondônia: s.ed., 2009. Disponível em: <<http://josevaldir.com.br/site/14/noticias/folha.asp?cod=2469>>. Acesso em: 18set.2017

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de Reportagem: Notas sobre a Narrativa Jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.

SOUSA, Valdete. **O desenvolvimento do teatro em Rondônia**. 2008. 60f. Monografia (Graduação em Letras Língua Portuguesa) Universidade Federal de Rondônia, 2008.

VRENA, Cláudio. **Amazônia Encena: O Teatro De Rua Em Porto Velho-Ro**. 2012. 55f. Monografia (Licenciatura em Teatro) Universidade de Brasília, Instituto de Artes, Departamento de Artes Cênicas, Programa pró-licenciatura em Teatro, Porto Velho/RO, 2012. Disponível em: <<http://bdm.unb.br/handle/10483/5423>>. Acesso em: 18set.2017.

## **Blogs e sites**

**APÓS 19 anos de obra, teatro de RO deve ser inaugurado com 'A Falecida'. G1, Rondônia, jun. 2014**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2014/06/apos-19-anosde-obra-teatro-de-ro-deve-ser-inaugurado-com-falecida.html>>. Acesso em: 18set.2017.

**FECOMÉRCIO. Vem aí a XXI edição do Palco Giratório em Rondônia**. Rondônia, 06, set.2018. Disponível em: <<https://fecomercio-ro.websiteseguro.com/site/index.php/2016-09-02-06-09-26/noticias-fecomercio/item/836-vem-ai-xi-edicao-do-festival-palco-giratorio-em-rondonia>>. Acesso em: 16set.2020.

**FESTIVAL AMAZÔNICO DE TEATRO**. Disponível em: <<http://festivalamazonico.blogspot.com/2016/08/festival-de-teatro-apresentou-mais-de.html>>. Acesso em: 16set.2020.

**TEATRO WANKABUKI**. Disponível em: <<https://teatrowankabuki.blogspot.com/>>. Acesso em: 18set.2017.



MEMÓRIAS DA  
MARGEM:  
O NÃO-RIO,  
AS LAVADEIRAS E  
A HISTÓRIA QUE  
RENASCE

### 3. MEMÓRIAS DA MARGEM: O NÃO-RIO, AS LAVADEIRAS E A HISTÓRIA QUE RENASCE

Dennis Weberton Vendruscolo Gonçalves

“Caiu, caiu do pé de ipê, uma flor amarela bonita de ver”, cantam enquanto descem a barranca de um rio. Você vai ouvir mais uma vez, quem sabe a única vez, o canto delas. Essas mulheres que viram e ouviram a história contada nas feiras, após missas, num encontro furtivo entre comadres, na beira dos rios, seus locais de trabalho. Nessa história, gente importante é vista de longe, com olhos bem miúdos e com pouca palavra. Outras bocas, as bocas e braços invisíveis, desenrolam as trouxas de lembranças, de fragmentos domésticos, esfregam as roupas-memórias, enxáguam na água-acontecimento-esquecimento e colocam para secar nos varais do tempo. Um tempo em que poeira, lama, suor, e por que não lágrimas, garantiam o sustento de muitas mulheres e suas famílias em Rondônia. Este estado, com todas as suas complexidades e disparidades, com céu azul, como brada o hino rondoniense, e também com seus rios assoreados, mortos, encurralados, é revisitado no espetáculo *À Margem*, realizado por mulheres artistas do Grupo de Teatro Wankabuki, que tem sede administrativa no município de Vilhena, distante mais de 700 km da capital Porto Velho.

A trama de *À Margem* foi construída a partir de vozes femininas, de mães e avós, que em cena contam as histórias de rios mortos e também de famílias que abandonaram suas origens em outras paragens do Brasil e partiram em busca do Eldorado, da terra prometida, da fartura disponível mais ao Norte do país, como bradavam os anúncios midiáticos. “Em 2016, nós montamos ‘Contos do não-rio’ [uma breve cena apresentada na segunda edição do Festival Amazônico de Monólogos e Breves Cenas] que provém de uma pesquisa sobre a vinda das nossas mães para cá. Eu sentia

necessidade de começar a falar daquilo que é nosso. Eu queria contar a história de um rio morto, como tantos outros que temos aqui na cidade, dentre eles o Pires de Sá. Ao mesmo tempo eu via que a história desse rio passava pela história da ocupação de Vilhena. Enquanto a cidade ia crescendo, o rio ia minguando, então queria falar sobre isso. Comecei a conversar com minha mãe e com pessoas mais velhas, perguntando como era quando elas tinham chegado aqui. Daí eu tive esse estalo da vinda da minha própria mãe e comecei a relembrar as histórias que escutei na infância e, desta forma, foi surgindo a dramaturgia de *À Margem*”, relata Valdete Sousa, uma das fundadoras do Grupo de Teatro Wankabuki e responsável pela dramaturgia e direção de *À Margem*, espetáculo contemplado pelo Prêmio SESC-RO de Incentivo às Artes Cênicas em 2018.

### **Resgatando um quase morto**

O Rio Pires de Sá, ao qual Valdete se refere, é um dos mais importantes de Vilhena e uma parte se localiza na zona urbana do município. Ao longo do processo de ocupação populacional, o rio foi degradado, chegando a quase sumir. Quase. Com a iniciativa da professora Ana Neri, que atua em uma escola estadual, um projeto propôs a recuperação de nascentes e matas ciliares. O resultado foi o plantio de mais de sete mil mudas e a preservação de uma das nascentes, como aponta uma reportagem publicada em 24 de outubro de 2014 pelo Portal de Notícias G1 Rondônia. Em contato com a professora, Valdete tomou conhecimento do estudo. “Ela tem essa pesquisa há mais de dez anos, junto com os alunos da escola. Em conversa, ela falava sobre o Pires de Sá, sobre a revitalização do rio, que antes estava só um filete, já não tinha nem água mais, e aí comecei a me interessar muito por essa pesquisa dela e falei: ‘Ana Neri a gente tinha que escrever um espetáculo sobre isso, né’. Comecei com essas conversas com a minha mãe sobre um rio que tinha quando nos mudamos para Ji-Paraná e que hoje não existe, e era um rio limpinho que pegávamos água. Queria então falar como foi a vinda dessas pessoas para o estado de Rondônia e como isso, de certa forma, foi matando esses rios. No início, era disso que eu queria falar e acabou entrando nesta história das lavadeiras, que ficavam

nesses rios e que lavavam roupas”, detalha a dramaturga, que é licenciada em Letras – Língua Portuguesa e Literatura pela Fundação Universidade Federal de Rondônia.

A partir de relatos orais, Valdete foi tecendo os primeiros contornos da trama que já foi apresentada mais de uma dezena de vezes em diferentes cidades do Estado de Rondônia, dentre elas a capital Porto Velho, além de Ariquemes, Nova Mamoré e Vilhena, município onde reside boa parte do Grupo de Teatro Wankabuki. “Fui ouvindo histórias, conversei mais com a Ana Neri, relembrei muitas histórias do meu pai, fui coletando esses fragmentos orais, depois parti para a pesquisa histórica. Li sobre a passagem de Rondon por aqui, a respeito da lenda do Urucumacua, que conta a história de que aqui nós temos o maior tesouro perdido, que é uma coisa que os incas já pensavam. Fui muito nesse filete da história, que fala sobre a passagem de Rondon pelo Cone Sul de Rondônia, de como ele achou aqui, que tinha um tesouro perdido e que iria deixar o país inteiro rico. Depois de tudo isso coletado, eu abandonei o texto por um tempo. Quando ganhamos o prêmio do SESC, retomei as pesquisas. E aí, durante uma noite inteira acordada, escrevi a peça. Peguei o texto Contos do não-rio, reestruturei e redigi como peça mesmo, com os cinquenta minutos de cena que o espetáculo tem hoje”, narra Valdete.

### **Lavadeiras, não há mais!**

O rio quase morto ganha voz através das bocas de duas lavadeiras, que na peça não possuem nomes, e que podem ser a mãe, a avó ou a tia de você que está lendo este livro. São elas que, ao longo de quase uma hora de espetáculo, vão destrinchar a história da ocupação do estado de Rondônia, da busca desenfreada por riquezas, de pequenos e grandes, e também das desventuras dos mais fracos, daqueles que o discurso hegemônico relegou às margens do processo histórico. “Nós estamos falando de mulheres que não só vieram para Rondônia, mas que ficaram no estado. Na maioria das pessoas com as quais conversamos, a família vinha inteira para cá, mas quando chegavam aqui e os homens descobriam o quão duro era trabalhar nessa terra, uma terra com muitas facilidades, mas também dificuldades,

ficavam com certo melindre e voltavam para casa. Foi o caso do meu pai, e as mulheres não queriam voltar, porque a viagem era muito cansativa, e já que estavam aqui, por que não fazer daqui seu lar? Então, as mulheres ficaram e criaram seus filhos”, expõe Valdete.

A opção por colocar lavadeiras como protagonistas de *À Margem* foi, ao mesmo tempo, um resgate de uma personagem que a tecnologia está suprimindo do imaginário popular, como também uma homenagem à sua mãe que foi lavadeira, explica Valdete. “É uma personagem que está no imaginário da nossa história, mas ela deixou de existir. Você não encontra mais mulheres lavando roupa nos rios. Você vai ao Rio Machado [situado no município de Ji-Paraná] não tem mais ninguém, no Madeira só se for nas comunidades menores que você vai ver alguma mulher lavando. É uma personagem que está começando a desaparecer da nossa região. Apesar de ter muitos rios aqui, você quase não vê mais a mulher na beira do rio com um batente batendo roupa. Era uma personagem que eu queria resgatar, trazer de volta e mostrá-la na cena”, acrescenta.

### **Retrato de todos nós**

Partindo de histórias pessoais, de memórias das décadas de 1960, 1970 e 1980, *À Margem* tem como ponto de partida narrativo a família de Valdete, desembocando em uma saga que congrega as vivências e desafios de muitas outras e outros que se aventuraram em busca de pedras preciosas, terras e de uma vida menos sofrida. Contar essa saga, para Valdete, não foi difícil. “É uma história tão recorrente que poderia ser de qualquer família daqui da região. É muito normal isso acontecer aqui, por isso não foi difícil levar para a cena, porque é uma intimidade que não é só minha, é de um monte de gente. Foi divertido! Tem umas passagens que são muito interessantes de lembrar. Eu recordei junto com a minha mãe, ficamos mais próximas. Fiquei muito feliz quando ela viu a peça. Toda vez que vê, ela chora, então quer dizer que, de alguma maneira, a peça está tocando. Venho tentando transformar assuntos pessoais em histórias universais, ideia que eu ouvi do Fabiano Barros [dramaturgo que atua em Rondônia]. Ele faz muito isso, cada espetáculo dele é uma história que ouviu de alguém e ele

vai lá e escreve e transforma em uma coisa que todo mundo já viveu. Pensei muito sobre isso, em quantas histórias que eu conheço da minha família, ou de algum conhecido e que podem ser trabalhadas em cena. Em *À Margem*, consegui ir permeando pelas histórias da família, junto com a pesquisa sobre Rondônia”, relata.

Emoção é o termo utilizado pela atriz Tainá Sousa para definir o que o espetáculo *À Margem* causa nela a cada vez que pisa no palco e interpreta uma das lavadeiras. Em cena, ela se depara com episódios familiares de sua mãe e, também de seu tio, sua tia e sua avó. “É sempre emocionante quando falamos a respeito, principalmente para a minha avó, sempre que ela assiste. Nossa família possui uma grande quantidade de histórias e isso é muito bacana, principalmente, pela criatividade de cada uma delas. O espetáculo fluiu facilmente tendo essas memórias como embasamento”, descreve a jovem, que é sobrinha de Valdete e está no grupo desde 2014.

Um exemplo de como a dramaturgia de *À Margem* se conecta com as histórias de outras pessoas, que não às da família de Valdete e Tainá, pode ser conferido no relato de Débora Veiga Ruiz, responsável pela sonoplastia do espetáculo. “Apesar de não estar no grupo na época da pesquisa, a história da minha família também é representada ali: família grande de retirantes do Nordeste, que vem em busca do ‘Eldorado’ e de uma vida melhor. Minha avó, minha mãe e minhas tias lavaram roupas no Pires de Sá, o nosso ‘não rio’ de hoje”, fala.

### **Criando tempos e espaços amazônicos**

Sons de passos pisando em folhas secas, passarinhos cantando, outros animaizinhos também registram sonoramente passagem pela cena. Ao mesmo tempo, as lavadeiras cantam amores e decepções, enquanto lavam as roupas das gentes que vieram do Sul do país. Com esses elementos sonoros e outros, o espetáculo “*À Margem*” propõe aos espectadores um mergulho em um tempo e clima amazônicos, como descreve Valdete. “O incômodo que às vezes as pessoas sentem quando assistem ao espetáculo, por ter uma brecha de tempo que não acontece ‘nada’ no palco e fica só a sonoplastia ou com pouca luz, é proposital, porque a gente quer criar esse

espaço amazônico. Minha proposta, no início, era que ele fosse totalmente sensorial, que as pessoas sentissem um cheiro de mato, de lugar molhado, de beira de rio, ouvisse o que tem nessa mata que a gente nunca pára pra ouvir, e que sentisse esse tempo amazônico que não passa nunca, que é um tempo loongo. Era nisso que a gente estava pensando, quando criamos essa sonoplastia”, relembra.

Grande parte dos efeitos sonoros do espetáculo são executados pela sonoplasta Débora. “A ideia de fazer a sonoplastia ao vivo, era a de levar o público a uma maior imersão à floresta e ao rio, onde se passam as cenas. Na época, a Tainá Sousa fazia a sonoplastia utilizando apitos, chocalhos e instrumentos que o grupo já possuía. Quando entrei para fazer a sonoplastia, fui acrescentando outros sons de pássaros, incluí o som do ‘caminhar na mata’ e, durante a produção, também fomos comprando outros instrumentos, como o pau de chuva e o sapo. Então, essa sonoplastia está em construção contínua. Conforme vamos encontrando elementos que se adequam ao espetáculo, vou acrescentando. E a própria sonoplastia de cada apresentação, por ser ao vivo, é sempre única. Vou fazendo conforme sinto a cena”, informa a profissional, graduada em Teatro, com ênfase em Sonoplastia em Cuiabá (MT).

Além dos sons da natureza, o espetáculo é marcado por cantos de trabalho. “A maioria são músicas populares e já estão em domínio público, outras eu criei. Nesse espetáculo, a música não é ilustrativa, é necessária. Minha mãe, por exemplo, canta várias coisas que ela cantava quando estava lavando roupa ou fazendo algum trabalho manual. Isso é uma coisa normal, principalmente para o povo nordestino, que sempre está cantando enquanto trabalha, para entreter a mente, para o tempo passar mais rápido”, explica Valdete.

Enquanto isso, a iluminação do espetáculo, ora amarelada, ora vermelha, recria os dias ensolarados tão comuns em Rondônia. “A escolha é por conta dessa cor que temos no nosso estado, desse sol. Eu queria trazer essa ideia e um pouco do amarelo representa a cor da água do rio, que é da cor de folha amarelada que nós temos aqui, que não chega a ser um rio escuro, nem límpido também, é amarelado; e a iluminação segue por aí, uma vez que a maioria das cenas vai acontecer embaixo desse sol, com as lavadei-

ras fazendo o trabalho delas”, esclarece Valdete, que destaca também que *À Margem* pode ser apresentada em espaço aberto. “Depois da estreia, em outras ocasiões apresentamos durante o dia, em uma escola, embaixo de umas árvores. Foi lindo, com a iluminação do sol e com as árvores balançando”.

### **Um cacaió (ou sarapilha) cheio de recordações**

“Nossa, ficou lindo! Que maravilhoso! O senhor é um artista!”, elogia Valdete, que observa o caminhãozinho feito de madeira pelo artesão Vilson. Estamos em uma manhã de sábado (11 de agosto de 2018), em que a artista verifica o andamento da confecção de alguns objetos de cena do espetáculo, que estreará no Palco Giratório, no dia 16 de setembro de 2018. O ancião apresenta alguns truques que adicionou para o brinquedo/objeto de cena ter melhor desempenho. “Que legal! Isso daqui vai ser um show. Tem é que tomar cuidado, porque a criançada vem tudo em cima”, diz a atriz aos risos. Além do caminhãozinho, que será utilizado na cena de abertura para retratar a vinda dos migrantes ao estado de Rondônia, seu Vilson também está responsável por confeccionar uma mala (onde será guardado o caminhão) e um baú que servirá para armazenar parte do cenário e de apoio para a manipulação dos bonecos. Entre uma conferência e outra, o artesão, sabendo do enredo da peça, confia memórias sobre a sua vinda para Rondônia, dentre elas, as características do cacaió, por ele chamado de sarapilha, utilizado por moradores durante suas jornadas entre uma cidade e outra, muitas vezes, percorridas a pé. É nesse espírito de resgate, onde todos os habitantes têm algo a dizer sobre a colonização do estado, que *À Margem* finca sua dramaturgia, provocando identificação até mesmo antes de estreiar.

Antes de ser madeira serrada e esculpida, o caminhão e outros objetos de cena foram ideias que pularam da cabeça de Tainá para os papéis. “As coisas do cenário, a maioria foi a Tainá quem desenhou, os caixotes, o caminhão, a mala. Os outros objetos de cena eu fui inserindo conforme as necessidades, as bacias, os baldes, as panelas, colheres, muito dessas coisas que estão na cena são da minha mãe. A maioria é de objetos que já tem uma história, uma afetividade que já vem de outros lugares”, informa Valdete.



Tainá, que cursa Arquitetura e Urbanismo no Instituto Federal de Rondônia, em Vilhena (RO), conta que a sua formação contribuiu com alguns conhecimentos extras na hora de pensar os objetos de cena, “[...] mas minha maior experiência com artes manuais adquiri sozinha, por ser uma área que me dedico desde a infância. A minha formação é importante quanto ao planejamento técnico dos adereços e cenários, assim posso passar para o papel de forma mais precisa e adequada e, em seguida, executar”.

### **Lençóis, bonecos e uma trouxa de roupas com muita prosa**

Os lençóis no varal anunciam que a cena é um local de trabalho. A eles vão se juntar, mais tarde, outras estampas, tamanhos, formas e texturas. A água do pequeno riacho instalado em cena, aliada à técnica, ao sabão e à força dos resistentes braços das lavadeiras, vai limpar o suor e outros fluídos depositados nas roupas dos migrantes mais abastados. Vai limpar também as roupas das lavadeiras que, com esmero, mantém suas vestimentas sempre em bom estado de conservação. “Para o figurino eu fiz uma pesquisa sobre lavadeiras, vi algumas fotos de mulheres que lavavam roupa no nosso Estado. Também pesquisei sobre lavadeiras em outras partes do país. A partir disso, comecei a esboçar o figurino. Fiz uma pesquisa sobre tecidos que eram utilizados na época, conversei com a minha mãe sobre as roupas que ela tinha quando chegou aqui. Demorei certo tempo nesta pesquisa, porque não é fácil achar tecidos mais antigos, os tecidos são todos novos, com elastano e outras coisas e eu queria um tecido que realmente fosse do período. Algumas pessoas falaram na estreia que o figurino tinha que estar amassado, sujo, mas na pesquisa que fiz, não vi nenhuma lavadeira suja, nem amassada, nem mal arrumada. Elas usavam sim a roupinha para dentro da saia, a blusinha bem abotoada, a roupa limpa, porque afinal de contas elas são lavadeiras, então a roupa tem que estar limpa, porque se elas pegam a roupa dos outros para lavar e chegam lá todas sujas, quem é que vai querer contratar, né?”, comenta Valdete a respeito de uma das críticas que recebeu sobre o espetáculo.

Tecido é o que não falta em *À Margem*. Além de estar presente nos figurinos, espalhado pelo cenário, também é a base para a confecção de dois bonecos que personificam a infância de Valdete e de seus irmãos. “Com

esses bonecos de pano, eu queria trazer a referência da infância minha e da minha irmã. Então, eu coloco as duas crianças do espetáculo sendo esses bonecos de pano, para trazer essa lembrança da brincadeira”, explica a atriz, que confessa gostar de manipulação de formas animadas: “Desde o início, quando comecei a fazer teatro, já trabalhava com a manipulação de fantoches. É um assunto que me interessa muito”.

## **História para todas e todos**

As vozes que falam em *À Margem* são de gente silenciada pelo discurso hegemônico, varridas ou só lembradas de forma superficial no processo histórico-político do Brasil. “Se for dar voz para aquele que já tem nos livros de história, na TV, ou que já tem o poder, então não tem por que estarmos fazendo esse trabalho. Nós, enquanto atores, dramaturgos, diretores de teatro, precisamos trazer para a cena aquilo que as pessoas não conhecem bem, no dia a dia. É trazer as nossas lendas que estão desaparecendo, sumindo embaixo de tanta tecnologia. É resgatar nossos personagens cotidianos, os quais passamos por eles todos os dias e fingimos não ver, é apresentar esses personagens que passaram em branco na história e que realmente construíram o Estado. Aqueles que com a força de trabalho, com o suor da testa, como diz no texto, construiu esse estado aqui do zero”, argumenta Valdete.

As vozes dos esquecidos pela historiografia oficial é o que alicerça *À Margem*, mas só isso não é o suficiente. É preciso contar uma história que o máximo de pessoas compreendam. Para isso, as atrizes do Wankabuki, durante a concepção do espetáculo, pensaram na questão da acessibilidade, propondo a tradução e interpretação em Língua Brasileira de Sinais (Libras). “A interpretação em Libras é algo que descobrimos ao começar a montar o espetáculo *Já passa das oito*. Levamos uma leitura dramatizada da peça para uma escola e lá tinha vinte surdos, aí a Lu Rodrigues [*integrante do Grupo de Teatro Wankabuki*] conseguiu um tradutor de Libras da escola, e nos apresentamos. Foi tão lindo, a gente se emocionou tanto. Foi tão bom e gratificante, que fiquei com isso na cabeça. E quando fomos montar o projeto para o Sesc, o edital pedia a questão da acessibilidade e eu coloquei. O trabalho com a intérprete em cena fazendo a tradução foi maravilhoso,

ainda mais com a nossa intérprete, que é a Nubia Lopes, uma das melhores intérpretes do estado. Ela se dedicou muito ao texto e à tradução e interpretação”, contou Valdete.

Visitas guiadas ao cenário para pessoas cegas ou com baixa visão também integram as propostas de acessibilidade do espetáculo. “Em 2018, quando assisti *Seu Bonfim*, fiquei surpresa positivamente com a existência de interpretação em libras do espetáculo, feita por vídeo. Foi a primeira vez que vi esse tipo de acessibilidade no teatro. O edital do Sesc exigia a inclusão, então essa foi uma das alternativas que escolhemos. E a questão das visitas guiadas foi uma dica que pegamos com a Companhia Território Sirius de Teatro, que também tinha essa opção para *Seu Bonfim*. Uma coisa que o Sidney [amigo que apresentou questões de acessibilidade e inclusão para Débora em um grupo do Facebook, em 2016] sempre diz, é que a acessibilidade deve vir antes da necessidade, então sempre que possível levo para os projetos que participo essa mentalidade. Vemos poucas pessoas ou nenhuma com deficiências físicas no teatro porque não é acessível a elas. E a acessibilidade é uma forma de fidelizarmos um público que é carente de acesso às artes”, relata Débora.

### **As vozes que narram o percurso**

Do que é feito um espetáculo? Uns dirão que é feito de maquiagem (que vai transformar jovens em senhoras com mais de 40 anos), de luz (que vai reproduzir aquele sol quente do Norte na moleira de quem trabalha longe da sombra), de sons (que vai te levar para dentro da mata, para perto do rio), de vestimentas (limpas, estampadas, com cores fortes ou mais suaves), de objetos cênicos (construídos ou emprestados que levarão nossas imaginações para três, quatro ou cinco décadas atrás). Outros vão citar ainda os discursos recolhidos de fontes múltiplas e que são costurados e colocados ao sol da criatividade para germinar. E, por fim, vão destacar que um espetáculo é composto de gente, principalmente de gente (que vai se desdobrar para escrever, dirigir, atuar, divulgar, e muitas outras funções, não é mesmo Valdete, Tainá e Débora?). E gente mulher, que fique bem claro. “São mulheres em cena, falando sobre mulheres e o espetáculo foi escrito e

dirigido por uma mulher, então é muito forte. É um espetáculo totalmente feminino. Em Vilhena, praticamente são só mulheres que fazem teatro. É muito difícil encontrar um homem para fazer um personagem. Os homens entram e saem do grupo, não se firmam, não ficam”, reflete Valdete.

Esse protagonismo feminino veio de uma forma quase natural, segundo Tainá. “No fim das contas, apenas nós mulheres ficamos para assumir os espetáculos. É importante lembrar que além dos palcos somos responsáveis pela parte técnica, montagem dos cenários, por vezes a iluminação e transporte de tudo, isso reforça a independência e força do grupo, principalmente para outras mulheres”, destaca.

Débora explica que busca incentivar e divulgar a produção cultural e artística de mulheres. “Pois se não formos nós a levantarmos umas às outras, quem será? Então, me sinto muito grata de trabalhar com mulheres tão maravilhosas e ativas no fazer artístico. Eu acho muito simbólico e potente sermos só mulheres em cena, pois a própria raiz da dramaturgia são as histórias reais de nossas mães, avós e vizinhas que vieram para Rondônia atrás de um futuro melhor. E, chegando aqui, tiveram que enfrentar situações desagradáveis em uma sociedade muito mais machista do que hoje. E apesar do distanciamento temporal, mesmo um curto período, Rondônia é um estado muito novo e o espetáculo gera fácil identificação e reconhecimento no público que assiste. Por isso, acho importante que esta encenação esteja acontecendo hoje, pois retrata um período não muito distante, mas que ainda representa a cultura local. É fato que vivemos em uma sociedade patriarcal, machista e capitalista e, por estarmos inseridos nessa sociedade, muitas vezes não enxergamos as problemáticas que essa estrutura gera, pois parece tudo normal e natural. Mas, apresentando ao público esse recorte no formato de teatro, acredito que conseguimos dar algumas cutucadas e fazer algumas pessoas pensarem e se questionarem sobre o assunto”, complementa a artista.

### **1, 2, 5... 10... 15 anos de aventuras...**

O figurino de lavadeira já está no corpo da atriz, enquanto ela, com maquiagem, vai se transformando em uma mulher mais velha. O clima no camarim é de descontração, muitas risadas. Tainá faz aquecimento vocal

enquanto define os contornos de sua personagem. Débora, a sonoplasta e *social media* do Wankabuki, confere as redes sociais do grupo. A tradutora e intérprete de Libras, Nubia Lopes, dá mais uma olhada no texto. O celular grava Valdete, e o interlocutor pergunta: “Val, como você se sente fazendo esse espetáculo agora?” ao que a atriz já dispara: “Com as pernas tremendo né, porque a gente vai estreiar no Palco Giratório!”. É dia 16 de setembro de 2018. Estamos a poucos minutos da noite de estreia de *À Margem*, no principal evento de artes cênicas de Rondônia, promovido pelo Sesc: o Palco Giratório. Mas, o trabalho no Teatro Sesc Esplanada I, em Porto Velho, começou bem antes, com a montagem da piscina no meio do palco, que representa o rio não-rio, com a afinação da luz realizada por Edmar Leite e um último ensaio para garantir que tudo funcionará conforme o planejado.

Aos poucos, o público vai ocupando as cadeiras do local, até que... começa o espetáculo. Tainá entra em cena com uma mala grande de onde tira o caminhãozinho de madeira confeccionado pelo senhor Vilson. Adiciona na carroceria alguns bonecos de pano, que representam aqueles que migraram para a região Norte do Brasil, nas décadas anteriores. Em seguida, empurra o brinquedo pelo palco simulando o trajeto cheio de obstáculos (o corpo da atriz se transforma em morro) até a chegada na terra de oportunidades. Seguem-se cenas com cantos de trabalho, conversas entre lavadeiras, manipulação de bonecos que remetem à infância de Valdete e seus irmãos, entrada e saída de um caçateiro/garimpeiro e o final marcado pelo desaparecimento das lavadeiras que, agora atrizes, se banham nas águas de um rio barrento ao som do Hino de Rondônia: “Aqui, toda vida se engalana, de beleza tropical, nossos lagos, nossos rios, nossas matas, tudo enfim”. A luz vai sumindo... e fim.

As atrizes se secam (depois de ficarem quase uma hora dentro da piscina com água), enquanto conversam com parte do público que ficou após o espetáculo para o bate-papo. “Por ser a estreia oficial, após alguns ensaios abertos apenas, fiquei um pouco nervosa, mas me senti preparada e confortável”, confidencia Tainá, meses após a primeira apresentação. De lá para cá, foram mais 12 apresentações de *À Margem*, a última delas, mais uma vez em Porto Velho, durante o Madeira Festival de Teatro, realizado entre os dias 05 e 09 de junho de 2019. O espetáculo percorreu, em outubro de 2018, escolas estaduais e outras organizações, tocando em temas como protagonismo femi-

nino e preservação ambiental, assuntos recorrentes na trajetória de mais de quinze anos no grupo. “Montamos de tudo, mas temos uma pegada ecológica. Em um dos textos montados, falamos do desaparecimento dos índios e natureza [Espetáculo *A lenda da ecologia*, apresentado em 2005, logo no início do Wankabuki]. Em outro, o *Perdidos na Floresta*, de 2009, conversamos com crianças sobre a preservação do meio ambiente. Mas, também, trabalhamos com espetáculos que vão tratar sobre o feminino e espetáculos políticos, onde discutimos sutilmente sobre o que está acontecendo no país, na nossa cidade. Tivemos performances em 2014, durante a Copa do Mundo, que discutiram várias questões políticas que o país estava passando, enquanto estava todo mundo assistindo futebol e comemorando. Nós temos uma pegada crítica em relação a vários assuntos. Se não for para criticar e falar das coisas erradas, para que trabalhar com arte, né?”, alfineta Valdete.

De 2003 até os dias atuais, foram muitos os trabalhos desenvolvidos pelo Grupo de Teatro Wankabuki, que surgiu dentro da Universidade Federal de Rondônia, *campus* de Vilhena. A ideia de se reunir para montar um espetáculo foi de Valdete Sousa, que havia acabado de chegar de Ji-Paraná, onde morava e participava do Grupo Arterial. A jovem migrou para o Cone Sul de Rondônia com o objetivo de estudar Licenciatura em Letras na UNIR. “Eu precisava continuar a fazer teatro, porque para mim teatro é uma necessidade. Comecei a ir em tudo o que diziam que era grupo de teatro, fui em teatro de escola, fui em outro que era na igreja. Queria entrar em algum grupo, não queria montar um, só que não me identifiquei com nenhum deles. Pensei: ‘vou na Unir mesmo, ver o que acontece’. E lá encontrei duas pessoas que se interessavam, a Núbia Rodrigues e a Diomar Soares. Começamos a conversar e elas falaram: ‘Ah que legal, também queria fazer teatro, mas nunca soube como é’. Mostrei o texto ‘Morte e Vida Severina’ para elas, tinha trazido todas as coisas do espetáculo que já havia sido montado pelo Arterial. O Firminetto Mendes [artista de Ji-Paraná que dirige o Grupo Arterial] me deu figurino, painel, o que tinha do espetáculo ele me deu. Aí falei para as meninas: ‘Olha, a gente podia montar’ e elas já se apaixonaram, porque João Cabral não tem como não se apaixonar, e daí começamos a trabalhar esse texto. Éramos só em três, fomos agregando gente, convidando”, relembra a presidente do grupo.

O trio recebeu apoio de um dos professores do Departamento de Letras, Oswaldo Gomes, que estava em processo de montagem de um grupo na UNIR. Em 2004, o grupo estreou “Morte e Vida Severina”, durante o IX Seminário de Estudos Linguísticos e Literários (SELL), evento organizado pela instituição educacional. “As montagens eram bem simples, até porque eu não tinha o conhecimento que tenho hoje, que não é tanto, mas que é mais do que era naquela época [ri]. Uma coisa que eu sinto falta que fazíamos no início e que não fazemos mais é trabalhar muito com literatura. Hoje não trabalhamos mais tanto assim. Entramos em outra fase, que é a da pesquisa”, segreda Valdete.

De Mostras de Performances (2012 a 2014), aos Festivais de Monólogos e Breves Cenas (2015, 2016 e 2018), passando por produção de videoclipe (*Negrolô*, 2006), leituras dramatizadas (promovidas principalmente pelo Sesc entre os anos de 2012 e 2014), saraus (*Poesia da Boca para fora* – 2011 e 2012), temporadas de espetáculos (*Morte e Vida Severina*, *A lenda da Ecologia*, *Vai Carlos, ser gauche na vida*, *Tragédia no Lar*, *Perdidos na Floresta*, *José & Cia*, *Jujubinha e Paçoquinha em Gostosuras e Travessuras*, *O Amor de Colombina*, *Já passa das oito*, *À Margem*), apresentações em praças vilhenenses (*Projeto Invadindo a Praça*, 2011) e oficinas de iniciação teatral (a partir de 2010), o Wanka, como é conhecido por seus participantes, ex-integrantes e pessoas mais próximas, experimentou várias possibilidades cênicas, passando do palco do anfiteatro da Unir para as ruas, praças, jardins, bares, casa de chá, hospitais, escolas, e outros espaços, figurando nos jornais e sites do Estado do Rondônia.

“Um momento que foi muito marcante e que me emocionou bastante foi o primeiro festival que realizamos, em 2015. O projeto do festival estava na gaveta já tinha uns dois anos ou mais. Era uma coisa que eu sonhava em fazer, mas não tinha ideia de que ia dar certo. Em 2015, fomos contemplados com o edital do Banco da Amazônia e fizemos o Festival. Foi muito importante, porque mostrou que tínhamos conseguido chegar a algum lugar, trazendo para Vilhena uma série de artistas do nosso estado, para apresentações e outras atividades. O grupo para mim é um filho. Investi uma parcela grande da minha vida nisso, e é por isso que eu cuido, que eu tenho tanto cuidado, porque não é só um grupinho de amigos de fim de semana. Eu vivo

isso 24 horas por dia. Minha ligação é muito forte”, revela Valdete, ressaltando que o teatro, para ela “[...] é vida, é como se ele fosse um personagem vivo e ele está o tempo todo na minha vida, é uma parte dela. Não tem como ignorar! Se tirar o teatro da minha vida, eu não sei o que sobra”.

### **...Que continuamos a escrever!**

Núbia, que atualmente mora em Comodoro (MT), resgatou em seu livro-reportagem, grande parte da história do Wanka, desde as primeiras conversas para a montagem de *Morte e Vida Severina*, em 2003, até o momento em que o grupo se torna Ponto de Cultura, em 2017. O espetáculo *À Margem* ainda era uma breve cena (*Contos do não-rio*), apresentada durante a segunda edição do Festival de Monólogos e Breves Cenas, em 2016, mas já figura na obra, e nas p. 85 a 86, destaca-se o seguinte trecho:

Resgatando a imagem de um rio que durante muito tempo serviu para que as mães de família lavassem roupa, ou mesmo levassem água para casa, para beber. O espetáculo busca retratar também nuances da natureza desta região amazônica e suas peculiaridades culturais, desenvolvidas através da mistura de povos e cultura.

De 2017 até o momento atual, outros momentos importantes da história do grupo continuaram a ser contados em seu blog e outras redes sociais. Um dos mais significativos foi a conquista do Prêmio Sesc de Incentivo às Artes Cênicas em 2018, que propiciou a montagem do espetáculo *À Margem*, obra mais recente do Wankabuki. Em pouco mais de um ano, muitos foram os quilômetros percorridos por Valdete, Tainá e Débora, entre Vilhena e Porto Velho; depois, entre Vilhena e Cuiabá, e, de lá, para a capital rondoniense [Débora mora atualmente na capital matogrossense], nos mesmos caminhos pelos quais passaram milhares de migrantes. Tudo isso, com o objetivo de levar a públicos variados as histórias de lavadeiras, de um não-rio, de gentes às margens. Enquanto isso, relatos sobre apresentações, oficinas, enfim, das ações do Wanka, são postados quase que diariamente no *Facebook*, *Instagram*, apresentados em *podcasts*, entrevistas para emissoras de televisão, livros-reportagens e trabalhos acadêmicos. “Fico feliz porque



dentro do grupo nós temos outros pesquisadores [Valdete pesquisou sobre a história do teatro em Rondônia para conclusão da Licenciatura em Letras/Português, cuja íntegra consta na primeira parte deste livro] como, por exemplo, a Núbia, que também fez sua monografia contando a história do grupo. Acho que a gente tem mesmo que falar sobre a nossa história, pesquisar mais sobre ela. Nós sempre tivemos essa ligação muito forte com a Universidade, nós surgimos lá. Então, sermos convidados para congressos, ter citações sobre o grupo em trabalho de pós-graduação de uma acadêmica da Universidade Federal do Amazonas falando sobre o nosso Festival [*Amazônico de Monólogos e Breves Cenas*], e de outra acadêmica da Universidade Federal de Rondônia analisando o texto de *À Margem* me deixa muito feliz, porque nós estamos servindo de material de pesquisa para outras universidades, outros pesquisadores e estudantes. Isso quer dizer que, de alguma forma, estamos começando a crescer”, pontua Valdete, enquanto planeja as próximas ações do Wankabuki.

## Referências

ARAÚJO, Fabiene Moraes. **Festival de Teatro da Amazônia**: Atividade mimética em cena. 2018. 140f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2018. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/6846>. Acesso em: 28 maio 2019.

BONI, Jonatas. **Projeto de escola pública recupera nascentes de rio em Vilhena**. G1 Rondônia, Vilhena, 24, outubro 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2014/10/projeto-de-escola-publica-recupera-nascentes-de-rio-em-vilhena-ro.html>>. Acesso em: 15junho2019.

NAVARRETE, Ludmila Godoi. **O teatro de empoderamento feminino em Porto Velho-RO**: a diversidade cultural vista sob a ótica da análise do discurso e dos estudos de gênero. 2019. 118f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Fundação Universidade Federal de Rondônia. Porto Velho, 2019. Disponível em: <<http://www.mestradoemletras.unir.br/uploads/91240077/DISSERTACAO%20DEFESA%20LUDIMILA%20NAVARRETE%2012%2010%202019.pdf>>. Acesso em: 23jun.2020.

OLIVEIRA, Núbia Rodrigues de. **Wankabuki: o palco é a vida! Trajetória de um Grupo de Teatro**. 2017. 96 f. Monografia (Graduação em Comunicação Social/Jornalismo) – Fundação Universidade Federal de Rondônia, Vilhena, 2017.

SOUSA, Valdete. **À Margem**: Dramaturgia do espetáculo.[s.l.: s.ed.], 2018.



## VOZES DA MEMÓRIA

Organizar as vozes que falam de boca em boca os contos do passado. Da primeira pesquisa aqui apresentada até a última, se passaram mais de dez anos. Das inquietações de uma acadêmica de graduação do Curso de Letras até a visão poética do graduando de licenciatura em Teatro. Passando pelas memórias de um personagem que narra, em primeira pessoa, sua trajetória pelo teatro em uma cidade do interior na Amazônia. O universo, ainda inexplorado da escrita a respeito das produções teatrais em Rondônia é rico e cheio de lacunas que o tempo e o descuido com a história promoveram.

Em mais de cem anos de ocupação, poucas são as narrativas que constam aqui e ali uma passagem sobre a presença do teatro no Estado. O trabalho de pesquisa é, sobretudo, um ato de perseverança, um garimpo minucioso em revistas, jornais e arquivos pessoais. Acima de tudo, é fé e desapego dos colaboradores que abrem suas vidas, emprestam suas memórias e, entre sorrisos, recontam o passado. Como um quebra-cabeça a história flutua pelos anos esperando ser montada, decifrada e reunida em páginas. Não deciframos por completo, e sim plantamos a semente da pesquisa, esperançosos em provocar a curiosidade dos leitores.